

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

**Acertando os ponteiros: o ofício do relojoeiro na
contemporaneidade paulistana**

André Pelizario Fiorelli

SÃO CARLOS – SP

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

**Acertando os ponteiros: o ofício do relojoeiro na
contemporaneidade paulistana**

André Pelizario Fiorelli

Texto de dissertação apresentado como pré-requisito para a obtenção de título de Mestre em Sociologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Orientadora: Prof^a. Titular. Dra. Maria da Gloria Bonelli.

São Carlos - SP

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato André Pelizario Fiorelli, realizada em 05/08/2021.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Maria da Glória Bonelli (UFSCAR)

Prof. Dr. Jordão Horta Nunes (UFG)

Prof. Dr. Fábio José Bechara Sanchez (UFSCAR)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

Dedico esta pesquisa aos “homens do tempo” que compartilharam suas trajetórias na ocupação de relojoeiro comigo. Artesãos que conservam a vida dos relógios, os quais não apenas marcam o tempo, mas fazem parte das histórias dos lares e das cidades.

Ao meu bisavô Augusto Fiorelli, que iniciou o percurso do ofício do relojoeiro na família. Queria ser um pouco mais velho na época que você era vivo e contava as suas histórias de vida, principalmente na oficina. Este trabalho também é uma homenagem para você.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à minha família (meus pais Eliana e Augusto, e minhas irmãs Marianna e Daniela) que me proporcionou realizar o mestrado sem bolsa e em meio a pandemia. Tenho muita gratidão e amor pelo apoio moral e até acadêmico que vocês deram (por meio da Daniela, minha co-orientadora). Amo muito vocês, espero que esta pesquisa traga muita felicidade, e sem dúvida essa minha conquista é a conquista de vocês também.

Em especial eu agradeço o meu pai Augusto Cesar Sampaio Fiorelli, que possibilitou que esta pesquisa fosse pensada. Gratidão pelas vivências que tenho em seu ofício desde pequeno e pelas grandes conversas em que você compartilhou algumas histórias da sua trajetória com seu mestre avô e me ajudou a desenvolver este trabalho. Tenho muito orgulho de seu percurso, sinta-se homenageado nesta pesquisa.

Sou muito grato também a minha orientadora Prof^a Dr^a Maria da Glória Bonelli, por acolher minha pesquisa na seleção de mestrado em 2018 e por contribuir imensamente na trajetória de meu trabalho e na minha formação acadêmica, sobretudo na área de Sociologia das Profissões e Ocupações (cujo grupo de pesquisa foi muito importante, agradeço a cada um do grupo). Aprendi e aprendo muito com suas orientações Glória, e tenho um grande respeito e admiração pela docente e pessoa que é. O meu profundo obrigado, que possamos continuar essa parceria (enquanto pares sociólogos) no futuro.

Também não poderia deixar de agradecer ao Prof. Dr. Fabio José Bechara Sanchez e Prof. Dr. Jordão Horta Nunes por contribuírem imensamente na trajetória de minha pesquisa com seus comentários e sugestões desde a banca de qualificação.

Agradeço demais por fazer parte da turma de mestrado de 2019 do Programa de Pós- Graduação em Sociologia da UFSCAR (PPGS). Turma maravilhosa na qual tive profundas vivências naquele ano, parecendo que a gente se conhecia há mais tempo. Cada um de vocês Amissão, Ana, Bruna, Carol, Gustavo, Iberê, João, Karina, Nayhara, Raphael, Rangel, Janet, Murilo, Luana, Simon, Erica e Marzane (as duas últimas são do doutorado, mas fazem parte desta turma) foram importantes para o meu percurso. Tenho certeza de que o caminho de cada um de vocês terá muitas conquistas e felicidades. Um grande abraço!

Gratidão ao PPGS da UFSCAR por todo o trabalho realizado ao longo deste percurso, seja no trabalho solícito da secretária Silmara, no trabalho de apoio dos

discentes das comissões do programa ou no trabalho dos docentes realizado nas disciplinas do curso de mestrado, nas palestras e minicursos.

Agradeço aos meus amigos que de alguma forma me ajudaram desde o processo de seleção de mestrado até agora: em especial cito o zanmi-m Frantz Rousseau Déus, grande pensador social – haitiano, uma pessoa de sensibilidade enorme que me ajudou em meu *percurso*, expressão que ele gosta de falar e que adotei. Sou grato também aos meus amigos Érico Macedo e Marcelo Santana, cujos rolês culturais que tive com eles na cidade de Campinas-SP antes da pandemia (saudades demais) permitiram que eu desligasse um pouco da vida acadêmica e pudesse retomá-la estando mais leve. Por fim, cito os zanmi- m yo Berno, Mackendy Pierre, Dieumetre Jean, Tomy Felixon, Johnny Alouizor, Ismane Desrosiers, dentre outros; e falo também dos meus amigos da graduação da Unicamp em que tive uma grande convivência (infelizmente alguns deles eu perdi o contato): Livan Chiroma, Lucas Forlevisi, Milena Brentini, Rafaela Cotomacci, Gabriela Serpa, Jhonathan Julião, Silvio Shina, Gustavo Angelo, Eduardo Souza, “Baiano da Maloca”, Ian, Marcelo Mariozzi, Matheus Izidoro, Agnus Lauriano, dentre outros.

RESUMO

A pesquisa objetiva analisar a reconfiguração do ofício do relojoeiro na contemporaneidade da cidade de São Paulo, compreendendo em que medida o ofício, com sua noção de tempo, persiste e se ressignifica. Consideramos que o ofício do relojoeiro apesar de sofrer forte declínio, se reinventa no contexto atual marcado pela digitalização do tempo. Uma das hipóteses que apresentamos de reconfiguração do ofício consiste na adaptação dos relojoeiros às transformações desempenhadas pela racionalização econômica produzida pela Terceira Revolução Industrial. Foi realizado um levantamento bibliográfico tendo em vista as categorias de ofício, profissões e tempo, que dialogam com a problemática da investigação. Além disso, foram feitas entrevistas semiestruturadas com relojoeiros da cidade de São Paulo, de maneira a entender como os sujeitos refletem sobre a sua trajetória no ofício e quais estratégias eles adotam para exercê-lo atualmente. Observamos que o declínio do ofício ocorrido ao longo do capitalismo informacional, gerou outros perfis de relojoeiros e outras relações de trabalho na contemporaneidade. Ademais, observamos que se o mundo atual flexível vem desafiando a ocupação de relojoeiro com suas relações laborais e com a tecnologia digital, a rede de clientes dos relojoeiros e as estratégias de organização individual e coletiva desses trabalhadores no meio virtual têm sido importantes para a continuidade do ofício na contemporaneidade.

Palavras-chave: Ofício, Tempo, Profissões e Contemporaneidade.

ABSTRACT

The research objective analyzes the reconfiguration of watchrepair's craft in the contemporaneity of São Paulo city, understanding to what extent the craft, with its notion of time, persists and resignifies itself. We consider that the watchrepair's craft, despite suffering a sharp decline in modernity, reconfigures in the current context marked by digitalization of time. One of the hypotheses that we present for the reconfiguration of craft consists in the adaptation of watchrepairs to the transformations performed by the economic rationalization of the Third Industrial Revolution. A bibliographic survey was realized, considering the categories of craft, professions and time, which dialogue with the research problem. Furthermore, semistructured interviews were made with watchrepairs of São Paulo city, in order to understand how they reflect about your trajectory in the craft and what strategies they adopt to exercise it today. We observed that the decline of the craft that occurred during informational capitalism, generated others watchrepairs profiles and other work relationships in contemporaneity times. Apart from, we note that if the current flexible world is challenging the watchrepair occupation with their labor relations and digital technology, the watchrepair's clients network and the collective and individual strategies in the virtual environment have been important for the reproduction of the craft in the contemporaneity.

Keywords: Craft, Time, Professions and Contemporaneity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1 O ofício do relojoeiro: o tempo marcado pelo relógio mecânico.....	15
1.2 O ofício do relojoeiro no Brasil.....	17
1.3 Do meu contato com o relojoeiro e seu ofício.....	25
1.4 Materiais e métodos.....	26
1.4.1 Perfil dos relojoeiros entrevistados.....	27
1.4.2 Atuação no ofício.....	30
2. CAPÍTULO I: TRAJETÓRIAS DOS RELOJOEIROS.....	32
2.1 Relojoeiros mecânicos.....	32
2.1.1 Relojoeiros mecânicos no geral.....	32
2.1.2 Relojoeiros mecânicos de pulso.....	39
2.1.3 Relojoeiros mecânicos pendoleiros.....	42
2.1.4 Transformações no ofício.....	48
2.1.5 Atribuindo identidades aos “trocadores de bateria”.....	63
2.2 Relojoeiros Eletrônicos.....	68
2.2.1 Contrapondo a identidade atribuída.....	71
2.2.2 Gênero como potencialidade de reconhecimento na relojoaria.....	74
3. CAPÍTULO II: O OFÍCIO DO RELOJOEIRO HOJE: ESTRATÉGIAS PARA O EXERCÍCIO DA OCUPAÇÃO.....	82
3.1 Rede de clientes (relações simbólicas).....	82
3.2 O uso da internet como estratégia individual e coletiva.....	87
3.3 O sindicato na ocupação de relojoeiro na cidade de São Paulo.....	91
3.4 As novas configurações do mundo do trabalho e seu impacto sobre os relojoeiros...93	
3.5 A indústria relojoeira suíça e suas relações com a ocupação de relojoeiro no Brasil.....	101
3.6 O futuro do ofício do relojoeiro.....	109
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	120
6. APÊNDICE.....	129
6.1 Perfil sociodemográfico.....	129
6.2 Trajetória no ofício e transformações.....	129
6.3 A reconfiguração atual do ofício e as estratégias adotadas para o exercício da ocupação.....	130
6.4 A relação entre o ofício do relojoeiro com os patrimônios culturais da cidade de São Paulo.....	130
6.5 As perspectivas do ofício para o futuro.....	130
6.6 Comparação entre relojoeiros mecânicos e eletrônicos.....	130
6.7 Gênero e relojoaria (relojeira Ana).....	130

LISTA DE QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

Quadro 1 - Perfil sociodemográfico dos relojoeiros.....	28
Quadro 2 - Atuação no ofício.....	31
Quadro 3- Vínculo de trabalho dos relojoeiros.....	32
Tabela 1 - Número de relojoeiros (reparação) por região (2003-2019).....	54
Tabela 2 - Número de relojoeiros (reparação) na cidade de São Paulo (2003- 2019).....	54
Tabela 3 - Número de relojoeiros (fabricação) por região (2003-2019).....	56
Tabela 4 - Número de relojoeiros (fabricação) na cidade de São Paulo (2003-2019).....	56
Tabela 5- Número de relojoeiros (reparação) segundo a faixa etária (2003-2019).....	57
Tabela 6 - Número de relojoeiros (fabricação) de acordo com a faixa etária (2003-2019).....	58
Tabela 7 - Faixa de remuneração média (em salários mínimos) do relojoeiro (reparação) no Brasil (2003-2019).....	61
Tabela 8 - Relojoeiros (reparação) segundo o sexo do trabalhador (2003-2019) no Brasil.....	75
Tabela 9 - Relojoeiros (reparação) segundo o sexo do trabalhador na cidade de São Paulo (2003-2019).....	75
Tabela 10 - Faixa de remuneração média (em salários mínimos) segundo o sexo do reparador de relógios no Brasil (2019).....	78
Tabela 11 - Faixa etária da ocupação de relojoeiro (reparação) segundo o sexo (2019)..	79
Tabela 12 - Número de relojoeiros (fabricação) segundo o sexo do trabalhador (2003-2019).....	80
Tabela 13 - Faixa de remuneração média (em salários mínimos) do relojoeiro (fabricação) segundo o sexo do trabalhador em 2019.....	81
Gráfico 1 - Faturamento do setor relojoeiro no polo industrial de Manaus (2008-2017).....	107
Gráfico 2 - Valor médio dos relógios (em dólares) e mão de obra empregada no setor relojoeiro do polo indústria de Manaus.....	107
Gráfico 3 - Vendas Apple x Indústria relojoeira suíça (2016- 2017).....	108

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APAMAGIS - Associação Paulista de Magistrados.

CAGED - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados.

CLT - Consolidação das Leis do Trabalho.

FATEC - Faculdade de Tecnologia.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

RAIS - Relação Anual de Informações Sociais.

SABESP - Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

SESI - Serviço Social da Indústria.

USP - Universidade de São Paulo.

1. INTRODUÇÃO

O ofício historicamente vem sendo considerado no mundo ocidental enquanto um elemento que estrutura as organizações produtivas, um lugar onde há a construção dos conhecimentos e o saber-fazer¹ relacionados às atividades de trabalho (TOMASI; SILVA, 2011). Ele delinea as práticas artesanais, nas quais o artesão exerce o seu fazer em um produto seguindo etapas planejadas, desenvolvendo habilidades técnicas, intelectuais e manuais associadas a uma experiência (idem; VIEIRA, 2014). É com base nestas que o artesão alcança o reconhecimento social da posse do saber-fazer, como parte do processo de construção de identidades (DADOY, 1989).

Outrossim, o ofício é marcado pela autonomia, a solidariedade, o trabalho bem feito² e além de se referir a um setor da atividade econômica, a um estatuto social, ele diz respeito a um local de trabalho e um lugar da divisão do trabalho (idem). Conforme analisado por Richard Sennett (2020), os ofícios são realizados na oficina, entendida por ele como um local de um esforço produtivo no qual as pessoas lidam diretamente com questões de autoridade. Tal definição permite apreender que a divisão de trabalho que os ofícios apresentam é hierárquica, opondo mestres e aprendizes, com o primeiro tendo autonomia de mando sobre os segundos, que absorvem e aprendem com as habilidades do mestre, de forma a alcançar o domínio do saber-fazer e se tornar mestre (VIEIRA, 2014).

Para além dessas características do ofício, seu termo tem origem no latim, sendo utilizado como sinônimo de profissão.³ Conforme é investigado por Antônio de Pádua N. Tomasi e Ivone Maria Mendes Silva (2011), na língua portuguesa o ofício é entendido como uma profissão exercida pelo artífice. Já Claude Dubar (2005) aponta que, entre os três sentidos que o termo “profissão” apresenta em francês, um deles é de ser considerado como um *métier* (ofício). Isto se dá, de acordo com o autor, pois tanto as profissões (liberais) como os “ofícios” possuem uma origem em comum no Ocidente: as corporações. Estas começaram a aparecer na Idade Média a partir do século XI e foram instituídas plenamente no século XV, sendo entendidas enquanto formas de disciplinarização dos corpos “para garantir a competência

¹ Marcielle Agosta de Vasconcellos (2015) por meio de Chevalier (1991), considera que o saber-fazer corresponde a um conjunto de competências adquiridas pelo indivíduo que se manifestam em sua capacidade de julgar, prever e dominar um processo técnico e as relações sociais que lhes são associadas.

² Esta característica do artesão leva Vieira (2014) a sustentar que o artesão dos ofícios pode ser pensado para além da sua condição, como artífice, tal como compreendido por Richard Sennett (2020) como um símbolo de desejo e prazer de realizar o trabalho bem feito, dialogando a sua mão com a cabeça, ou seja, as práticas concretas com as ideias.

³ Conforme é investigado por Claude Dubar (2005), entre os três sentidos que o termo “profissão” em francês apresenta, um deles é de ser considerado como um *métier* (ofício).

jurídica, ou seja, a permissão de exercer e defender seu monopólio e seus privilégios no interesse do bem comum” (Olivier - Martin, 1938 apud DUBAR, 2005, p. 164). A partir disso, as corporações distinguíam quem “tinha direito ao corpo”, ou seja, quem poderia fazer parte dela, e quem não poderia, tais como os jornaleiros e os trabalhadores braçais sem qualificação. Desta forma, as corporações reuniram no contexto da criação das universidades no século XII tanto as artes liberais, como as mecânicas, com a organização corporativa se manifestando enquanto um “ofício juramentado” ou uma “profissão de fé”, ou seja, como uma comunidade moral com motivações profundas, que eram cumpridas nas cerimônias rituais para admissão nas corporações e permitiam que os indivíduos das mesmas se engajassem em sua profissão ou ofício até o fim da sua vida⁴ (DUBAR, 2005; VIEIRA, 2014).

Entretanto, diante da consolidação das universidades, os ofícios e as profissões começaram a se dissociar, entrando em oposição: os primeiros passaram a ser entendidos como um trabalho manual (no qual as mãos trabalham mais do que a cabeça) e as segundas enquanto trabalho intelectual (no qual a cabeça trabalha mais do que a mão). Deste modo “é possível associar a oposição entre “profissões” e “ofícios” a um conjunto de distinções socialmente estruturantes e classificadoras que se reproduziram através dos séculos: cabeça/mãos, trabalhadores intelectuais/trabalhadores manuais, alto/baixo, nobre/vil, etc.” (DUBAR, 2005, p. 165). Apesar desta oposição, Dubar ressalva que os ofícios e as profissões guardavam uma profunda semelhança, no sentido de que ambos apresentavam uma dimensão comunitária pautada na dignidade e qualidade do trabalho especializado.

As diferenciações entre ofícios e profissões se aprofundaram diante da formação do capitalismo moderno: como constatou Max Weber (2004) a modernidade deu um outro sentido a profissionalização, havendo a passagem da socialização comunitária na qual o status é herdado (como ocorre nos ofícios), a socialização societária, em que o status depende das tarefas realizadas e dos critérios racionais de competência e especialização. Deste modo, as profissões podem ser entendidas como ocupações que apesar de não perderem totalmente os valores tradicionais que os ofícios também apresentam, se diferenciam destes a partir do momento que são estruturadas numa visão de mundo moderna, sendo marcadas por uma carreira que seleciona, forma e disciplina os seus próprios membros (HUGHES, 1958). A

⁴ No que se refere às artes mecânicas dos ofícios, Richard Sennett (2020) sublinha que os jovens artesãos iniciavam nas corporações como aprendizes, e ao absorver as habilidades fundamentais do ofício, por meio de aprendizados formais ou informais nas oficinas (feito por transmissões familiares ou não), se tornaria jornaleiro, cujo trabalho era diário, tinha um salário estipulado pelo mestre e apresentava um escopo maior, na medida que o jornaleiro tinha que demonstrar competência gerencial e mostrar que merecia confiança como um futuro líder, trabalhando de cinco a dez anos para se tornar um mestre.

modernidade permitiu que as profissões (e não só as profissões liberais⁵) se distingam dos ofícios em vista de sua posição elevada nas classificações da força de trabalho, de acordo com Eliot Freidson (1995): se tanto os ofícios como as profissões são especializações criteriosas, as segundas são teoricamente fundamentadas (na medida em que o treinamento é feito fora do mercado de trabalho⁶), fornecendo aos trabalhadores munidos de conhecimento, os recursos através dos quais eles podem controlar o status de seu próprio trabalho e o seu lugar na divisão de trabalho.

Diante dessa conjuntura que transforma a forma de organização do trabalho, Claude Dubar (2005) sustenta que os ofícios se desvalorizam na sociedade do Antigo Regime. Podemos entender que este declínio também se deu diante das duas Revoluções Industriais, que representou uma alteração profunda na divisão do trabalho e no mercado de consumo: apesar das oficinas contribuírem para criar os primeiros maquinários das indústrias (SENNETT, 2020), o desenvolvimento das mesmas fez o artesão do século XIX se expressar como um inimigo da cultura da indústria e da máquina, as quais provocaram a sua decaída (VIEIRA, 2014).

As consequências da industrialização aos ofícios estão presentes nos trabalhos de Micaele Irene Scheer (2014) e Gerusa Silva de Oliveira (2014), que analisam respectivamente os ofícios do sapateiro e do artesanato a partir da realidade dos mesmos no Brasil, mais precisamente nas cidades de Pelotas (RS) e Goiânia (GO), nesta ordem. Scheer (2014) discute que no século XIX não houve um desenvolvimento industrial consistente, apenas a promoção da pequena indústria (similares a manufatura), que a medida em que se combinou com a persistência de valores senhoriais aristocráticos, não concretizou a separação definitiva entre capital e trabalho que afetaria as relações de trabalho artesanais, com a perda do saber-fazer (e do domínio do trabalho) por parte dos artesãos sapateiros. Porém, no século seguinte, ocorre o desenvolvimento da grande indústria (que se completa na Era Vargas) que consolida a separação entre a concepção e execução do trabalho, decorrendo no declínio do sapateiro. Esta implicação do desenvolvimento industrial é apresentada por Vieira (2014) pelas mudanças

⁵ Se adota aqui a teoria da Sociologia Interacionista acerca das profissões, que ao invés de diferenciar as ocupações das profissões (só atribuindo as últimas as funções de médicos, advogados, engenheiros e professores) considera que todas as atividades de trabalho podem se tornar profissionais, desde que sejam resultados de uma socialização em que se adquirisse competências e reconhecimento de todos os que exercem e compartilham uma mesma atividade, conforme enunciado por Claude Dubar (2012).

⁶ Eliot Freidson (1995) ressalta que as profissões são ensinadas em ambientes formais como as universidades, enquanto nos ofícios o ensino dos mestres aos aprendizes é feito no próprio local de trabalho, nas chamadas oficinas.

tecnológicas do século XIX, que reduziu os empregos dos artesãos, que são substituídos pelas máquinas e por trabalhadores sem qualificação.⁷

Porém, dentre os ofícios, há aqueles que ao invés de sofrerem uma queda com as duas revoluções industriais, cresceram diante delas: um deles é o ofício do relojoeiro, o qual é o objeto desta pesquisa.

1.1 O ofício do relojoeiro: o tempo marcado pelo relógio mecânico

O relojoeiro, em seu sentido tradicional, realiza a fabricação e o conserto de pequenos e grandes mecanismos de contagem de tempo: os relógios mecânicos. Podemos entender o conserto como uma operação sociotécnica, um fazer no qual as pessoas se engajam com seus corpos, artefatos e materiais, se constituindo uma maneira de saber mais do que um conhecimento (MUNZ, 2019). Já os relógios são analisados por Norbert Elias (1984) como mecanismos físicos construídos pelos homens (relojoeiros) que integram seu mecanismo (presente no deslocamento de ponteiros no mostrador) no símbolo social do tempo.

A noção do tempo marcado pelo relógio mecânico já era adotada pelos mercadores no final da Idade Média (contrapondo-se ao tempo da Igreja voltado para levar o cristão a Deus e contrário ao lucro e a usura), em particular para organizar e controlar o trabalho dos jornaleiros (LE GOFF, 1980). Contudo, a incorporação desse tempo na sociedade europeia ocidental ocorreu diante de um longo processo que perdurou dos séculos XIV a XVIII, a partir do momento que o sentido de tempo sofreu mudanças quanto a sua percepção, de acordo com E.P Thompson (1998). Neste período, a sociedade ocidental camponesa e povos não ocidentais⁸ adotavam como marcador do tempo o relógio da natureza, cujo tempo era medido pelo cantar do galo ou pelas tarefas domésticas que eram realizadas, que apresentavam uma estrutura de trabalho marcada pela manufatura, a qual era gerida em escala doméstica ou em pequenas oficinas, não havendo subdivisão complexa dos processos e funções, que poderiam ser semanais ou quinzenais, com o trabalho prolongado ou reduzido (idem).

⁷ Contudo, tanto Vieira (2014) como Scheer (2014) entendem que os ofícios que elas analisam não desapareceram com a sociedade industrial, mas sim que as habilidades artesanais se desenvolveram com novas imagens. Investigaremos as abordagens das autoras acerca deste ponto para analisarmos a reconfiguração do ofício do relojoeiro na contemporaneidade.

⁸ Thompson analisa que o tempo da natureza era constantemente praticado entre os povos não ocidentais. Entre os Nuer, por exemplo - analisados por Evans- Pritchard (1940) -, o relógio diário é o do gado, da sucessão de tarefas pastorais e a sua relação mútua. Já em Madagascar, o tempo é medido pelo cozimento de arroz (cerca de meia hora) ou pelo fritar de um gafanhoto (um momento).

Essas diferentes situações de trabalho permitem Thompson relacionar os hábitos de trabalho com a notação interna do tempo. Na medida em que ocorre transformações das relações de trabalho, principalmente pela industrialização⁹, havendo o desenvolvimento da divisão do trabalho entre empregador - empregado, o sentido do tempo começa a se alterar, distinguindo o tempo do capitalista e o tempo do trabalhador, no qual o primeiro usa a mão de obra e atua para que aquela não desperdice tempo. Assim, o que é predominante agora para marcar o tempo, não são as tarefas realizadas, mas sim o valor do tempo, que se reduz a dinheiro: “O tempo é agora moeda: Ninguém passa o tempo, mas sim o gasta” (THOMPSON, 1998, p. 272). Desta forma, os novos hábitos de trabalho introduzidos pelas indústrias reivindicam fins racionais de medição do tempo da sociedade¹⁰, sendo usados processualmente¹¹ os relógios mecânicos. Estes racionalizam seus mecanismos a partir do século XVII, desenvolvendo a exatidão de tempo graças à ciência (como realizado por Christiaan Huygens, físico e matemático holandês que inventou o relógio mecânico de pêndulo em 1656).¹² Além disso, foi aprimorado o mecanismo de escape e introduzido o cabelo (mola helicoidal) para aumentar a exatidão dos relógios de bolso, que foram inventados no início do século XV. Ademais, se inseriu gradativamente nos relógios, o ponteiro dos minutos e depois dos segundos¹³ (idem).

Apesar desta racionalização contribuir para a funcionalidade dos relógios - quanto à hora marcada nas primeiras fases da Primeira Revolução Industrial-, expandindo a sua produção (e conseqüentemente o ofício do relojoeiro)¹⁴ e reduzindo seus preços, Thompson (idem) sublinha que o valor simbólico predominante que os relógios tinham até o século XVIII na

⁹ De acordo com Thompson (1998), não se pode analisar a industrialização por meio de modelos simples, neutros e tecnologicamente determinados. Para ele, não há um tipo isolado de transição entre o período pré- industrial para o industrial. Aquela se deu por exemplo, pela análise de mercantilistas do século XVII em relação ao trabalho organizado em campo aberto e em terras comunais - sem cercamentos, que usufruíam esses trabalhadores - dizendo eles que essa organização de terra representava uma ineficiência e desperdício de tempo. Além disso, aos olhos dos moralistas capitalistas, se o camponês e sua família tivessem mais terras do que deveriam, o fazendeiro não iria contar com o trabalho constante do camponês reivindicado nas indústrias.

¹⁰ Os fundadores da Sociologia como Max Weber, entendem que o tempo apresenta um duplo imperativo: a coordenação da vida social (tempo social) e a estruturação das atividades profissionais (tempo de trabalho), sendo construídos e impostos pelos atores sociais (como os indivíduos industriais que impuseram um tempo industrial que reduz o tempo social a ele, como forma de controlar e organizar a vida social). Weber entende essas diferentes temporalidades como expressão da racionalidade da sociedade moderna (THOEMMES, 2008).

¹¹ Isto porque, conforme ressalta Thompson, o relógio de Sol continuou em uso na sociedade inglesa até mesmo no século XIX.

¹² A invenção do relógio do pêndulo foi motivada pelo fato de Huygens desejar observar mais exatamente as estrelas, e isso requeria uma medição de tempo com precisão matemática. Disponível em: <https://sacnirelojoeiro.com.br/chistiaan-huygens/>. Acesso em 27/10/20.

¹³ A inserção dos segundos nos relógios teve participação fundamental de relojoeiros como John Harrison (1693-1776), que criou o cronômetro marítimo e em 1730 afirmou que conseguiria chegar a um relógio mais perto da verdade, atingindo a precisão de dois ou três segundos em um ano (THOMPSON, 1998).

¹⁴ Em fins do século XVII, a fabricação de relógios portáteis e não portáteis ingleses superou a dos concorrentes europeus e havia na Grã Bretanha centenas de relojoeiros independentes (idem).

Inglaterra, era a sua estética que atribuía status, sendo majoritariamente possuídos pelas classes altas (mestres, fazendeiros e comerciantes). É só a partir dos fins dos setecentos que o valor dos relógios mecânicos como marcadores do tempo da sociedade industrial ganha relevância, no mesmo momento que a Revolução Industrial reivindicava maior sincronização de trabalho.

Estas transformações das relações do trabalho e no tempo da sociedade não se deram de maneira abrupta e sem resistência da sociedade europeia, mais precisamente da cultura popular tradicional, conforme enfatiza Thompson: trabalhadores lutaram contra a nova disciplina de trabalho e do tempo seja nas indústrias ou nas oficinas¹⁵, ou ainda em ambientes de lazer (pela boêmia), e os relógios mecânicos também são alvos de protestos, sendo vistos como devoradores e desfiguradores, e até atacados.¹⁶ Essas lutas sublinham que a relação dos trabalhadores com o tempo de trabalho está ligada ao seu habitus, à sua visão de mundo, a sua origem, ao contexto local e social e ao significado atribuído ao trabalho, conforme analisou Max Weber (1924). Nesse sentido, aqueles reagem ao tempo industrial por entender que este afeta as suas subjetividades em decorrência do controle industrial do trabalho e da vida social (nos ambientes familiares e de lazer). Além disso, essas resistências de acordo com Thompson (1998), passaram pela combinação de elementos do velho e do novo em relação ao sentido de tempo e da organização social: ou seja, incorporar a questão da pontualidade do horário de trabalho como sinônimo de respeito, mas também reivindicar um tempo livre que fosse à toa: como algo entendido não por aquilo que passa, não devendo ser poupado ou desperdiçado, mas pelas próprias atividades e rotinas de trabalho, tendo estas caráter de lazer. Deste modo, esses trabalhadores procuravam salvaguardar elementos de sua cultura, como os processos naturais do ambiente temporal transmitidos de geração em geração (THOEMMES, 2008).

1.2 O ofício do relojoeiro no Brasil

Se na Europa Ocidental a difusão dos relógios mecânicos e a expansão da ocupação de relojoeiro se deram pelas mudanças na configuração do trabalho - de manufactureiro para industrial - e pela noção racionalizada da hora marcada, isto não foi diferente no Brasil. Conforme analisam Beatriz Ana Loner e Lorena Almeida Gill (2014), o crescimento do relógio mecânico se deu diante das transformações ocorridas nas relações de produção no final do

¹⁵ No século XVIII, ofícios como os alfaiates se usaram de associações para reduzir as horas de trabalho (idem).

¹⁶ Conforme sublinha Walter Benjamin (1987), durante a Revolução de julho de 1848, trabalhadores franceses irritados contra o tempo da hora marcada que introduziu um novo calendário, dispararam tiros contra os relógios localizados nas torres em vários bairros de Paris.

século XIX, marcada pela abolição da escravatura, o desenvolvimento do mercado livre e do capitalismo industrial, a vinda dos imigrantes e uma grande alteração nas formas de trabalho no Brasil. Tais elementos proporcionaram a mudança de medição do tempo na sociedade brasileira: se durante os séculos da colonização portuguesa no Brasil, os ritmos de trabalho no meio rural eram marcados de acordo com as necessidades de plantações e o cuidado dos animais, acarretando uma rotina não tão marcada pelas horas e minutos, mas sim pelos dias e meses, o avançar da modernização dos costumes brasileiros nos moldes europeus a partir do século XIX, levou que a medição do tempo passasse a ser feita pela hora marcada do relógio (LONER; GILL, 2014).

Esta colocou a necessidade de se saber a hora exata e valorizar os minutos, tanto para os operários que lutavam pela redução da jornada de trabalho nas fábricas, quanto para os capitalistas que queriam controlar o tempo do trabalho dos trabalhadores e de suas satisfações de necessidades básicas, como ir ao banheiro ou almoçar, a fim de se aumentar a produtividade do trabalho. Deste modo, o tempo da hora marcada era reivindicado como uma forma de organizar uma rotina mais rígida da sociedade, precisando que os trabalhadores tivessem o relógio para saber quando se levantar e dormir (idem).

Diante disso, houve a popularização dos relógios e conseqüentemente a ampliação do ofício do relojoeiro, que se traduziu no crescimento das relojoarias no final dos oitocentos e primeiras décadas do século XX, provocada pela classe média crescente e pela difusão do relógio de pulso para os homens¹⁷ (idem). Lorena Almeida Gill e Beatriz Ana Loner ao analisarem alguns anúncios de relojoarias do Estado do Rio Grande do Sul e da capital do Brasil (Rio de Janeiro) constatam que elas realizavam praticamente apenas a venda e o conserto dos relógios e não a sua fabricação, o que indicava que a produção nacional de relógios fosse pequena e que eles tivessem origem estrangeira, sobretudo da Europa, de países como Suíça e Alemanha.¹⁸ Ademais, a análise destas relojoarias permite também apreender que existiam numerosos relojoeiros europeus enquanto mestres, o que pode apontar a influência dos imigrantes na difusão do ofício do relojoeiro no Brasil (idem).

No que se refere à cidade de São Paulo, local em que o ofício do relojoeiro será mais trabalhado nesta pesquisa, esta passou por grandes transformações no século XIX: urbanizou - se e cresceu economicamente, principalmente pela sua cultura cafeeira. Para escoar as

¹⁷ As autoras constatam que no século XIX, os relógios de pulso eram entendidos como joias e utilizados apenas por mulheres, sendo Santos Dumont quem iniciou o uso dos relógios pelos homens (LONER; GILL, 2014).

¹⁸ Porém, há relatos de jornais do Rio de Janeiro que duvidavam da procedência de certos relógios (anunciados pelas relojoarias como europeus e pertencentes a marcas conhecidas como Patek Philippe), acreditando que estes seriam falsos, com fabricação nacional ou de fora do país (idem).

produções desta, foram desenvolvidas ferrovias na cidade, como a São Paulo Railway, empresa inglesa que administrou a Estação Ferroviária da Luz, inaugurada em 1867. Diante disso, a cidade amplificou seu caráter de ser um entroncamento de estradas - por onde os bandeirantes passavam antigamente em suas investidas para o interior - (PRADO Júnior, Caio, 1983).

As ferrovias foram fatores de desenvolvimento urbano, formando-se bairros como Campos Elíseos e elitizando-se bairros como a Luz, que se caracterizou por ser o primeiro bairro residencial de elite da cidade de São Paulo (CAMPOS, 2011; DPH, 2012). Com isso, a capital paulista adquiriu ares modernos e cosmopolitas.

Sem dúvida esta dinâmica de crescimento urbano favoreceu o ofício do relojoeiro, já que foram instalados relógios de torre no centro da cidade em fins do século XIX e início do século XX¹⁹, com destaque para o relógio da Faculdade de Direito do Largo São Francisco²⁰ (instalado em 1894) e o relógio da Nova Estação da Luz²¹, que foi construída por mão de obra britânica e inaugurada em 1901 para que fossem expandidas as áreas de cultivo do café ao oeste do Estado de São Paulo (DPH, 2012).²²

Deste modo, podemos dizer que a ocupação de relojoeiro no Brasil, de uma maneira geral, teve o auge no período correspondente ao final do século XIX a primeira metade do século XX. Como salientam Loner e Gill (2014), neste contexto o trabalho do relojoeiro ao lado da ourivesaria estava em melhor posição aos demais ofícios (como dos sapateiros, conforme explicado anteriormente) em termos de serviços e reconhecimento. A semelhança de posição entre o ofício do relojoeiro e da ourivesaria é explicada pelas autoras pela manipulação de

¹⁹ O período do fim dos oitocentos e início do século XX também marca o crescimento dos relógios públicos em países como Estados Unidos. Conforme aponta Alexis McCrossen (2013), essa fase consistiu na era do relógio público em grandes cidades como Boston. Nestes relógios, os sinos foram importantes no universo sonoro da cidade, no que se refere ao anúncio dos horários, a indicação de abertura e fechamento dos mercados e a celebração de cerimônias religiosas. O tempo público permitiu que a população visasse formas modernas de disciplina temporal (SOUCHIER, 2018; MCCROSSEN, 2013).

²⁰ Relógio de fabricação francesa, foi o primeiro relógio a ser instalado na fachada de um prédio em São Paulo. Disponível em: <http://www.blogdate.com.br/os-relogios-que-marcam-as-fachadas-de-sao-paulo-parte-1/>. Acesso em 28/10/20.

²¹ Seu primeiro relógio era de origem inglesa (fabricado pela marca J.H Walker) e chegou ao Brasil em 1898, o que pode reforçar a influência estrangeira na difusão dos relógios mecânicos. Em 1946, pouco antes do controle da Estação da Luz passar dos ingleses ao governo federal, aquela sofreu um grande incêndio, atingindo a torre do relógio e as documentações referentes a sua história. Na sua reforma, concluída em 1951, instalou-se um novo relógio de torre, de origem brasileira (da Indústria de relógios Michellini) (Idem; DPH, 2012).

²² Busquei informações sobre relojoeiros e relojoarias da cidade neste contexto e na primeira metade do século XX em fontes de pesquisa como o Arquivo Histórico Municipal (AHM) e o Museu da Cidade de São Paulo, entrando em contato por email com estas instituições. Enquanto o Museu da Cidade não possui registros que tratam do assunto de pesquisa, o Arquivo dispõe de um fundo da Câmara Municipal de São Paulo onde há registros de estabelecimentos comerciais da cidade, nos quais eu poderia encontrar a relação de relojoarias e relojoeiros da cidade. Contudo, a pesquisa no acervo só pode ser feita presencialmente, o que foi inviabilizada devido a pandemia de Covid-19. Apesar disso, encontrei no Blog da Tê, algumas informações de relojoeiros que atuavam nos relógios de torre inaugurados neste período, como o senhor Júlio Muller, que realizou a manutenção de relógios como Estação da Luz e Mosteiro de São Bento. (Idem).

instrumentos delicados e pelos graus do conhecimento técnico exigido. Além disso, nesse contexto o relojoeiro tinha um ofício similar ao do ourives, sendo que as duas práticas poderiam ser realizadas pelo mesmo profissional, havendo lojas que realizavam os dois serviços. No passado era frequente que um relógio recebesse incrustações de pedras preciosas ou tivesse um acabamento em metais nobres (LONER; GILL, 2014).

Contudo, ao longo da segunda metade do século XX, sobretudo, houve um avanço técnico que não alterou apenas os instrumentos, o estilo e os desenhos dos relógios, mas modificou profundamente seus mecanismos internos e barateou a sua produção: se produziu a digitalização dos relógios, sendo que a maioria passou a ser descartável. Tal situação levou ao declínio²³ do ofício do relojoeiro, diminuindo o uso de relógios mecânicos e reduzindo o serviço dos relógios (que ficou praticamente restrito ao seu conserto e restauração e não a sua fabricação²⁴ (idem).

Em vista disso, podemos dizer que a ocupação entrou em crise no período correspondente à terceira revolução industrial, que alterou a noção de tempo baseada na hora marcada do relógio mecânico para o tempo digital, difundindo-o. Este período é entendido por Milton Santos (2001) pela introdução do meio - científico - informacional que cria uma nova configuração ao espaço e tempo, os quais se globalizam: o autor argumenta que se antes o espaço e o tempo eram justapostos, na qual cada sociedade criava o seu tempo através de suas técnicas e por meio do seu espaço, onde se davam relações sociais, o tempo e o espaço na contemporaneidade são superpostos, se mundializando, configurando o que o autor chama de sociedade cronofágica, na qual a cidade (espaço) se torna um organismo complexo que administra as ações cotidianas da população (o serviço de transporte e o de água, por exemplo) por meio do tempo, que se acelera, impondo novos ritmos de deslocamentos dos indivíduos (SANTOS, 2001).

²³ Beatriz Ana Loner e Lorena Almeida Gill (idem) ressaltam que as funções de joalheiro e ourives se mantiveram no mesmo status no último século. De fato, Sávio Gariglio (2013) aponta que os anos 1950 e 1960 foram de prosperidade para a indústria joalheira no Brasil, com o processo de mecanização. Entretanto, o autor aborda que os anos 1980 foram de declínio da produção nacional, devido à falta de originalidade e da má qualidade da produção.

²⁴ Esse aspecto encontra lugar na medida em que grandes fábricas de relógios mecânicos de São Paulo fecharam as portas neste período, como a fábrica Michelini, uma empresa familiar fundada em 1908, que fechou em 1969. Esta empresa produziu relógios para empreendimentos públicos e privados conhecidos da capital paulista, como a Estação da Luz e o Antigo Mappin (onde atualmente se localiza a loja de varejo Casas Bahia) que funcionam até atualmente. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/historia/relogios-michelini-fabricados-em-sao-paulo-nas-decadas-de-1909-1969-100764>. Acesso em: 05/09/19.

Apesar disso, não se pode afirmar que a indústria de relógios foi extinta nesse período, afinal o polo relojoeiro (de relógios de pulso) na Zona Franca de Manaus foi inaugurado na década de 70 (ZAMPIERE, 2018). Investigaremos este polo mais adiante.

A partir da reflexão de Milton Santos (*idem*), podemos pensar que anteriormente as sociedades criaram o seu tempo dentro do espaço que habitavam, seja os camponeses ocidentais e povos não ocidentais que adotavam o tempo da natureza que se associava a um hábito de trabalho manufatureiro, ou os burgueses industriais que impuseram um tempo industrial (marcado pelo relógio mecânico) que se adequava a racionalização do trabalho e da vida social ocidental moderna. Já com a globalização, há a internacionalização do espaço e do tempo, e o tempo que se difunde para organizar a sociedade global, é o digital, que emprega novas formas de racionalização da sociedade, acelerando-se e se desterritorializando das sociedades nacionais, assim como outros processos (espaço, objetos, pessoas e ideias) que impõem outras estruturas e outras formas de sociabilidade aos povos e as nações, conforme observou Octavio Ianni (1998) a respeito do globalismo. Deste modo, se modificam as noções de próximo e distante, lento e rápido, passado e presente, atual e remoto, singular e universal (IANNI, 1998).

Esta aceleração do tempo na contemporaneidade também é compreendida por Claude Dubar (2011), que considera que aquela causa a crise do próprio tempo, já que os indivíduos se tornam obcecados por ele, tendo a sensação permanente de ficar sem tempo, de viver com pressa, de ter que fazer cada vez mais coisas em menos tempo. Já David Harvey (2008) e Fredric Jameson (1997) enxergam essa aceleração pela produção e o consumo de bens e serviços (como o lazer), que são marcados pela descartabilidade dos objetos, possuindo baixo tempo de vida (HARVEY, 2008; JAMESON, 1997). Podemos exemplificar estes pelos relógios digitais descartáveis, cujos consumidores não constroem valores simbólicos de apego a estes objetos, descartando-os assim que deixam de funcionar.

Essas dinâmicas de inovações técnicas (digitalização), globalização, aceleração e consumo descartável da temporalidade aprofundam o empobrecimento da “experiência²⁵ humana”, aspecto que foi observado por Walter Benjamin (1987) no período moderno correspondente ao final do século XIX e primeira metade do século XX (sobretudo nas duas guerras mundiais). O autor analisa que neste contexto, os indivíduos se pautavam mais no individualismo do que no coletivo, não havendo uma experiência *sui generis* e autêntica, mas sim aquela caracterizada pelo excesso de sensações produzidas e vivenciadas hiperbolicamente, no sentido que precisam ser absorvidas ou incorporadas imediatamente, não havendo tempo para degluti-las.²⁶

²⁵ A experiência é entendida por Benjamin (1987) como formas comunitárias que são marcadas por ritos, gestos, expressões, sentimentos e ações que apresentam significados coletivos (modos de contar, hábitos e modos de produzir geracionais).

²⁶ Uma das formas de experiência que Benjamin (1987) aponta que sofreu declínio foi a narração de história, uma forma artesanal de comunicação - tendo sido inclusive aperfeiçoada pelos artífices - na qual a experiência é

Diante disso, pode-se analisar que a difusão do tempo digital decorreu na crise do ofício do relojoeiro e de outros ofícios artesanais (como do ourives²⁷), havendo a diminuição de seus trabalhadores e serviços. Para além da transformação da noção de tempo, um outro aspecto que pode ter influenciado o declínio do ofício do relojoeiro (e de outros ofícios) no Brasil, é a perda de espaço dos ofícios para as profissões, ressaltando-se que o ofício do relojoeiro cresceu em período semelhante das profissões (durante a formação do capitalismo moderno), ainda que esta gozasse de uma posição mais privilegiada como ocupação²⁸ (FREIDSON,1995), que se intensificou conforme o tempo, o que possivelmente acarretou na perda de trabalhadores dos ofícios que se deslocam para ocupações que se profissionalizaram ou buscam a profissionalização a partir da segunda metade do século XX (BONELLI; NUNES; MICK, 2017).

Definição do problema

Beatriz Ana Loner e Lorena Almeida Gill (2014) consideram que o ofício do relojoeiro encontra-se atualmente à beira da extinção, constituindo um pequeno nicho de antigos artesãos autônomos que praticam o serviço para uma clientela reduzida. Além disso, essa ocupação enfrentaria como problemas a falta de interesse das pessoas em aprender a profissão, o baixo rendimento dos serviços e a falta de reconhecimento social pela visão de que essa e outras profissões seriam ultrapassadas e representativas apenas do passado industrial (idem).

É com base no que foi exposto, que chegamos ao tema desta pesquisa que é refletir sobre a ocupação de relojoeiro no tempo contemporâneo. Deste modo, o objetivo deste trabalho é analisar a reconfiguração do ofício do relojoeiro na contemporaneidade da cidade de São Paulo, compreendendo em que medida o ofício, com sua noção de tempo, persiste e se ressignifica. Consideramos que o ofício do relojoeiro apesar de sofrer forte declínio, se reinventa no contexto atual marcado pela digitalização do tempo. Uma das hipóteses que apresentamos para a forma como esse ofício se reconfigura consiste na adaptação dos relojoeiros às transformações desempenhadas pela racionalização econômica (produzida pela Terceira Revolução Industrial),

comunicada do narrador ao ouvinte, de forma geracional. Benjamin observa que os indivíduos modernos estão pobres em experiências comunicáveis, sendo desfeita a rede do dom narrativo.

²⁷ Os efeitos da digitalização a ocupação do ourives (mais precisamente na indústria joalheira) são destacados por Sancha Livia Resende (2016), que analisa que na contemporaneidade as indústrias vêm mecanizando suas funções (por meio de máquinas automatizadas e programas de computadores para modelagem 3D), diminuindo os empregos dos ourives.

²⁸ Contudo, as profissões sofreram transformações ao longo do século XX (NUNES; BONELLI et al, 2017), conforme abordaremos mais adiante.

fabricando menos relógios do que os consertando, ou realizando o conserto de relógios digitais. Além disso, registramos que há a persistência de clientes que atribuem aos relógios mecânicos valores simbólicos e de distinção, remetendo estes objetos à sua família, já que foi usado de geração em geração, assim como se dá em outros ofícios tradicionais analisados por Lorena Almeida Gill e Micaele Scheer (2015).

Outrossim, consideramos que os relojoeiros no contexto contemporâneo se espelham no grupo de ocupações (como do setor de higiene e beleza) (NUNES; BUFAIÇAL, 2015) que se distanciam das grandes profissões convencionais (como Medicina e Direito) e que buscam a profissionalização (NUNES; BONELLI; MICK, 2017), de forma a obterem o conhecimento legitimado delas, seja na abertura de cursos técnicos de relojoeiro oferecidos pelo segundo setor (SESI e SENAI) ou por relojoeiros pertencentes às relojoarias (assistências técnicas) de marcas diversas, de maneira a formar os interessados em aprender o ofício, bem como em assumir outras categorias para além de artesão autônomo, se cadastrando como microempreendedores diante das novas configurações do mundo do trabalho, para conseguir firmar contratos de manutenção de relógios de torre administrados por instituições estatais e privadas.

Também, pensamos que a reconfiguração do ofício se dá pela sua relação com patrimônios culturais materiais, principalmente em grandes cidades como São Paulo, no qual o ofício está presente no conserto de relógios de torre como da Estação da Luz, da Faculdade de Direito da USP e da Estação Júlio Prestes, todos tombados como patrimônios históricos pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo).

Ademais, consideramos que a ocupação de relojoeiro ainda preserva uma utilidade social para entidades privadas e a mídia. As primeiras são exemplificadas pelo SEBRAE, que elaborou um documento²⁹ sobre como montar uma empresa que realiza o serviço de conserto de relógios de pulso. Já os meios de comunicação produzem matérias que ressaltam a importância do tempo marcado pelos relógios mecânicos públicos da cidade de São Paulo, não só como portadores de uma tradição que remete ao século passado, mas como referências de horário para os milhões de paulistanos no tempo presente, mesmo diante da efervescência do tempo digital (dos smartphones, por exemplo), podendo ser relacionados até mesmo às outras esferas sociais, como o esporte.³⁰ Outrossim, as reportagens da mídia ao mesmo tempo que

²⁹ Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ideias/como-montar-um-servico-de-conserto-de-relogio,72987a51b9105410VgnVCM1000003b74010aRCRD>. Acesso em: 15/10/2020.

³⁰ Conforme reportagem da Rede Globo de 12/06/19, que retrata da reestrela da camisa branca e azul da seleção brasileira masculina de futebol, usando o relógio da Estação da Luz como um marcador do tempo presente e

ênfatisam o caráter patrimonial hist3rico dos rel3gios p3blicos e sua beleza arquitet3nica, denunciam o abandono dos mesmos, se encontrando parados h3 meses ou anos, como o rel3gio da Praa da S3.³¹

Por fim, o of3cio do relojoeiro 3 reconhecido enquanto uma ocupa3o pela Classifica3o Brasileira de Ocupa3es (CBO), que a divide em tr3s 3reas: como of3cio mec4nico de fabrica3o de instrumentos de precis3o; enquanto mec4nicos de repara3o de instrumentos de precis3o; e como relojoeiros que atuam no com3rcio varejista de rel3gios.³² A partir desta constata3o das fun3es envolvidas no of3cio, procurou-se saber informa3es sobre o n3mero de relojoeiros envolvidos nessas fun3es no pa3s e na cidade de S3o Paulo e chegou-se a tr3s plataformas: a PNAD Cont3nua, o CAGED e a RAIS. A primeira plataforma 3 mantida pelo IBGE, apresentando indicadores sobre a for3a de trabalho com e sem carteira assinada. Entretanto, a PNAD apenas apresenta informa3es do n3mero de pessoas ocupadas em grupamentos de trabalho, o que se dificultou que se dimensionasse quantos relojoeiros haveria entre as pessoas ocupadas³³. J3 o CAGED e a RAIS apresentam dados (fornecidos pelo Sistema Dardo, base estat3stica do Minist3rio do Trabalho e Previd3ncia) sobre trabalhadores formais (sob regime da CLT). Apesar disso, o CAGED traz somente indicadores mensais do fluxo de movimentaa3o do mercado de trabalho, ou seja, apresenta o saldo entre admiss3es e demiss3es em uma ocupa3o e n3o o total de empregados nela. Esta informa3o se encontra na RAIS, a qual apresenta dados de ocupa3es listadas na CBO de 2002 (ano mais recente desta classifica3o que p3de ser obtido no sistema), o que possibilitou que se conseguisse encontrar informa3es sobre o n3mero de relojoeiros assalariados no setor de repara3o e fabrica3o de rel3gios compreendidos entre o ano de 2003 a 2019, segundo diversas categorias (como por regi3o do pa3s, por cidade, segundo o sexo, faixa et3ria e faixa de rendimento mensal³⁴). No que se refere ao setor de repara3o de rel3gios, em 2019 havia 855 relojoeiros contratados formalmente no pa3s, sendo 100 na cidade de S3o Paulo. J3 no setor de fabrica3o de rel3gios, havia em 2019,

passado da sele3o, tendo ela usado aquela camisa na Copa do Mundo de 1950. Dispon3vel em: <https://globoplay.globo.com/v/7688820/?s=0s>. Acesso em 21/10/19.

³¹ Dispon3vel em: <https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2019/09/relogios-do-centro-de-sp-estao-sem-funcionar-mas-impressionam-pela-beleza.shtml>. Acesso em 21/10/19.

³² Dispon3vel em:

<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf;jsessionid=mXUGbs5qSuxXLODFhvK7hQ4l.slave23:mtecbo>. Acesso em 29/10/20.

³³ Consultamos por meio do SIDRA (Sistema IBGE de Recupera3o Autom3tica) a PNAD Cont3nua referente ao 1º trimestre de 2020, a qual apresenta que haviam no grupamento ocupacional de trabalhadores qualificados, oper3rios e artes3es da constru3o, das artes mec4nicas e outros of3cios (onde se encontra o of3cio relojoeiro, mas tamb3m outras ocupa3es) 12.014 trabalhadores no Brasil, sendo 536 na cidade de S3o Paulo.

³⁴ Exploraremos essas categorias ao longo desta pesquisa.

396 relojoeiros contratados formalmente no Brasil, sendo 25 na cidade de São Paulo (RAIS, SISTEMA DARDO).³⁵

A partir do objetivo geral desta pesquisa, temos como objetivos específicos: a) Compreender como os relojoeiros entrevistados refletem acerca de sua trajetória no ofício (suas transformações e sua reconfiguração atual); b) Analisar quais são as perspectivas desse ofício para o futuro.

Diante disso, visa-se propor avanços teóricos ao campo de estudos das ocupações tradicionais, em especial da problemática do ofício do relojoeiro no contexto contemporâneo, pela inserção de novos questionamentos para além das transformações dessa ocupação ocorridas na segunda metade do século XX. Assim, pretende-se responder às seguintes questões: i) Em que medida o tempo do relógio mecânico desse ofício se ressignifica em meio ao tempo digital nas grandes cidades como São Paulo? ii) Como os relojoeiros enxergam as transformações de seu ofício e que estratégias eles adotam para exercê-lo atualmente?

No primeiro capítulo visa-se discutir acerca das trajetórias dos relojoeiros da cidade de São Paulo, em suas diversas especializações em relógios (relógios no geral, relógios de pêndulo, relógios de pulso, etc.) e diferentes tempos de iniciação no ofício (século passado ou atual século), de modo a apreender as transformações por quais a ocupação passou. O segundo capítulo abordará sobre o ofício do relojoeiro atualmente, de forma a compreender as estratégias que os sujeitos relojoeiros utilizam para exercer a ocupação e as reconfigurações que ocorrem nesse trabalho na contemporaneidade. E diante disso, apreenderemos quais são as perspectivas do ofício para o futuro segundo os sujeitos de pesquisa, de maneira a vislumbrar como a ocupação será preservada por seus membros e os desafios que eles possam se defrontar.

1.3 Do meu contato com o relojoeiro e seu ofício

A presente pesquisa possui uma motivação pessoal na medida em que tenho um parente (de nome fictício Pedro) que é relojoeiro, o qual atualmente realiza a manutenção em relógios de torre da cidade de São Paulo e possui uma oficina no centro. Quando criança, ia passear em seu local de trabalho e acompanhava seus serviços nos relógios de torre. Além disso, assistia as reportagens e curtas que tratavam da sua ocupação, em que Pedro contava sobre o fazer relojoeiro. E ouvia as suas histórias de vida no ofício, que se confundiam com as de seu avô,

³⁵ Não foram encontrados dados de relojoeiros autônomos no Brasil e na cidade de São Paulo, cuja categoria Lorena Almeida Gill e Beatriz Ana Loner (2014) fazem referência e que constituiriam a maior parte dos relojoeiros na atualidade.

que lhe ensinou a ocupação e foi seu grande companheiro de relojoaria. Assim, os relógios se fazem presente em minha trajetória e o movimentar de seus ponteiros e dos “homens do tempo” como Pedro mobiliza esta pesquisa.

1.4 Materiais e métodos

Utilizou-se nesta pesquisa a abordagem qualitativa, sendo realizado um levantamento bibliográfico tendo em vista as categorias de ofício, profissões e tempo, de forma a apreender a reconfiguração do ofício do relojoeiro na contemporaneidade. Além disso, foram realizadas dezessete entrevistas semiestruturadas com relojoeiros, de maneira que fossem respondidas as questões de pesquisa enunciadas anteriormente. Apenas a primeira entrevista (realizada em 2019) e a quarta (com meu parente relojoeiro, em 2020) foram feitas de forma presencial e gravada, as demais foram realizadas de forma digital, devido a pandemia de Covid-19. Dessas, as três primeiras foram feitas por chamadas de vídeo, porém não foram gravadas devido a problemas técnicos com um aplicativo que captura a imagem da tela do celular. As demais se deram por telefone, sendo a ligação gravada e posteriormente transcrita. Ao final das entrevistas, as mesmas foram tabuladas e analisadas.

A amostragem dos relojoeiros foi feita por meio de pesquisa em sites de busca (artigos e reportagens sobre relojoeiros da cidade de São Paulo), redes sociais e por intermédio de indicações dos próprios sujeitos entrevistados (inclusive de meu parente relojoeiro), utilizando-se do método da “bola de neve”, que segundo Juliana Vinuto (2014) é uma forma de amostragem útil para analisar grupos pequenos espalhados numa grande área e que não há uma precisão de sua quantidade (para além dos contratados formalmente), como são os relojoeiros da cidade de São Paulo.

O roteiro das entrevistas foi dividido em duas partes (ver apêndice): a primeira visava compreender o perfil sociodemográfico dos relojoeiros, e a segunda se subdividiu em três partes, tendo os seguintes objetivos: i) Entender como os relojoeiros refletem sobre suas trajetórias no ofício e as transformações ocorridas nele; ii) Compreender a reconfiguração atual da ocupação e quais estratégias os sujeitos da pesquisa adotam para exercê-la; iii) Analisar quais são as perspectivas que os relojoeiros apresentam para o futuro da ocupação.

Nessas entrevistas, procurei não interferir no que foi falado pelos entrevistados, mesmo com as questões predefinidas, deixando que o sujeito decidisse o que era ou não relevante para contar, só adicionando perguntas para saber mais sobre o que o entrevistado contava. Isso foi feito para que fosse permitido que os relojoeiros narrassem sua trajetória no ofício.

1.4.1 Perfil dos relojoeiros entrevistados

Buscou-se entrevistar relojoeiros da cidade de São Paulo e que fossem de diversas gerações, ou seja, tanto os que iniciaram há mais tempo no ofício, como aqueles que entraram na ocupação mais recentemente. Além disso, se procurou realizar entrevistas com os fabricantes de relógios (que em São Paulo poderiam estar presentes na indústria de relógio de ponto, tal como na empresa DIMEP³⁶) e os consertadores de relógio, que abrangessem os diferentes ramos e realidades deste trabalho: os relojoeiros que atuam como autônomos ou como empregados/empresários em oficinas/relojoarias de conserto e restauração de relógios mecânicos no geral (de pulso, parede, mesa, pedestal, fachada e torre) ou como especialistas em algum tipo de relógio mecânico apenas (seja o relógio de pulso ou o de parede/torre); que exercem a ocupação nas assistências técnicas autorizadas de relógios de pulso de marcas da alta relojoaria suíça especialmente (Omega, Tag Heuer, Cartier, etc); ou que realizam serviços de manutenção em relógios eletrônicos (em barracas na rua ou em relojoarias/ópticas). Apesar disso, diante da dificuldade de se conseguir entrevistar diferentes perfis de relojoeiros que atuassem na cidade de São Paulo (sobretudo os que iniciaram o ofício recentemente e os que atuam na relojoaria eletrônica), foram realizadas algumas entrevistas com sujeitos que exercem a ocupação fora da cidade de São Paulo (seja na região metropolitana da cidade ou no interior do Estado) por indicação dos entrevistados que atuam na capital ou por pesquisa em sites de busca.

Ademais, optou-se por se garantir o anonimato dos entrevistados, utilizando-se nomes fictícios.

³⁶ A DIMEP (Dimas de Melo Pimenta Sistemas de Ponto e Acesso) é uma empresa de produtos para controle de acesso e registro de ponto. Inicialmente se voltava à fabricação de relógios de ponto mecânicos, que passaram a ser eletrônicos a partir da década de 60. Tempos depois, a empresa implementou o sistema biométrico nos relógios de ponto e acrescentou o segmento de acesso (marcado por produtos de segurança e sistemas de estacionamento). O fundador dessa empresa (Dimas de Melo Pimenta) foi professor e pesquisador de relógio, inaugurando em 1975 o Museu do Relógio que se localiza na sede da empresa no bairro da Vila Leopoldina. Disponível em: <https://www.dimep.com.br/historia/>. Acesso em 07.08.20.

Diante disso, procurou-se entrevistar funcionários e ex-funcionários da DIMEP que atuavam na fabricação de relógios de ponto. Contudo, em contato com a empresa, não se conseguiu acesso àqueles, só sendo me fornecido um contato do relojoeiro Carlos, que presta serviços ao Museu do Relógio da DIMEP. Ademais, é de se refletir que a baixa presença de fabricantes de relógios na cidade de São Paulo (de acordo com a RAIS), dificultou que se encontrassem trabalhadores deste setor para entrevistá-los.

Quadro 1- Perfil sociodemográfico dos relojoeiros

Nome Fictício	Idade	Cor/Raça	Naturalidade	Escolaridade	Ocupação do pai e da mãe	Jornada de trabalho semanal (em horas)	Renda Média Mensal
Álvaro	77	Clara	Palmeiras dos Índios - AL	Primário	Relojoeiro e Doméstica	49	-
Ana	51	Amarela	Tupã - SP	Ensino Médio Completo	Administrador e Serviços gerais na fazenda	44	3000
Arnaldo	36	Branco	Dourado - SP	Superior Completo	Agropecuário e Comerciante	75	6500
Bernardo	45	Branco	São Paulo - SP	Médio Completo/ Técnico em Eletrônica	Pedreiro e Doméstica	45	3500
Carlos	77	Branco	São Paulo - SP	Ensino Fundamental Completo	Relojoeiro e Do Lar	6	-
Daniilo	41	Pardo	São Paulo - SP	Ensino Médio Completo	Desempregado e Aposentada	44	2000
Eduardo	27	Branco	Campos do Jordão - SP	Ensino Médio Completo	Bancário (aposentado) e Do Lar	48	3750
Fernando	75	Clara	Brasileiro (Nordestino)	Superior Completo	Pintor e Do Lar	-	10000
João	62	Branco	São Paulo - SP	Ensino Fundamental Completo	Eletricista e Do Lar	60	22000
Luciano	55	Branco	São Paulo - SP	Técnico Profissional (SENAC)	Operário de fábrica (aposentado) e Do Lar (falecida)	50	2000
Manoel	58	Branco	Caravelas - BA	Ensino Primário Completo	Ajudante de metalúrgica e Doméstica do Lar	49	2000
Marcos	52	Branco	São Paulo - SP	Superior Completo	Contabilistas	49	8000
Milton	59	Branco	São Paulo - SP	Ensino Médio Completo	Funcionário público (falecido) e Doméstica	72	15000
Pedro	60	Branco	São Paulo -SP	Superior Incompleto	Contador (falecido) e Do Lar	40	4500
Roberto	47	Branco	São Paulo - SP	Superior Incompleto	Comerciante e Dona de Casa (costureira)	60	8000
Thiago	25	Branco	São Paulo - SP	Superior Incompleto	Relojoeiro e Empresária	30	2500
Wanderley	69	Branco	São Paulo - SP	Superior Completo	Torneiro Mecânico e Doméstica	40	5000

Fonte: Elaboração própria.

Predomina no grupo de entrevistados a cor/raça branca, sendo que alguns sujeitos se autoclassificaram aproximando-se desse grupo dominante, com o uso de outras nomeações como pele clara e amarela, embora se aproximassem do que o Censo classifica como pardo. A realidade da cor branca dos relojoeiros pode encontrar explicação na medida em que essa ocupação provavelmente tenha sido trazida ou influenciada por imigrantes europeus ao Brasil, conforme discutido anteriormente: Lorena Almeida Gill e Beatriz Ana Loner (2014) já observaram nas entrevistas com relojoeiros em Pelotas (RS), um descendente de europeus (alemão) que aprendeu o ofício com um mestre suíço, por exemplo.

Além disso, o gênero masculino e a cor branca correspondem ao imaginário social da figura do artesão, principalmente aqueles que realizam trabalhos manuais, conforme discutido por Richard Sennett (2020): a partir da era clássica, as mulheres só eram reconhecidas como artesãs se trabalhassem no âmbito doméstico como tecelãs, possuindo este um caráter inferiorizado em relação aos ofícios praticados fora de casa, por homens. Tal realidade era sustentada pela visão de que o corpo das mulheres (em especial o seu cérebro) seria menos desenvolvido do que os homens.

Isto nos leva a compreender a realidade masculinizada do ofício, que no Brasil atinge mais especificamente o setor de reparação de relógios: se levarmos em conta os dados da RAIS, em 2019 haviam 850 relojoeiros em empregos formais (CLT) e apenas 35 relojoeiras, sendo que na capital paulista havia 97 homens e somente 3 mulheres. Já no que se refere a área de fabricação de relógios constata-se uma feminização do setor no período de 2003 e 2019, correspondendo as mulheres a 54% da mão de obra empregada (214 pessoas) no Brasil, e os homens a 46% dos trabalhadores registrados em 2019³⁷ (RAIS, 2019). Quanto à presença de relojoeiras no mundo, a pesquisadora e relojoeira britânica Rebecca Struthers, se valendo de um relatório, aponta que há apenas 5% de mulheres entre os relojoeiros de todo o mundo.³⁸

³⁷ A maior presença de mulheres no setor de fabricação de relógios se explica pela realidade contrastante da contratação por gênero na região Norte (onde está presente a Zona Franca de Manaus) e nas demais regiões do país. Na Região Norte, em 2019 cerca de 73% da mão de obra era feminina e o número de mulheres nessa região corresponde a 95% do total de mulheres que exercem essa função no país. Já nas demais regiões do país (Sul, Sudeste, Centro Oeste e Nordeste) existe uma grande diferença entre homens e mulheres fabricantes de relógios (a exemplo do que ocorre no setor de reparação de relógios): se somados o número de relojoeiros e relojoeiras nessas regiões, pode-se dizer que nelas os relojoeiros fabricantes são 94% e as relojoeiras fabricantes são 6% do total dessas regiões (SISTEMA DARDO, RAIS).

³⁸ Struthers é a primeira pessoa da história da relojoaria britânica a fazer doutoramento na área. Além disso, ela é membro do jurí do Grand Prix d'Horlogerie de Genève. Foi numa entrevista a um site de relojoaria que ela apresentou este dado da porcentagem de mulheres relojoeiras no mundo. Disponível em: <https://espiraldotempo.com/2019/10/21/perfil-rebecca-struthers-pioneirismo-no-feminino/>. Acesso em 24.08.20. Entrei em contato por e-mail com Rebecca perguntando a ela qual é o relatório que consta este dado, respondendo Struthers que acredita que este relatório se encontra num artigo publicado pelo site da Zayah World, sítio que escreve artigos sobre arte e design, joalheria e estilo na cultura global, mas aquele está indisponível. Assim, entrei em contato com a Zayah perguntando sobre este artigo, mas não obtive resposta.

Tendo em vista isso, o contato da relojoeira Ana para a entrevista só foi obtido pela realização de uma pesquisa em sites de busca sobre relojoeiras. Para além dela, encontrei relatos de reportagens que citavam relojoeiras em fábricas de relógios na Zona Franca de Manaus e recebi uma indicação de uma relojoeira de Porto Alegre por um dos entrevistados³⁹.

No que se refere a idade dos entrevistados, a maioria deles são de meia idade para cima, ficando a média de idade em 54 anos. Só três relojoeiros mais jovens (abaixo de 40 anos) foram entrevistados, o que inicialmente levou a reflexão de que há um envelhecimento dos relojoeiros na contemporaneidade, havendo poucos jovens interessados em praticar a profissão, conforme Beatriz Ana Loner e Lorena Almeida Gill (2014) analisaram o ofício.

Quanto à escolaridade, nota-se que há mais relojoeiros que acessaram o ensino superior (independente se o concluíram ou não) se comparado àqueles que possuem Ensino Médio completo (sendo que três sujeitos realizaram ensino técnico de forma concomitante ou subsequente ao Ensino Médio) e aqueles que apresentam Ensino Fundamental completo ou incompleto. Considerando as ocupações dos pais dos sujeitos, notamos que parte é de origem nas classes populares, pois são ocupações que não exigem formação superior e apresentam rendimento baixo. Porém, comparando a renda média mensal dos relojoeiros com a escolaridade e ocupação dos seus pais, percebemos que alguns deles tiveram mobilidade social, como foram os casos de João, Fernando e Milton (sendo os dois primeiros aposentados), os quais informaram os maiores rendimentos. Excetuando-se os rendimentos iguais ou maiores do que 10.000 reais, a média da renda mensal possuída pelos relojoeiros ficou em cerca de 3600 reais.⁴⁰

Ainda, vale destacar que quatro dos pais dos entrevistados (Álvaro, Carlos, Wanderley e Thiago) foram ou são relojoeiros, sendo que Thiago é de uma geração mais jovem, e seu pai João foi outro entrevistado por indicação dele, o que indica a transmissão familiar geracional da ocupação em momentos diferentes (antigamente e mais recentemente).

1.4.2 Atuação no ofício

A maioria dos relojoeiros entrevistados atuam em relojoarias ou oficinas da cidade de São Paulo, enquanto dois atuam na região metropolitana de São Paulo (Danilo em Carapicuíba e Milton em São Bernardo do Campo) e três no interior do Estado de São Paulo (Ana, Arnaldo e Eduardo, que realizam o serviço em Jundiaí, Dourado e São Bento do Sapucaí,

³⁹ A discussão sobre gênero e relojoaria será aprofundada mais adiante.

⁴⁰ Veremos mais adiante quais fatores estão associados ao rendimento médio mensal dos relojoeiros.

respectivamente). Dentre os que atuam na capital paulista, cinco localizam-se na região central do município (Fernando, Pedro, Marcos, Bernardo e Manoel), três em regiões nobres (João, Thiago e Álvaro) e quatro em regiões de padrão médio e popular (Roberto e Wanderley na zona norte da cidade, Carlos na zona oeste e Luciano na zona leste).

Além disso, quase todos relojoeiros são especialistas em conserto de relógios mecânicos (com a exceção de Arnaldo, que atua tanto na reparação quanto na fabricação de relógios mecânicos), sendo que sete são especialistas de relógios no geral, seja de pulso ou de parede e/ou torre: Álvaro, Pedro, Carlos, Wanderley, Bernardo, João e Milton. Já os demais relojoeiros são especialistas ou nos relógios de parede e/ou fachada e torre (Arnaldo, Marcos e Eduardo) ou especializados no conserto e restauração de relógios de pulso (Roberto, Thiago, Fernando e Luciano). Além destes dois grupos, há um terceiro grupo de relojoeiros que consideramos neste trabalho, que realizam o serviço em relógios eletrônicos, sendo Ana, Manoel e Danilo os representantes desse grupo⁴¹.

Quadro 2 - Atuação no ofício

Especialistas em relógios mecânicos no geral	Especialistas em relógios mecânicos de parede, mesa e/ou torre	Especialistas em relógios mecânicos de pulso	Especialistas nos relógios eletrônicos
Álvaro	Arnaldo	Fernando	Ana
Bernardo	Eduardo	Luciano	Danilo
Carlos	Marcos	Roberto	Manoel
João	-	Thiago	-
Milton	-	-	-
Pedro	-	-	-
Wanderley	-	-	-

Fonte: Elaboração própria.

No que se refere ao vínculo de trabalho dos relojoeiros neste ofício (ver quadro abaixo), notamos uma variedade de vínculos declarados pelos entrevistados: a maioria é autônomo, o que corrobora para o aspecto da autonomização do relojoeiro que emerge na pesquisa de Lorena Almeida Gill e Beatriz Ana Loner (2014). Além disso, é interessante notar que dentre eles cinco são microempreendedores individuais (MEI): Pedro, Eduardo, Luciano, Milton e Wanderley. Também há relojoeiros empresários com funcionários (Arnaldo e Marcos) e os empregados em relojoarias e óticas (Roberto, Ana, Thiago e Danilo). Por fim, há cinco relojoeiros aposentados, sendo que Álvaro, Carlos e Wanderley continuam atuando como autônomos no ofício. Apesar disso, Carlos e Fernando não estão exercendo a ocupação na oficina/relojoaria, mas sim como

⁴¹ Consideramos nesta pesquisa os relógios mecânicos como todos aqueles que são movidos a corda ou por força mecânica das engrenagens. Já os relógios eletrônicos são os mecanismos movidos a bateria (quartz) ou eletricidade. As definições de relógios que adotamos são resultado do contato que tivemos com os sujeitos desta pesquisa.

como prestador de serviço no Museu do Relógio da DIMEP e professor do curso de relojoeiro oferecido pelo Sijojias⁴² (sindicato que reúne os trabalhadores nas indústrias de joalheria, lapidação, ourivesaria, relógios e os profissionais de assistência técnica em relojoaria do Estado de São Paulo), nesta ordem.

Quadro 3 - Vínculo de trabalho dos relojoeiros

Autônomos	Empresários	Empregados	Aposentados
Álvaro	Arnaldo	Ana	Álvaro
Bernardo	Marcos	Danilo	Carlos
Carlos	-	Roberto	Fernando
Eduardo	-	Thiago	João
Luciano	-	-	Wanderley
Manoel	-	-	-
Milton	-	-	-
Pedro	-	-	-
Wanderley	-	-	-

Fonte: Elaboração própria.

2. CAPÍTULO I: TRAJETÓRIAS DOS RELOJOEIROS

Consideraremos as trajetórias dos relojoeiros por meio das áreas de atuação dos mesmos, dividindo-os nos seguintes grupos de entrevistados: 1) Relojoeiros mecânicos e 2) Relojoeiros eletrônicos. No primeiro grupo, subdividimos os relojoeiros mecânicos nas seguintes categorias: 1.1 Relojoeiros mecânicos no geral; 1.2 Relojoeiros de pulso; 1.3 Relojoeiros mecânicos “pendoleiros” (especialistas em relógios de pêndulo, de parede, mesa, pedestal e torre).

2.1 Relojoeiros mecânicos

2.1.1 Relojoeiros mecânicos no geral

Começamos com Álvaro⁴³, o relojoeiro com mais tempo no ofício entre os entrevistados. Ele tem 77 anos e atua numa relojoaria consertando relógios de parede e pedestal, além de realizar a manutenção em relógios de torre da cidade, como da Estação Júlio Prestes e do Palácio das Indústrias. Álvaro saiu do Estado de Alagoas com seu pai relojoeiro aos quatro anos para a cidade de São Paulo no final da década de 40. Observava seu pai mexendo nos relógios, e assim foi pegando gosto pelo ofício. Aos sete anos Álvaro perdeu o pai, e se viu na

⁴² Nome fictício.

⁴³ Entrevista realizada no dia 10/04/20, feita por chamada de vídeo do WhatsApp.

necessidade de ter uma profissão, de começar a trabalhar. Pelo gosto adquirido pela ocupação de relojoeiro e ao constatar que o relojoeiro tinha bastante serviço, com esta idade iniciou no ofício atuando em uma relojoaria pequena como aprendiz nos anos 1950. Sua aprendizagem como é de se esperar nas relações de trabalho ocorridas no ofício, se deu na prática através de mestres, tendo passado Álvaro em diversas relojoarias: de acordo com o entrevistado, teve mestres portugueses, italianos e cada um deles tinha uma técnica distinta, o que o fazia a adquirir um conhecimento diferente em cada relojoaria que passava.

Contudo, seu caminho de aprendiz para mestre foi marcado por obstáculos motivados por sua origem nordestina: Álvaro mencionou na entrevista o preconceito que seus clientes tinham por ele ser nordestino, dizendo que os clientes preferiam pedir os serviços para um relojoeiro estrangeiro. Este ponto reforça que a legitimidade ao artesão recai a uma certa representação de indivíduos, na qual se atribui o saber-fazer: como homem, branco e imigrante europeu, conforme sublinhado por Sennett (2020) e Scheer (2014).⁴⁴

Além disso, as relações de trabalho presentes nestas relojoarias, de acordo com Álvaro, era que os relojoeiros ganhavam por peça produzida, recebiam um salário mínimo e comissão e tinham carteira profissional assinada, não havendo conflitos com leis trabalhistas. Este relato do entrevistado sobre as relações trabalhistas, não segue a realidade presente nos ofícios tradicionais (como do sapateiro) a partir da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), em 1943: conforme constatado por Micaele Irene Scheer (2014), a CLT gerou importantes implicações para os ofícios artesanais, visto que engendrou dinâmicas de trabalho que se contrapõem ao que ocorre no trabalho artesanal: enquanto as primeiras são marcadas pela racionalização do trabalho do trabalhador, realizando-o de forma fragmentada e assalariada sobretudo nas indústrias, os ofícios como abordamos anteriormente, são trabalhos marcados por uma pequena divisão (mestre- aprendiz) que resguarda o domínio do processo de trabalho por parte dos artesãos (conhecendo eles toda as etapas do trabalho) e há a secundarização ou ausência do assalariamento, visto que o objetivo principal dos aprendizes artesãos é de obter o saber-fazer que detém seus mestres, de forma a se tornarem mestres com o tempo (idem). Este contraste motivou os sapateiros, como os pelotenses, a moverem processos trabalhistas contra seus empregadores que não cumpriram as leis trabalhistas (SCHEER, 2014).

Deste modo, a partir do relato de Álvaro de seu início no ofício de relojoeiro como um aprendiz CLT na década de 50, podemos apontar que essa ocupação ainda que tenha preservado

⁴⁴ Scheer (2014) aborda que os sapateiros negros em fins do século XIX e início do século XX da cidade de Pelotas (RS), quando conseguiam chegar a condição de mestres e fundar uma empresa de calçado, não eram elogiados e considerados hábeis artistas como os sapateiros imigrantes brancos europeus, de acordo com a sociedade pelotense.

suas relações de trabalho artesanais, de oficina, se adaptou processualmente com as mudanças instituídas a partir da CLT. Entretanto, apesar do relato de Álvaro, é bem provável que conflitos e processos trabalhistas tenham ocorrido na ocupação, seja nas oficinas ou nas indústrias de relógio que existiam ainda na década de 50, a exemplo do que ocorreu com os sapateiros.

A influência familiar na iniciação na ocupação de relojoeiro também está presente na trajetória de Pedro. Este⁴⁵ atua numa oficina de conserto de relógios mecânicos na região central da cidade (próxima da Praça da Sé) e também realiza a manutenção de relógios de torre como da Estação da Luz, Faculdade de Direito da USP e da vila de Paranapiacaba (esta última pertencente ao município de Santo André). Ele aprendeu a profissão através de seu avô Inácio, que trabalhou como empregado na relojoaria Reguladora Fox (localizada no centro da cidade) na década de 30 e quando saiu dela, abriu uma oficina de conserto de relógios e também fabricação de jóias (de maneira complementar) no mesmo lugar em que seu neto se encontra hoje. Até a década de 70, Inácio tinha funcionários ourives que foram saindo da oficina (um dos motivos apontados por Pedro foram os conflitos trabalhistas com seu avô, o que reforça o ponto ressaltado no parágrafo anterior), deixando ele sozinho em 1976. Em vista disso, chamou seu neto para trabalhar com ele: nessa época Pedro trabalhava numa indústria de papéis na Barra Funda como auxiliar de escritório, mas já ajudava seu avô na limpeza e lubrificação dos relógios mecânicos de torre. Assim, Pedro sai de seu trabalho e inicia sua trajetória como relojoeiro, começando seu aprendizado com seu mestre-avô na limpeza dos relógios e consertando os despertadores, que são mais difíceis de quebrar de acordo com o entrevistado:

O básico [do aprendizado da ocupação] é isso, é você não quebrar o relógio (...). Então eu pegava o relógio assim com menos valor, tal, então fui aprendendo né, a limpar relógio. E com o tempo fui pegando o jeito né, fui gostando da profissão e pegando o jeito de consertar né. Ele [seu avô] foi me passando, ensinando como é que fazia tudo né, aí acabei aprendendo. (Pedro).

Quanto a Bernardo⁴⁶ e João⁴⁷, os dois não chegaram ao ofício por influência familiar, mas sim por meio de mestres de oficina/relojoaria: Bernardo trabalha numa oficina na região central, próxima a Praça da Sé. No início da década de 90, era ajudante de motorista numa empresa em Moema, não estando feliz com o ambiente de trabalho. No caminho para o trabalho, passava por uma relojoaria que marcava os horários de seis países diferentes. Um dia, ele ganha um relógio de pulso eletrônico de presente (um Timex Salomé), mas uma semana depois a pilha

⁴⁵ Entrevista realizada no dia 19/07/20.

⁴⁶ Entrevista realizada no dia 05/09/20 por telefone.

⁴⁷ Entrevista realizada no dia 17/09/20 por telefone.

desse relógio acaba, e ele vai a aquela relojoaria trocar a pilha. Ao entrar na relojoaria começa a conversar com o dono desta, um senhor, que ao perceber o gosto e paixão de Bernardo pela mecânica e eletrônica dos relógios, o convida a trabalhar com ele, que imediatamente aceita.

Já João é um relojoeiro aposentado que atua numa relojoaria familiar (cuja proprietária é sua esposa) e em sua oficina em casa. Ele chegou ao ofício por influência de um vizinho: com onze anos de idade observava-o trabalhando em sua oficina e já tinha afinidade por mecânica. Esta admiração levou a que João anos depois, em 1972, conseguisse emprego numa relojoaria na Grandes Galeria (atual Galeria do Rock), tendo como mestre o José Carlos. Nessa relação com ele, João ressalta que não apenas aprendeu a profissão, mas também aprendeu a amar o relógio e a sua história:

Nesse período eu aprendi a profissão, aprendi a amar o relógio, porque isso é uma paixão, não é uma coisa que fala “Ah, eu vou aprender relojoeiro”. Não! Você tem que ter paixão pelo relógio, aí sim você vai aprender, porque se não, caso o contrário, você não consegue. (...) Não é só você aprender montar e desmontar o relógio, você tem que saber a história do relógio, o que que é aquele mecanismo, quando que ele foi produzido, quem que foi que produziu, tem que ser metódico, entendeu? É, o relojoeiro, ele é muito metódico, ele é muito detalhista. Ele é muito, ele é muito... assim... perfeccionista, né. (João).

Para além da formação por meio de mestres familiares ou não, encontramos dois relojoeiros que tiveram a formação no ofício por meio da realização do curso de relojoeiro oferecido pelo SENAI entre as décadas de 60 e 80: Wanderley⁴⁸ e Milton⁴⁹. Wanderley é um relojoeiro aposentado que trabalha em sua oficina em casa na zona norte de São Paulo, além de prestar serviços para órgãos públicos como Sabesp, Tribunal de Contas e APAMAGIS. Ele começou a aprender a ocupação com seu mestre pai que era torneiro mecânico, mas foi no curso do SENAI que desenvolveu sua formação no ofício, ingressando nessa escola em 1965, fazendo parte da primeira turma do curso. Wanderley conta que o curso era voltado ao conserto de relógio de pulso e a reparação/fabricação de pequenas ferramentas e consistia em três módulos, tendo duração de três anos, formando-se em 1969. Além disso, este curso do SENAI era administrado pelo Centro Relojoeiro suíço, que fornecia equipamentos e ferramentas provenientes da Suíça e tinha em seu quadro professores que tinham experiência naquele país.

Já Milton atua numa relojoaria em um shopping em São Bernardo do Campo (SP). Seu primeiro contato com a ocupação se deu trabalhando como faxineiro numa relojoaria na periferia da cidade de São Paulo, ajudando o relojoeiro a dar corda nos relógios. Foi através do

⁴⁸ Entrevista realizada no dia 19/03/21, por telefone.

⁴⁹ Entrevista realizada no dia 27/02/21, por telefone.

seu pai, um funcionário público que gostava de fazer cursos diversos por hobby, realizando o curso de relojoeiro do SENAI, que Milton soube do curso e foi convidado a entrar nessa escola, o que ocorreu em 1976, se formando no ano seguinte. Ele destaca que o SENAI nesta época era a única escola de relojoaria de São Paulo e a melhor da América do Sul. Apesar disso, Milton destaca que o relojoeiro que é formado no curso sai dele sem nenhuma experiência, tendo ele estendido relações com os professores do curso (que eram inclusive conhecidos na cidade) que contribuíram para o desenvolvimento de sua prática da ocupação:

Um professor que eu tive foi o professor Nilton, se você falar o nome dele no centro de São Paulo, todo mundo conhece, um professor fantástico! Então eu tive dois grandes mestres de relojoaria. Só que você sai do SENAI, “verde”, né, você sai sem experiência nenhuma. E a experiência é a bancada, você vai aprendendo... tive a oportunidade de conhecer vários amigos mestres relojoeiros, que vão te dando a dica, vão te passando. É isso aí, e a gente vai se virando (Milton).

Desta forma, o curso de relojoeiro pode ser entendido como um meio importante de formação de novos relojoeiros, levando o aprendizado para além das oficinas, realizando práticas semelhantes às profissões (que realizam o treinamento fora do mercado de trabalho) (FREIDSON, 1995). Contudo, a formação do relojoeiro no curso é feita parcialmente, sendo importante que o relojoeiro desenvolva suas habilidades por meio da prática com um mestre. Esta visão é compartilhada por João, o qual realizou em 1987 o curso do relojoeiro oferecido pelo SENAC na Avenida Tiradentes, considerando este como algo complementar ao aprendizado que teve com seu mestre, pois o curso só ensinava o básico (como desmontar e montar relógios). Deste modo, João considera que é na relojoaria com o mestre que se consegue obter os detalhes para a realização do trabalho do relojoeiro, atribuindo ao seu mestre José Carlos a habilidade e destreza pelos relógios que possui hoje, afirmando que o mesmo era metódico e rigoroso, cobrando seus aprendizes. Além disso, o entrevistado sugere que os relojoeiros da mesma época do que a dele também tiveram esse aprendizado com mestres rigorosos.

Diante disso, podemos entender que esses relojoeiros especialistas em relógios em geral tiveram o aprendizado com a figura do mestre ou por meio de cursos de relojoeiro (tendo neste contato com mestres relojoeiros), constituindo suas habilidades e obtendo o saber fazer do ofício. Essas qualidades são próprias da figura do artesão, identidade que foi autoatribuída por Álvaro na entrevista, ao dizer que ele faz e conserta relógios. O artesão desta forma usa as

ferramentas⁵⁰ como a sua própria extensão, empregando a sua inteligência e qualificação para realizar um trabalho de qualidade (TOMASI; SILVA, 2007).

Além disso, dentre esses sujeitos relojoeiros, os que tiveram a formação inicial pelo mestre enquanto aprendizes, foram funcionários daqueles (Álvaro, Pedro, João e Bernardo). E ao alcançarem o domínio como mestre (diante do aprendizado que tiveram) todos eles assumiram relojoarias (sejam as mesmas em que trabalharam com seus mestres, após a aposentadoria deles, ou abrindo uma própria). Dois deles (Álvaro e João) tiveram funcionários, sendo que Álvaro teve aprendizes na década de 70 e João, em fins da década de 80 e início da 90. Contudo, ambos com o tempo não tiveram mais funcionários (para além de seus familiares⁵¹) por dois motivos diferentes: primeiramente, Álvaro relata que há 50 anos o trabalho do relojoeiro tinha estabilidade e muitas vagas, o que foi diminuindo nas décadas seguintes, reduzindo os interessados em aprender a ocupação. Tal conjuntura também está presente nos relatos de Pedro e Bernardo, os quais foram os únicos funcionários de seus mestres durante suas convivências com eles, diferentemente de seus mestres que tiveram funcionários ao longo da sua trajetória: a oficina em que Pedro trabalhava com seu avô até ganhou por um breve momento um novo aprendiz, seu irmão Mário, o qual porém, não gostou da ocupação, saindo da oficina. E após Pedro assumir a oficina de seu avô com a aposentadoria dele em 1986, não teve funcionário, apenas a companhia de Inácio que continuou trabalhando mesmo aposentado até os 90 anos, subindo nos relógios de torre até os oitenta anos. Já Bernardo desde que abriu sua relojoaria em 2003, também não teve funcionário. Diante disso, esses relojoeiros passaram a ser autônomos quando alcançaram a condição de mestres.

Para além da autonomização dos relojoeiros provocada pelo cenário de redução dos funcionários das relojoarias, os conflitos ocorridos na relação entre empregador e empregado, também motivaram essa redução. Conforme dito por João, quando ele era dono da relojoaria da rua 24 de maio, no centro da cidade, teve funcionários que lhe deram “dor de cabeça”, analisando que o funcionário de uma maneira geral, tem o interesse nele próprio, não na empresa em que trabalha: “Funcionário... ele só vê o benefício dele, não da empresa, ele não

⁵⁰ Interessante notar que certas ferramentas de precisão do trabalho do relojoeiro envolvem um grande custo: um torno mecânico, por exemplo (que foi citado por alguns sujeitos da pesquisa) tem um custo estimado entre R\$5000 a R\$8000 reais (no caso de um mini torno) e de R\$8000 a 13000, no que se refere a um torno normal. (Disponível em: <https://www.lojadomecanico.com.br/produto/121325/11/612/kit-torno-mecanico-500mm-bv20l-550w-fortg-pro-fg004bv20l--paquimetro-digital-em-aco-150mm-com-estojopro-k783>. Acesso em 09/07/21). Diante disso, podemos apontar não apenas que o relojoeiro precisa acumular recursos para investir e praticar o seu ofício, mas refletir em como na relação mestre e aprendiz para além dos conhecimentos e aprendizados que são transmitidos, se transmitem também as ferramentas do mestre ao aprendiz para a realização do trabalho.

⁵¹ Álvaro chegou a receber o auxílio de seu filho no ofício, enquanto João tem como funcionário na relojoaria da sua esposa, seu filho Thiago.

luta pela empresa. Ele luta pelo salário dele: ele fez o salário dele e acha que tá tudo certo, entendeu? ” (João). A partir do seu discurso, podemos pensar em como nos serviços de manutenção ou reparos técnicos de uma maneira geral (em automóveis, eletrodomésticos, etc) os funcionários frequentemente assumem em suas trajetórias a condição de proprietários e empregadores, podendo implicar numa tensão entre capital e trabalho (conforme se deu na relação de João com seus funcionários) que contraria a organização familiar e coletiva presente nos ofícios (DADOY, 1989).

Diante disto, João optou por não ter funcionário para além de seu filho Thiago, sendo por pouco tempo autônomo, apenas alguns anos após deixar de ter funcionários, pois na década de 1990 trabalhou como gerente numa fábrica de relógios de confecção (Cosmos) e em 2002 abriu com sua esposa uma relojoaria no bairro de Moema, sendo que sua esposa assumiu como proprietária do estabelecimento e João trabalhou como funcionário deste até se aposentar.

Quanto aos relojoeiros Milton e Wanderley, após se formarem no curso de relojoeiro do SENAI, eles trabalharam como funcionários, seja em assistências técnicas de relógio de pulso (tendo Wanderley trabalhado em grandes marcas como Technos, Omega e Baume & Mercier) ou em relojoarias e shoppings. Eles só chegaram à condição de autônomos recentemente quando se cadastraram como Microempreendedores Individuais, sendo que Wanderley fez isso já como aposentado.

Deste modo, se considerarmos o percurso desses relojoeiros especialistas em relógios no geral, podemos apontar que apesar de eles se identificarem como especializados em todos os tipos de relógios, em suas trajetórias eles realizaram mais serviços em determinados tipos de relógios em detrimento de outros. Milton e Wanderley por exemplo, na medida em que se formaram num curso de relojoeiro mais voltado a reparação de relógios de pulso e que posteriormente foram funcionários de assistências técnicas de relógios de pulso, fizeram mais serviços neste tipo de relógio do que em relógios de médio/grande porte (parede, mesa e pedestal). Além deles, João também narra que apresenta mais serviços com relógios de pulso. Já Álvaro, Pedro e Carlos fazem mais serviços nos relógios de parede, mesa, pedestal e torre (este último no caso de Álvaro e Pedro). Por fim, Bernardo tem focado na área de recuperação de peças de relógios.

Sendo assim, pode-se problematizar que a autonomização dos relojoeiros pode estar influenciada com a área de atuação dos relojoeiros, sendo que aqueles que mais realizam serviços em relógios de pulso levaram mais tempo para se autonomizar do que aqueles que focaram no serviço de relógios de médio e grande porte. Ademais, o rendimento também pode ser associado ao tipo de relógio que se conserta, tendo em vista que os relojoeiros mecânicos

no geral que mais realizam serviços em relógios de pulso informaram os maiores rendimentos (sendo João o maior) do que aqueles que realizam serviços em relógios de pêndulo (como Pedro e Álvaro).⁵²

2.1.2 Relojoeiros mecânicos de pulso

Dentre os especialistas em relógios de pulso, o que tem mais tempo de trajetória no ramo é Fernando, relojoeiro aposentado que atua como professor de um curso de relojoeiro oferecido pelo Sijoiás.⁵³ De origem nordestina, ele chegou em São Paulo em 1971, aos vinte e sete anos para trabalhar como Engenheiro Civil, sendo ele formado em Contabilidade.⁵⁴ Contudo, ele percebeu que o ramo de relojoaria estava no auge, já que os profissionais ganhavam muito bem, o que fez ele sair da profissão de administrador de empresas (na qual trabalhou por um ano) e iniciar no ofício do relojoeiro, tendo toda trajetória em empresas de relógios (como as marcas Technos e H.Stern). Seu relato mostra que a ocupação de relojoeiro continuava gozando de prestígio nos anos 1970 na cidade de São Paulo, com grandes rendimentos (até maiores do que funções que exigem maior escolaridade, como administrador de empresas) que atraíam interessados a exercer a ocupação, não ficando esta restrita a uma relação familiar para ser transmitida.

Na década seguinte, foi a vez de Roberto e Luciano iniciarem na ocupação. O primeiro⁵⁵ é empregado de uma relojoaria que se localiza no interior de um hipermercado da zona norte de São Paulo. Ele é de uma família de relojoeiros, sendo que foi seu tio que iniciou essa tradição nos anos 1960, fazendo o curso de relojoeiro no Instituto Universal Brasileiro, na Avenida Rio Branco. Ao perceber que a ocupação do relojoeiro estava dando dinheiro, seu tio deixa o trabalho de garçom e se muda para Minas Gerais, onde começa a trabalhar no ofício, chamando seu irmão a trabalhar com ele. Anos depois, é o irmão mais velho de Roberto que inicia na ocupação, tendo a sua própria relojoaria no início dos anos 1980, que era próxima a casa de Roberto. Ele então, foi convidado a trabalhar com seu irmão aos onze anos de idade, e seu início de aprendizado se deu como office boy e consertando despertadores. Para além do aprendizado na prática através do mestre, Roberto realizou um curso de relojoeiro num centro pertencente

⁵² A comparação entre os diferentes setores de relógios quanto ao vínculo e rendimento será feita mais adiante.

⁵³ Entrevista realizada no dia 23/07/19, na sede do Sijoiás localizada na região central da capital paulista.

⁵⁴ É preciso refletir se Fernando de fato trabalhou como Engenheiro Civil ou se ele está se designando subjetivamente numa ocupação institucionalmente reconhecida (Engenheiro) em substituição a ocupação que ele formalmente exercia (provavelmente numa área próxima à Engenharia como Topógrafo), considerando que ele era formado em Contabilidade.

⁵⁵ Entrevista realizada no dia 18/09/20 por telefone.

ao relojoeiro de nome Amilton Cestari, não concluindo o curso por falta de recursos. Depois disso, trabalhou em relojoarias, sendo que na atual ele está há 27 anos.

Já Luciano⁵⁶ exerce o ofício numa oficina dentro da ótica de sua esposa, na zona leste da cidade de São Paulo. Ele narra que o seu início na ocupação se deu no contexto de fins da Ditadura civil-militar, marcado não só pela redemocratização, mas também pela crise econômica: Luciano perdeu o emprego na área financeira e estava desempregado, quando foi chamado pelo seu irmão a trabalhar em sua oficina de relógios, iniciando seu aprendizado no ofício. Tempos depois, soube de um curso no SENAC de técnico em relojoaria e sendo incentivado por familiares e amigos, realizou o teste para entrar no curso, tendo sido aprovado. Foi no SENAC que se deu a sua formação como relojoeiro, no entender dele, abrindo portas para que ele trabalhasse numa assistência técnica parceira do curso.

Comparando-se estes três relojoeiros, nota-se que todos eles possuem origens populares, de pais que realizaram ocupações com baixo rendimento e que não necessitam de alta escolaridade. No entanto, percebe-se uma mobilidade social em Fernando, que tem formação superior completa e ao longo da sua trajetória nas assistências técnicas foi aumentando fortemente seu rendimento, se aposentando com a renda de 10.000 reais. Isso pode ser explicado por Fernando ter trabalhado em assistências técnicas nos Estados Unidos, que remuneram mais o relojoeiro, segundo ele. Já Luciano, que trabalhou em assistências técnicas na cidade de São Paulo até virar autônomo há quinze anos, não alterou seu rendimento conforme o tempo, segundo ele, se mantendo em 2000 reais.⁵⁷ O baixo salário nas assistências técnicas é enfatizado por Roberto, que no início dos anos 2000, recebeu convite de uma assistência de marca suíça de relógio, mas ao constatar que o salário era baixo, optou por permanecer na relojoaria onde trabalha atualmente. De fato, enquanto contratado dessa relojoaria, Roberto narra que seu rendimento aumentou conforme o tempo.

Além disso, se Fernando iniciou na ocupação num momento ainda de auge do relojoeiro e do relógio mecânico, com elevados rendimentos, Roberto e Luciano iniciam na ocupação no momento de crise da relojoaria mecânica: o primeiro destaca que a década de 80 foi marcada pela onda de relógios eletrônicos⁵⁸ e pela redução dos serviços em relógios mecânicos, prejudicando os relojoeiros mecânicos que era a imensa maioria da mão de obra e necessitavam buscar formação na área de eletrônica para poderem sobreviver e se destacar no mercado.

⁵⁶ Entrevista realizada no dia 05/02/21 por telefone.

⁵⁷ Outro fator que explica o baixo rendimento de Luciano é pelo fato de ele prestar serviços para relojoarias enquanto terceirizado. Exploraremos o aspecto da terceirização do trabalho do relojoeiro no capítulo II.

⁵⁸ Analisaremos mais profundamente as transformações no ofício de relojoeiro, pela digitalização dos relógios, mais adiante.

Contudo, apesar de Roberto e Luciano terem feito cursos de relojoeiro, o primeiro destaca que haviam poucos cursos neste período, havendo a queda de aprendizagem do relojoeiro:

Em oitenta e cinco começou a onda de eletrônico, os relojoeiros mecânicos ninguém sabia mexer com relógio eletrônico, meu irmão sabia. Ele me ensinou antes do curso, então quer dizer, ele se destacava por consertar relógio eletrônico. E era assim: o relojoeiro procurado era que consertava relógio eletrônico, o mecânico ninguém... tinha quinhentos relojoeiros para consertar o mecânico e um para consertar o eletrônico, vamos supor que não sabia direito, porque não tinha curso, tá? Não tinha curso, não tinha equipamento, no passado era muito difícil, tá? Então quer dizer, poucos relojoeiros aprenderam isso, teve uma queda na aprendizagem do relojoeiro porque ninguém se dedicava a isso (Roberto).

O período de crise do ofício diante da digitalização trouxe implicações não só para a formação técnica do relojoeiro (de necessitar se especializar nos relógios eletrônicos, sendo escassos os cursos de relojoeiro) mas também para o interesse de pessoas (principalmente jovens) de praticar o ofício, inclusive por meio de relações familiares de aprendizado da ocupação. Apesar disso, nos tempos atuais encontramos um relojoeiro jovem que teve essa influência familiar para a iniciação no ofício: Thiago⁵⁹, que tem 25 anos e aprendeu com seu pai João a ocupação. Além do mais, essas relações familiares também se fazem presente nas vivências de Thiago, pelo fato dele trabalhar numa relojoaria familiar que tem como proprietária e administradora a sua mãe, e que ainda conta com a atuação de seu pai enquanto relojoeiro aposentado. Assim sendo, Thiago considera que é relojoeiro desde que se conhece por gente, desenvolvendo sua habilidade manual desde criança e realizando sua primeira revisão de relógios aos treze anos. Ele pondera que é muito difícil ser relojoeiro atualmente para além do aprendizado familiar, devido à ausência de escola ou curso de relojoeiro: “Desde que eu me conheço por gente eu respiro relojoaria, né. Eu creio que hoje no Brasil, fora esse jeito de pegar a profissão do pai, de pai para filho, de você herdar a profissão, é muito difícil ser relojoeiro, porque não tem escola, não tem um curso técnico.” (Thiago).

Além disso, o entrevistado considera que é difícil haver relojoeiros novos como ele, não conhecendo ninguém mais novo que exerça essa ocupação, o que aponta para a dificuldade de se haver jovens interessados em aprender o ofício (LONER; GILL, 2014). Para além de sua formação na relojoaria por meio do aprendizado com seu pai, Thiago realizou cursos na área da mecânica: o curso de ferramentaria do SENAI, trabalhando nesta área durante um ano; e o curso de Fabricação Mecânica na FATEC, o qual não concluiu por acreditar que a formação não agregaria uma informação técnica nem algo concreto para ele exercer a relojoaria. Entretanto,

⁵⁹ Entrevista realizada no dia 28/08/20 por telefone.

isso não é compartilhado por seu pai, que considera que tanto o curso do SENAI como da FATEC possibilitou que seu filho tivesse uma destreza e uma habilidade de mexer no torno mecânico melhor do que ele. Deste modo, esses cursos contribuíram para expandir a qualificação de Thiago, que aos 19 anos começa a trabalhar na relojoaria de sua mãe, onde recebe um salário mínimo e tem o restante de seu rendimento obtido pelos serviços que realiza fora do estabelecimento.

A qualificação é entendida por Thiago como um fator que o levou para o ofício de relojoeiro: de acordo com ele, existem poucos relojoeiros qualificados a ponto de ter experiência de fazer um serviço de relógio, o que faz com que não haja muita concorrência. Seu relato mostra a consequência da escassez de cursos de relojoeiro na contemporaneidade, diminuindo a formação e o aprendizado de relojoeiros, aspecto que já aparecia nos anos 1980 como bem Roberto narrou.

2.1.3 Relojoeiros mecânicos “pendoleiros”

Entre os relojoeiros especialistas nos relógios de pêndulo, de médio ou grande porte, todos os sujeitos iniciaram a trajetória no atual século. O que tem mais tempo de trajetória é Arnaldo⁶⁰, que tem 36 anos e é proprietário de uma empresa de engenharia na cidade de Dourado- SP, a qual fornece e restaura sinos e relógios de grande porte (para fachadas de lojas, shoppings e torres de Igreja, por exemplo). Além disso, Arnaldo realiza a manutenção em dois relógios de torre da cidade de São Paulo, como o Mosteiro de São Bento. O entrevistado conta que sempre foi fascinado por máquinas, desmontando-as quando era criança. Ao lado de sua casa, havia a Igreja Matriz da cidade de Dourado, onde tinha um relojoeiro com idade avançada, que ao constatar o interesse de Arnaldo (que tinha cerca de quinze anos) pelo relógio e sua mecânica, ofereceu a ele o serviço. Foi mexendo no relógio que ele foi desenvolvendo a sua habilidade na relojoaria. Após isso, Arnaldo narra que procurou abrir uma empresa neste ramo, e na boca a boca, fundou aos quinze anos a sua empresa de engenharia, que não atua apenas no ramo da relojoaria, mas também dos sinos, ambos de grande porte, prestando serviços para todo o Brasil.

Sua empresa já possui 21 anos e seu desenvolvimento ocorreu com a formação de Arnaldo em Engenharia Mecânica e de seu contato com empresas parceiras italianas. Além disso, a empresa conta com seis funcionários CLT (para além de sua esposa, que administra a

⁶⁰ Entrevista realizada no dia 25/05/20, feita por chamada de vídeo do Whatsapp.

empresa) que atuam em funções como técnicos de manutenção, fundição, motorista e vendedor. Esses empregados são mais velhos e experientes, já que possuem mais comprometimento do que os jovens, de acordo com o entrevistado, ainda que os primeiros demorem mais a realizar o serviço do que os segundos na percepção dele. Ademais, esses funcionários devem, segundo ele, andar de acordo com seu caminhar, considerando-se Arnaldo como um relojoeiro sistemático e “chato”, que seriam para esse sujeito as características de um bom relojoeiro.

Já Marcos⁶¹ tem 52 anos e atua numa oficina no bairro da Aclimação, na manutenção e restauração de relógios de parede, mesa, pedestal e torre. No momento não realiza serviço em relógios de torre, apesar de já ter exercido a profissão em diversos relógios da cidade, como na Agência Central dos Correios. Se formou em Engenharia Mecânica quando mais jovem, desenvolvendo seu gosto de manutenção da mecânica no geral, iniciando sua vida profissional como mecânico de avião. Em 2002 estava desempregado quando, andando pela região do Metrô Vergueiro, avistou o relógio da Paróquia Santo Agostinho (que é contígua ao Colégio Santo Agostinho, onde ele estudou) parado. Necessitando sustentar a sua família, decidiu entrar na Igreja e pedir ao padre, conhecido dele, para consertar o relógio, não sabendo que tipo de relógio (grande ou pequeno) iria encontrar. Para sua surpresa, Marcos foi autorizado a subir na torre, desmontando a máquina do relógio e aprendendo a mexer nele.

Após esse acontecimento, Marcos começa a atuar na ocupação de relojoeiro, mas de uma maneira secundária, já que conseguiu um emprego no ramo da administração de empresas. Era fora do horário de trabalho que o entrevistado de maneira autônoma, realizava serviços de conserto de relógio, adquirindo seus primeiros clientes e conhecendo outros tipos de relógio. Em 2014, ele fecha uma sociedade que tinha no ramo da administração (atribuindo isso à crise econômica no Brasil), criando a possibilidade que ele realizasse de maneira primária o ofício do relojoeiro na oficina que ele abriu no bairro da Aclimação. Porém ele entra num dilema, em que confronta a sua razão e emoção. A primeira seguia uma valoração hierárquica de ocupações e formação: ser pós-graduado em administração e ter atuado nesta área por tanto tempo lhe dava competência em seguir num ramo qualificado, prestigiado e mais rentável nas empresas do que como relojoeiro, que seria menos rentável ou qualificado. Já sua emoção dizia para ele seguir como relojoeiro: “Poxa, sou engenheiro mecânico, pós-graduado em administração, tive alguns funcionários sob minha responsabilidade. Como assim ser relojoeiro? Então eu fiquei naquele dilema, sou um engenheiro formado e agora vou ser só um relojoeiro, sem desmerecer, muito pelo contrário, a profissão.” (Marcos).

⁶¹ Entrevista realizada no dia 25/08/20 por telefone.

Tais aspectos que Marcos utiliza para diferenciar o engenheiro do relojoeiro podem ser interpretados a partir da análise comparada que Eliot Freidson (1995) faz entre ofícios e profissões e que abordamos anteriormente. Para o autor, as profissões se distinguem dos ofícios pelo tipo de conhecimento e julgamento que se emprega, na medida em que é uma especialização teoricamente fundamentada, onde o treinamento é feito fora do mercado de trabalho. E ainda que podemos apontar que possa haver treinamentos por meio de cursos de relojoeiro em instituições formais (como SENAI), as profissões (como as liberais tais como engenharia), estão mais amplamente institucionalizadas nas universidades. Elas ocupam uma posição elevada nas classificações de trabalho, que possibilita que aqueles que as exercem, mobilizem recursos econômicos, políticos e sociais (como o conhecimento e o discurso, enquanto engenheiro e pós-graduado em administração, no caso de Marcos) que permitem o exercício de poder e influência sobre a sociedade (idem).

Assim, Marcos preferiu optar por sua razão, aceitando uma proposta de emprego no ramo de administração de empresas em 2017. Contudo, o novo emprego não deu satisfação a ele mesmo que ganhasse um alto salário, mas sim sofrimento e problemas de saúde. Desta forma, ele decide sair da empresa em menos de um ano, seguindo para valer na relojoaria. Toda a sua trajetória até exercer a ocupação de relojoeiro para além do hobby, é atribuída por Marcos a uma escolha da sua vida:

Eu digo assim, a vida me trouxe aqui né, não fui eu que escolhi essa minha profissão. Foi a vida, Deus, como você prefere chamar, o universo. Cheguei aqui porque a vida me trouxe aqui, e eu sou grato a isso. Muito grato a isso. Se fosse para eu escolher um [outro] caminho eu estaria na área administrativa sofrendo muito, né. (Marcos).

Ao investir em sua trajetória profissional como relojoeiro, os serviços de relógios foram aumentando em sua oficina, necessitando Marcos enquanto microempresário, contratar dois funcionários para lhe ajudar no serviço. De acordo com ele, um de seus funcionários é mais velho (possuindo 63 anos) e outro mais jovem (com 21) e ambos realizam a maior parte do trabalho: enquanto Marcos fica responsável pelo conserto das máquinas, seus funcionários realizam a limpeza e restauração do relógio e de sua caixa.

Diante do que foi apresentado e discutido nas trajetórias de Arnaldo e Marcos, podemos notar que eles apresentam um semelhante perfil: possuem boas condições familiares, se considerarmos as ocupações e escolaridades de seus pais. O fato de Arnaldo ter fundado sua empresa de relógios e sinos aos quinze anos, mostra que ele teve apoio familiar no desenvolvimento de seu empreendimento. Além disso, ambos possuem formação superior em Engenharia Mecânica e esta formação foi fundamental para que eles desenvolvessem o gosto

pela mecânica e se inserissem no ofício de relojoeiro, o que demonstra a reconfiguração do aprendizado da ocupação, que se desloca da figura do mestre ou do curso do relojoeiro no ensino da profissão para a própria prática obtida pelo conhecimento especializado em mecânica. Além disso, no caso destes dois sujeitos, há a aquisição e uso de capital econômico e cultural (obtido através de suas famílias, ou pelo exercício de profissões na área de Engenharia Mecânica ou Administração de empresas, no caso de Marcos) e capital social⁶² (na medida em que Arnaldo usou de sua rede de contato com empresas italianas para fundar a sua própria empresa, e Marcos se valeu de sua relação pessoal com o padre da igreja para consertar o relógio), para iniciarem e investirem na ocupação.

Assim, ambos atuam como empresários e possuem funcionários, ainda que Marcos tenha começado como autônomo e a empresa de Arnaldo atue tanto em relógios de grande porte como sinos e haja nela mais funcionários e funções envolvidas (como motorista e vendedor), sendo, portanto, de maior porte do que a oficina de Marcos. Além disso, os vínculos empregatícios presentes nestes dois locais de trabalho, indicam relações de trabalho que ganharam mais espaço nos ofícios artesanais diante da consolidação das leis de trabalho (conforme destacado por Scheer (2014), quando analisa as consequências da CLT ao ofício do sapateiro): as relações capital-trabalho. Nem Arnaldo, nem Marcos são mestres relojoeiros e nem foram aprendizes, no sentido como são/foram Pedro e Álvaro, por exemplo. Os dois primeiros são empresários, estabelecendo com seus funcionários uma divisão de trabalho que divide as funções de empregadores e empregados. Deste modo, pode-se dizer que estas relações de capital - trabalho reconfiguram o ofício, tornando-se ele um ofício de empresa, analisado por Sylvie Monchatre (2009) enquanto uma atividade coletiva, que apesar de envolver uma reivindicação enquanto ofício (métier) tanto por empregadores (que definem a sua atividade em termos de profissão) quanto funcionários (que expressam “desejo de trabalho” na sua atividade), aquela entra em tensão na medida em que os empresários buscam evoluir livremente diante de mercados instáveis (já que sua empresa é um ofício e não uma profissão, não recebendo autorização para capturar um mercado), adaptando a sua oferta de produtos e seu trabalho de acordo com as oportunidades, requerendo uma mão de obra flexível que esteja

⁶² O capital é entendido por Pierre Bourdieu (1984) como um recurso (bens) ou poder presente no espaço social, constituído por quatro formas: capital econômico, social, cultural e simbólico. O capital econômico se refere à riqueza material, dinheiro, ações do indivíduo, etc. Já o capital cultural está presente no conhecimento, nas habilidades e informações. Quanto ao capital social, este diz respeito aos acessos sociais do indivíduo, pelo seu relacionamento e sua rede de contatos. Por fim, o capital simbólico se encontra no reconhecimento social, compreendendo o prestígio e a honra do indivíduo (THIRTY - CHERQUES, 2006).

disposta a seguir o que foi ordenado para seu cargo, sendo este e as competências associadas a ele, portanto, propriedade desses empresários (MONCHATRE, 2009).⁶³

Nesse sentido, podemos apontar que nas empresas de Arnaldo e Marcos, seus funcionários não podem também ser entendidos como aprendizes, na medida em que os funcionários de Arnaldo devem seguir conforme o seu andar, ou seja, não possuem uma certa autonomia que os aprendizes apresentam no aprendizado de seu trabalho (mesmo se submetendo a autoridade de seu mestre), como refletimos na introdução (DADOY, 1989), mas sofrem um maior controle por parte de seus empregadores. Esse controle é, inclusive, entendido por Arnaldo como algo que garante um bom serviço.

Isso não quer dizer entretanto, que Arnaldo e Marcos deixem de ser relojoeiros artesãos, pois são especialistas em relógios mecânicos (detendo o saber -fazer e buscando realizar um bom trabalho), mas sim que eles são produtos da realidade contemporânea do ofício do relojoeiro, que reconfigura as formas de aprendizado e suas relações de trabalho.

Para além dos relojoeiros pendoleiros empresários, encontramos Eduardo⁶⁴, pendoleiro jovem de 27 anos, que atua como autônomo numa oficina da cidade de São Bento do Sapucaí - SP. Assim como o relojoeiro Bernardo, Eduardo desde criança tem apreço por relógios, sem que tivesse um parente relojoeiro, sendo portanto algo que veio do berço, segundo ele. E se Marcos e Arnaldo aprenderam a ocupação através da prática, utilizando-se do conhecimento e formação em Engenharia Mecânica, Eduardo teve o aprendizado por meio de um mestre (José, conhecido como “Zé”), iniciando na ocupação aos 14 anos e entrando em Sociedade com aquele dois anos depois. Apesar disso, Zé é especialista em relógios de pulso, e a alta demanda de serviços nos relógios de pêndulo fez Eduardo optar por se especializar nestes. Para tanto, ele

⁶³ “Pour Naville (1962) en effet, il [le métier] designe à la fois une caractéristique individuelle, c’est à dire “un ensemble de capacités techniques de travail”, et une activité collective qui est le propre d’un secteur d’activité ou d’une entreprise. Il peut donc être revendiqué de toutes parts, aussi bien par les employeurs, qui définissent leur activité en termes de métier (Piotet, 2002; Ughetto, 2007) que par les salariés qui expriment un “desir de métier” dans leur activité (Osty, 2003).

Le reencontre de ces revendications croisées ne manquer pas de susciter des tensions. Qui, en effet, possède la définition légitime du métier: les directions d’entreprise ou les salariés “qui opossent leur enracinement de métier à une gestion “rationnelle” de la main d’oeuvre” (Descolongues, 1996)? Les salariés ne sont pas dans une position favorable sur ce point. Le entreprise ne fonctionne pas comme une profession, c’est-à-dire comme un groupe de pairs ayant reçu l’autorisation légale de capter un marché, au sein duquel les activités de production et de formation se nourrissent mutuellement. Elle revendique, au contraire, de pouvoir évoluer librement face à des marchés instables, d’adapter son offre de produits e ses techniques de travail au gré des opportunités et réclame, pour ce faire, une main d’oeuvre disposée à la suivre. Dans ces conditions, les différentes composantes du métier se dissocient (...) L’entreprise normalise ses métiers pour des usages flexibles de la main d’oeuvre et les qualités requises pour réaliser ces mandats ne sont en aucun cas la propriété collective d’un groupe professionnel. Qu’elles soient définies par un poste de travail ou par une ‘compétence ‘à prendre des responsabilités dans le travail, ces qualités restent indéfectiblement la propriété des organisations qui les requièrent. L’entreprise s’estime d’ailleurs la seule habilitée à les évaluer”. (MONCHATRE, 2009, p. 84).

⁶⁴ Entrevista realizada no dia 29/01/21, por telefone.

buscou conhecimento com outros mestres relojoeiros, principalmente da cidade de São Paulo. Estes são considerados mais do que professores por Eduardo, mas sim amigos (sobretudo o mestre Antônio que lhe ensinou 90% do conhecimento que possui) permitindo que Eduardo evoluísse e se aprimorasse na ocupação:

Tive ao longo desta trajetória vários mestres, e assim, em nenhum momento eles se assumiram como professores, mas sempre foram amigos. O que eu acho bacana na relojoaria é justamente esse espírito de união que existe nos profissionais, né. Eles não negam em te ensinar, em te passar informações, a grande maioria pelo menos. E a grande maioria também, quando vê um jovem, quando vê uma pessoa um pouco mais nova se empenhando em desenvolver o ofício [não deixam de ensinar]. Então a evolução é sempre constante, a gente está sempre evoluindo, sempre procurando melhorar (Lucas).

Apesar dessa relação com mestres, Eduardo lamenta que não teve ninguém da família que lhe ensinou o ofício, dizendo que se tivesse um avô relojoeiro por exemplo, isso facilitaria o seu percurso na ocupação, trazendo mais conhecimentos. Em cima disso, ele narra que seus amigos - mestres relojoeiros que já estão se aposentado, contam para ele que seus filhos não quiseram seguir na ocupação, optando por seguir profissões tradicionais como advogado e médico. Este cenário mostra bem a redução do interesse de pessoas mais jovens em praticar o ofício, e é diante disso que os mestres desejam que Eduardo fosse o filho deles para lhe transmitir o saber fazer da ocupação:

Eu acredito por exemplo, que se um avô meu fosse relojoeiro, ele seria muito feliz vendo o neto se tornando relojoeiro também, e eu traria uma carga de conhecimento maior, não teria que estar a todo instante correndo procurando informações de outros relojoeiros de fora para adquirir conhecimento, eu teria tudo aqui em casa, alguém que pudesse me ensinar isso. Porque eu vejo muitos relojoeiros amigos meus que já estão aposentando, encerrando o ofício, falando “Poxa vida, eu queria que você fosse meu filho, porque eu não tenho para quem deixar essas coisas. Um filho se tornou médico, outro se tornou advogado e ninguém quer saber das minhas ferramentas, das minhas sucatas de relógio aqui que eu tenho. Não tem o que fazer de tudo isso”. (Eduardo).

Afora o conserto de relógios de pêndulo de médio porte, Eduardo também realiza a manutenção em relógios de torre, chamados por ele de relógios monumentais. O primeiro destes que ele consertou foi aos 18 anos, um relógio da igreja da matriz de São Bento de Sapucaí- SP que estava parado, se oferecendo voluntariamente Eduardo ao pároco para consertá-lo. No início, o pároco ficou desconfiado de que um jovem como ele conseguisse realizar o serviço, mas Eduardo teve êxito, conseguindo outros serviços em paróquias da região.

Ademais, podemos dizer que Eduardo enquanto um relojoeiro pendoleiro autônomo apresenta rendimento semelhante a relojoeiros autônomos mais velhos e que realizam serviços

similares a ele, como é o caso de Pedro. Em contraposição, o ganho de Eduardo, como é de esperar, é menor do que os relojoeiros empresários Marcos e Arnaldo, sendo que este último conseguiu ter sua empresa com a mesma idade que Eduardo iniciou como aprendiz, o que mostra a diferença de condições familiares entre os dois, apesar deste último ser de uma família de classe média (de pai bancário com ensino superior).

2.1.4 Transformações no ofício

O primeiro ponto que podemos ressaltar referente a transformação do ofício do relojoeiro é a digitalização dos relógios, aspecto ressaltado por Beatriz Ana Loner e Lorena Almeida Gill (2014) como motor do declínio do ofício, e anteriormente relatado pelo relojoeiro Roberto, que apontou o efeito da onda dos relógios eletrônicos na redução dos serviços nos relógios mecânicos e na aprendizagem do relojoeiro na década de 80. Álvaro, Pedro e Fernando consideram que o aparecimento dos relógios e despertadores eletrônicos derrubou a estabilidade que o ofício anteriormente gozava há cerca de cinquenta anos atrás. Fernando afirma que esses mecanismos eletrônicos vieram do mercado relojoeiro chinês a partir da década de 1960, sendo frutos de uma mão de obra barata, que resulta no barateamento dos relógios e na pior qualidade dos mesmos, destacando que houve cópias de relógios de pulso de grandes marcas suíças como Rolex e Tag Heuer. Este relato é parcialmente sustentado por Fabio Zampiere (2018) que analisa que os relógios a quartzo (movidos a bateria) foram produzidos e difundidos pela indústria norte-americana e japonesa na década de 1970, tendo um projeto mais simples e de baixo preço, se comparado com os relógios suíços tradicionais.

As características desses relógios geraram uma transformação no setor relojoeiro, sofrendo a indústria suíça (líder mundial no setor) uma forte queda (ZAMPIERE, 2018), o que provocou o fechamento de cursos de relojoeiros administrados por ela, como o curso do SENAI. Wanderley conta que na década de 80 trabalhou por dois anos como professor do curso, mas diante da crise da relojoaria suíça, esta retirou os relojoeiros suíços que trabalhavam no curso, encerrando-o quando Wanderley estava prestes a visitar a Suíça para realizar uma formação.

Além disso, a digitalização dos relógios modificou o mercado consumidor, sobretudo a partir da década de 80. Pedro conta que antigamente 85% da população usava o relógio de pulso mecânico, mas com o advento dos relógios eletrônicos, isto se alterou profundamente. Como aqueles são em sua maioria de qualidade ruim, de acordo com o entrevistado, e só precisam da troca de pilha, são descartáveis, não precisando de um conserto como o relógio mecânico,

fazendo com que as pessoas substituíssem o uso de relógios de pulso mecânicos pelos eletrônicos:

[O] Relógio mecânico a pessoa não vai jogar fora um relógio. O descartável, ele é pilha, [a pessoa] não jogava fora, mas colocava ele na gaveta. E comprava um outro. Então tem casos que o cara tem seis, oito relógios de pulso [eletrônico]. Então ele vai colocando, vai usando. A pilha vai gastando, ele vai encostando o relógio. Então isso aí aconteceu muito, de diminuir o número de relógios de pulso mecânicos que o pessoal usava, então foi não consertando e, foi trocando o relógio de pulso mecânico por relógio de pulso [eletrônico]. Entendeu? (Pedro).

Sendo assim, os relógios digitais assumiram a porcentagem de uso que os relógios mecânicos tinham antigamente. A respeito disso, Fernando considera que atualmente 80% dos relógios são digitais baratos. Esses relatos dos sujeitos evidenciam que a digitalização do tempo ao gerar sobretudo os relógios descartáveis, empobrecem a experiência das pessoas com os relógios, que deixam usá-los assim que param de funcionar, o que representa a característica de consumo descartável da Terceira Revolução Industrial tratada por David Harvey (2008) e Fredric Jameson (1997). Contudo, os relógios eletrônicos não são apenas marcados pela descartabilidade, existindo aqueles que seu consumidor requisitava os serviços dos relojoeiros⁶⁵, conforme narra Roberto sobre a década de 80, na qual o relojoeiro que soubesse mexer nos relógios eletrônicos conseguiria ter mais serviços diante da redução da reparação de relógios mecânicos. Porém, devido à escassez de cursos de relojoeiro (inclusive que atualizassem a formação dos relojoeiros mecânicos para a relojoaria eletrônica) pode-se dizer que o tempo digital dos relógios provocou a diminuição dos serviços dos relojoeiros no Brasil. Entretanto, a digitalização dos relógios não fez derrubar a mecânica deles, sobretudo da alta relojoaria⁶⁶, a qual de acordo com Roberto, sempre foi mecânica. Ele considera que a eletrônica depende da mecânica para funcionar, o que levou ao retorno dos relógios mecânicos de pulso nos anos 1990, se mantendo com certo destaque. Apesar disso, Roberto salienta que o mercado popular continuou sendo eletrônico, mesmo que este setor tenha sofrido redução. Isto pode ser explicado pelo fato da digitalização do tempo ir para além dos relógios, atingindo os despertadores e produzindo os celulares, que se constituem outras formas aceleradoras do

⁶⁵ O próprio Harvey (2008) cita a marca japonesa Citizen, dizendo que esta a partir dos anos 1960 investiu em relógios à quartz, fazendo uso de técnicas pós-modernas para divulgar seus produtos.

⁶⁶ A Fondation de la Haute Horlogerie (FHH) (organização suíça criada em 2005 para salvaguardar e promover a Fina Relojoaria em todo o mundo e que conta com diversas marcas parceiras) define a alta relojoaria como sendo dotada de uma história centenária e viva, e de uma cultura refinada e peculiar que é constituída pela ética profissional, o conhecimento persistente do artesão que possui uma forte paixão pelo seu trabalho. Em vista disso, o relógio da alta relojoaria é resultado de pesquisa, inovação e desenvolvimento, apresentando os mais altos padrões de qualidade, autenticidade, confiabilidade e rastreabilidade (SERAVO, 2018). Disponível em: <https://www.hautehorlogerie.org/en/the-foundation/why-we-exist/>. Acesso em 16/10/20.

tempo contemporâneo globalizado (SANTOS, 2001). Estes são considerados por Álvaro e Pedro como um mecanismo que reduz o uso de relógios de pulso ou então de rádios relógios (despertadores), de acordo com o segundo, pois possui as duas funcionalidades ao mesmo tempo. Estas percepções dos entrevistados são demonstradas por Fábio Rente Zampiere (2018), que ao entrevistar potenciais usuários de relógios, verifica que 55% dos entrevistados diminuiriam ou deixaram de usar os relógios tradicionais devido ao impacto dos celulares.

Para entendermos mais a fundo as dinâmicas do mercado relojoeiro e de seus consumidores após o movimento de digitalização do tempo, precisamos investigar o polo relojoeiro brasileiro de pulso. Conforme analisou Maria Rafaela Rocha de Sá Freire (2016) com dados de 2012 do Sindireceita do Amazonas⁶⁷, o mercado relojoeiro de pulso brasileiro é bilionário, movimentando R\$1,2 bilhão em vendas ao ano. Estas se dividem em três origens: ao menos 38% dos relógios que movimentam esse mercado são pirataria (mas há desconfiança do setor relojoeiro brasileiro que esse número seria em 60%), enquanto 12% seriam de relógios importados (não piratas) e 50% de relógios produzidos na Zona Franca de Manaus.⁶⁸ Esta concentra dez marcas brasileiras ou estrangeiras de relógio de pulso: Chronos, Citizen - Magnum Group, Orient, Séculus, Fextronic, Conipa, Tellerina, JR Comercio, Yongfeng Chen e Grupo Technos⁶⁹, que concentra 46% das vendas no país. Estas indústrias montam relógios previamente produzidos no mercado internacional (ZAMPIERE, 2018).

Os relógios piratas de acordo com o Sindireceita e as entrevistas realizadas nesta pesquisa são majoritariamente importados, apresentando preços bem mais acessíveis do que os originais produzidos dentro e fora do Brasil. No que se refere ao território nacional, o preço de um relógio bem simples chega a oito dólares a unidade, já um pirata vindo de fora, custa dois dólares a unidade (FREIRE, 2016).

Em vista do seu preço e da sua significativa presença no mercado relojoeiro brasileiro, podemos apontar que a pirataria está concentrada sobretudo nos relógios eletrônicos descartáveis, por possuírem componentes mais simples comparados aos relógios mecânicos, sobretudo, que possuem maior valor. Assim, podemos compreender como o mercado

⁶⁷ SINDIRECEIRA AMAZONAS. “Pirataria movimenta 60% do mercado de relógios no Brasil” Disponível em: <http://sindireceitaamazonas.blogspot.com/2013/03/pirataria-movimente-60-do-mercado-de.html>. Acesso em: 16/10/20.

⁶⁸ A Zona Franca de Manaus foi criada em 1967, com o objetivo de erguer uma base econômica para a região da Amazônia Ocidental, de forma que houvesse a integração social e econômica dessa região, além de garantir soberania nacional na fronteira (SUFRAMA, 2018). A instalação da indústria de relógios na Zona Franca de Manaus se deu a partir dos anos 1970 devido a diversos incentivos como a redução de impostos sobre a importação e do Imposto de Renda de Pessoa Jurídica (ZAMPIERE, 2018).

⁶⁹ SINDIRECEIRA AMAZONAS. “Pirataria movimenta 60% do mercado de relógios no Brasil” Disponível em: <http://sindireceitaamazonas.blogspot.com/2013/03/pirataria-movimente-60-do-mercado-de.html>. Acesso em: 16/10/20.

consumidor brasileiro se segmentou socialmente, já que as classes populares são as maiores consumidoras de relógios eletrônicos de baixo valor. Já os relógios eletrônicos e mecânicos fabricados na Zona Franca de Manaus são de maior valor e qualidade e atendem principalmente as chamadas classes A, B e C, de acordo com Freire (2016). Conforme as classes sociais que se destinam o relógio, o mercado divide o preço dos mesmos em 4 faixas: a) abaixo de R\$100 para o mercado de massa; b) entre R\$101 e R\$500 para o mercado de classe média; c) entre R\$ 501 e 1000 R\$ para o mercado de classe alta; d) e acima de R\$1000 para o mercado de luxo, também chamado de alta relojoaria, a qual é mecânica (idem). O consumo de relógios por classes sociais pode ser entendido também por meio das entrevistas com potenciais usuários de relógios feitas por Zampiere (2018), o qual constata que, quanto maior a faixa etária e a renda do entrevistado, maior a probabilidade de ele possuir relógios.

Diante disto, podemos entender que o consumo de relógio mecânico é mais apresentado na classe média e elite, sobretudo nesta última por possuir grande poder aquisitivo para adquirir relógios que ultrapassam os milhares de reais. Isso possibilita indicar que o retorno dos relógios mecânicos a partir do final do século XX⁷⁰ é puxado pela recuperação das indústrias de relógio de pulso na Zona Franca de Manaus, pela indústria relojoeira suíça⁷¹ (responsável por grande parte das importações dos relógios mecânicos da alta relojoaria) e pelo mercado consumidor de classe média e elite. Para que isso se sucedesse, o polo relojoeiro necessitou investir em primeiro lugar, em relógios mecânicos que concorressem com os relógios quartz (como os americanos), como a empresa suíça Swatch, que lançou a partir dos anos 1970, relógios que possuem maquinário com menos componentes do que os relógios suíços tradicionais, mas com preço equivalente aos quartz e com a mesma precisão dos relógios suíços, sendo estes aspectos fundamentais para que a indústria relojoeira suíça retomasse a liderança mundial (ZAMPIERE, 2018).

Ademais, o setor relojoeiro se dedicou nos valores simbólicos dos relógios, como sendo de itens de adorno e moda diante da perda do valor de marcar a hora, devido a tecnologia informacional que trouxe os relógios quartz, depois computadores, celulares e mais

⁷⁰ Milton Santos (2001) nos permite pensar sobre o retorno dos relógios mecânicos na cidade de São Paulo. O autor conta que quando jovem observava os relógios da capital paulista que mostravam a modernidade desta, ainda que segundo ele São Paulo não fosse ainda uma grande cidade. Tempos depois, os relógios desapareceram da cidade e reapareceram no atual contexto de mundialização, no qual São Paulo se torna cronópolis, com a vida social sendo mais dependente do tempo [sobretudo o digital] (SANTOS, 2001).

⁷¹ Disponível em: [Swissinfo.ch: “Ofício do relojoeiro faz sonhar novamente” https://www.swissinfo.ch/por/economia/of%C3%ADcio-de-relojoeiro-faz-sonhar-novamente/32256184](https://www.swissinfo.ch/por/economia/of%C3%ADcio-de-relojoeiro-faz-sonhar-novamente/32256184). Esta reportagem destaca que a relojoaria suíça vem apresentando neste atual século uma progressão do número de aprendizes formados nos cursos de relojoeiros, depois da queda sofrida a partir dos anos 1970, em que diversos relojoeiros abandonaram a profissão. Acesso em: 16/10/20.

recentemente os smartwatch como mecanismos que apresentam múltiplas funcionalidades, inclusive marcar a hora. Tais aspectos simbólicos tendem estar mais presentes na alta relojoaria, já que nesta os relógios se constituem por características e regimes de valor não só econômicos, mas também enquanto um universo de referências e simbologias que legitimam seu preço e seu valor social: são objetos raros no mercado e sobre os quais é dedicado um trabalho artesão amplo para a produção e uso de materiais preciosos de alto valor agregado. Ou seja, são relógios que apresentam elementos distintivos (SERAVO, 2018).

Na medida em que a elite ocupa uma posição social diferenciada no campo das relações sociais, ao apresentar indivíduos que detêm simultaneamente maior volume de capital econômico e simbólico (possuindo bens econômicos e sociais), isto é retraduzido no espaço de disposições, práticas e gostos (*habitus*⁷²) destes agentes⁷³, de acordo com Pierre Bourdieu (1996), que se evidencia em sua legitimação e compra do relógio, reconhecendo-o como uma forma de distinção na sociedade (*idem*).⁷⁴

Desta forma podemos apontar que o investimento do polo relojoeiro em relógios mecânicos com preços mais acessíveis, de um lado, e o seu investimento nos valores simbólicos dos relógios (dotando-os como sinais de distinção que recebem legitimidade do setor de elite sobretudo) por outro lado, constituem formas de como o tempo marcado pelo relógio mecânico se ressignifica em meio ao tempo digital, (re)proporcionando uma experiência mais significativa do consumidor com o relógio. Ademais, esta dinâmica de investimento na relojoaria (do setor mecânico e eletrônico) gerou relógios aperfeiçoados de alta tecnologia, incluindo-se os cronômetros e cronógrafos, conforme destacado por Wanderley e Luciano:

A tecnologia tá avançando na relojoaria absurdamente, né (...) tá se tornando uma coisa extremamente tecnológica. A precisão é tão grande dos relógios novos, que tá deixando de ser um mecanismo de precisão, para ser um produto de alta tecnologia mesmo. Essa foi a transformação que houve na relojoaria, né. (Luciano).

As transformações produzidas ao longo das últimas décadas não se deram apenas nos relógios e seu mercado consumidor, mas também nos relojoeiros: no que se refere às áreas do ofício de relojoeiro, vimos que Beatriz Ana Loner e Lorena Almeida Gill (2014) apontam que na segunda metade do século XX, a função da fabricação de relógios reduziu-se mais do que a

⁷² O *habitus*, de acordo com Pierre Bourdieu (1996), é adquirido pela socialização dos agentes presentes no espaço social (campo), podendo ser herdado ou aprendido.

⁷³ O autor francês (*idem*) considera que na medida em que os agentes no campo lutam pela hegemonia no interior deste, eles buscam deter as quatro formas de capitais (econômico, social, simbólico e cultural), se distribuindo e diferenciando de acordo com o volume e estrutura de capital.

⁷⁴ Discutiremos o consumo e o gosto das elites pelos relógios mecânicos mais adiante.

reparação, já que diante do declínio do ofício os relojoeiros só praticamente realizam a manutenção dos relógios. Apesar disso, as autoras também consideram que o setor da reparação sofreu redução, havendo atualmente poucos artesãos, que se autonomizaram diante da diminuição de interessados em aprender o ofício, praticando o serviço para uma clientela reduzida. A redução e autonomização dos consertadores de relógios é corroborada pelos sujeitos da pesquisa: de acordo com Álvaro, os relojoeiros artesãos - que segundo ele, seriam aqueles que têm conhecimento e realizam um trabalho amplo de conservação - diminuem. Ou seja, são os relojoeiros com formação em relógios sobretudo mecânicos (pelo mestre ou pela escola de relojoaria) e que se destacavam na ocupação, que se reduzem ao envelhecerem ou falecerem, como destacado por Pedro e Marcos, conhecendo os entrevistados diversos relojoeiros que abandonaram a profissão. Entre eles, há aqueles que eram de pequenas relojoarias e não se adaptaram as transformações ocorridas a ocupação, parando no tempo, conforme dito por Roberto, que cita relojoeiros que acreditavam que o relógio mecânico iria acabar, só restando o eletrônico, de modo que se especializaram apenas neles. Como não foi isso que se sucedeu, eles encontraram com o tempo, problemas para conseguir serviços no ofício, deixando-o.

Ademais, o aspecto geográfico também é um fator para a evasão a esse ofício: Bernardo conheceu relojoeiros que se instalaram em locais onde há pouca demanda de clientes ou que passou por alguma mudança na região que levou à queda de fregueses, necessitando sair da profissão. Esta situação indica que o espaço, conforme Milton Santos (2008), é algo dinâmico e unitário, reunindo materialidade e ação humana, sendo indissociável de sistemas de objetos fabricados pelo homem, e sistemas de ações que se modificam em cada época. Assim, a mudança ocorrida na região das relojoarias alterou-as enquanto objetos (locais) e a ação das pessoas, que deixaram de comparecer nela. As consequências da alteração do espaço ao ofício, também são exploradas por Eduardo Teles (2012), ao analisar que a crise do barbeiro na cidade Aracajú-SE, para além das transformações ocorridas com a diminuição das barbearias masculinas que deram lugar a ordem unissex dos cabeleireiros, pode ser explicada pelas transformações do Bairro Centro, que perdeu seu caráter residencial e passou a ser dependente de atividades comerciais e serviços imediatos.

No que se refere aos consertadores de relógios contratados, a base de dados da RAIS apresenta que entre 2003 e 2019 o número de relojoeiros assalariados sofreu uma variação negativa de 24%, caindo de 1162 para 885 pessoas. Apesar disso, a tabela gerada pela base (ver tabela 1) aponta que o número de relojoeiros no período se manteve mais ou menos estável até 2014, até que a partir do ano seguinte sofreu uma queda constante, de cerca de 24%. Esta pode

ser explicada tanto pela autonomização do setor, mas principalmente pela crise econômica do país, com aumento de demissões comparada às admissões. Ademais, percebe-se que entre as regiões brasileiras, o número se manteve maior nas regiões Sudeste, Sul e Nordeste, respectivamente.

Tabela 1 - Número de relojoeiros (reparação) por região (2003 - 2019)

Ano	Região Natural					Total
	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	
2003	92	136	43	593	298	1.162
2004	102	142	52	600	308	1.204
2005	101	139	46	611	311	1.208
2006	83	173	43	613	291	1.203
2007	88	147	45	610	277	1.167
2008	86	133	40	610	288	1.157
2009	85	129	44	586	289	1.133
2010	97	134	47	597	280	1.155
2011	84	129	52	581	281	1.127
2012	88	149	59	591	281	1.168
2013	96	202	58	593	293	1.242
2014	93	134	57	593	291	1.168
2015	91	128	59	557	265	1.100
2016	89	125	47	554	253	1.068
2017	84	116	42	510	249	1.001
2018	78	111	48	478	236	951
2019	84	100	41	445	215	885

Fonte: RAIS (Sistema Dardo).

Quanto à cidade de São Paulo, nesse mesmo período houve uma dinâmica semelhante ao que ocorreu no Brasil no setor de reparação, havendo uma variação negativa levemente maior (de 31%), passando de 145 relojoeiros contratados para 100. Além disso, houve também redução constante a partir de 2014, com diminuição de cerca de 39% da mão de obra (ver tabela 2).

Tabela 2 - Número de relojoeiros (reparação) na cidade de São Paulo (2003-2019) (continua)

Ano	Total
2003	145
2004	148
2005	162
2006	172
2007	170
2008	168
2009	139

Tabela 2 - Número de relojoeiros (reparação) na cidade de São Paulo (2003-2019) (conclusão)

Ano	Total
2010	154
2011	157
2012	143
2013	149
2014	164
2015	143
2016	137
2017	129
2018	120
2019	100

Fonte: RAIS (Sistema Dardo).

Diante desses dados dos relojoeiros contratados formalmente no setor de reparação, pode-se inferir que se houve uma estabilidade média no número de relojoeiros na cidade de São Paulo e no Brasil na maior parte das duas últimas décadas (com redução mais significativa nos últimos 5 anos), é nas últimas décadas do século XX que os reparadores de relógios (sejam contratados ou autônomos) mais se reduziram, se levarmos em conta o relato dos sujeitos relojoeiros como Milton, que viu muitos relojoeiros saírem da ocupação na década de 1990. Além disso, esta estabilidade média do número de relojoeiros contratados até seis anos atrás, se deu num período de autonomização dos relojoeiros (se admitirmos que esse processo continuou se dando no atual século, inclusive com a empreendedorização de relojoeiros que se tornaram microempreendedores individuais, como alguns dos sujeitos dessa pesquisa), o que nos faz pensar que as relojoarias e assistências técnicas mantiveram seus serviços de conserto de relógios e contratação de trabalhadores mais ou menos estável.⁷⁵ Isto pode ter se dado devido a recuperação da indústria brasileira e estrangeira (como a suíça) de relógios de pulso da crise sofrida no século passado: no que se refere ao setor de fabricação de relógios (ver tabela 3) os dados do sistema Dardo da RAIS apontam uma variação positiva de 47% entre 2003 e 2019 na contratação de fabricantes assalariados no Brasil, passando de 210 a 396. Este crescimento foi influenciado sobretudo pela Região Norte (que teve um aumento de 67%), mais especificamente da Zona Franca de Manaus. Deste modo, com o crescimento da indústria, as assistências técnicas e relojoarias continuaram tendo serviços de reparação dos relógios que saem dessas fábricas.

⁷⁵ Apesar disso, não se deixou de haver redução de funcionários nas assistências técnicas do Brasil. Conforme observado por Fernando, houve a redução dos funcionários nas empresas de relógio de pulso: a H Stern por exemplo, que tinha 12 funcionários antigamente, passa a ter apenas dois atualmente, de acordo com ele.

Tabela 3 - Número de relojoeiros (fabricação) por região (2003-2019)

Ano	Região Natural					Total
	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	
2003	16	3	91	67	33	210
2004	11	2	85	64	25	187
2005	12	5	115	81	26	239
2006	9	37	94	75	24	239
2007	15	7	86	69	19	196
2008	14	14	72	65	18	183
2009	15	11	71	74	17	188
2010	11	13	98	82	17	221
2011	12	18	151	78	17	276
2012	13	17	207	81	15	333
2013	12	17	167	48	13	257
2014	16	11	187	48	9	271
2015	17	24	241	98	18	398
2016	15	29	429	79	19	571
2017	20	28	320	74	17	459
2018	35	29	262	67	13	406
2019	32	23	276	57	8	396

Fonte: RAIS (Sistema Dardo).

Se no Brasil aumentaram os relojoeiros fabricantes de relógio ao longo das últimas décadas, na cidade de São Paulo nesse período o número de relojoeiros se manteve baixo, passando de 33 para 25 relojoeiros, com queda constante a partir de 2016 (de cerca de 46%) (ver tabela 4). Estes dados mostram que o setor industrial de relógios na capital paulista não se recuperou do fechamento de fábricas ao longo da segunda metade do século XX, além de enfatizar que a dinâmica do desenvolvimento industrial da relojoaria no Brasil se concentrou na Zona Franca de Manaus desde a sua inauguração na década de 70. Deste modo, a análise de Loner e Gill (2014) de que o relojoeiro no Brasil diminuiu a fabricação de relógios, faz sentido se pensarmos no país como um todo e em suas regiões, excetuando-se a região Norte.

Tabela 4 - Número de relojoeiros (fabricação) na cidade de São Paulo (2003-2019) (continua)

Ano	Total
2003	33
2004	28
2005	21
2006	25
2007	29
2008	29
2009	33

Tabela 4 - Número de relojoeiros (fabricação) na cidade de São Paulo (2003-2019) (conclusão)

Ano	Total
2010	35
2011	36
2012	32
2013	13
2014	17
2015	34
2016	46
2017	37
2018	30
2019	25

Fonte: RAIS (Sistema Dardo).

Ademais, em relação a faixa etária no setor de reparação de relógios, nota-se que nas duas décadas deste século há um envelhecimento dos relojoeiros: se em 2003, havia mais relojoeiros assalariados jovens que realizavam o serviço (principalmente da faixa etária de 30 a 39 anos) do que mais velhos (de 50 a 64 anos e de 65 anos ou mais), entre 2003 e 2019 houve um aumento de cerca de 47% da faixa de 50 a 64 anos (constituindo a maioria atualmente) e crescimento próximo de 52% da faixa de 65 anos ou mais (ver tabela 5). Tal aspecto, portanto, indica um envelhecimento do relojoeiro e a redução de pessoas jovens na ocupação (LONER; GILL, 2014).

Tabela 5 - Número de relojoeiros (reparação) segundo a faixa etária (2003- 2019)

Ano	15 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 64	65 ou mais	Total
2003	13	162	148	391	278	152	18	1.162
2004	16	167	135	405	300	167	14	1.204
2005	11	171	140	382	317	167	20	1.208
2006	10	137	128	374	344	190	20	1.203
2007	6	121	129	350	337	208	16	1.167
2008	15	129	132	319	339	208	15	1.157
2009	11	110	133	305	324	231	19	1.133
2010	18	111	114	289	345	259	19	1.155
2011	26	114	94	257	350	266	20	1.127
2012	24	125	100	248	343	304	24	1.168
2013	26	137	110	265	343	329	32	1.242
2014	17	133	101	222	312	346	37	1.168
2015	13	131	103	205	279	320	49	1.100
2016	11	135	113	191	255	321	42	1.068
2017	5	119	111	179	239	306	42	1.001
2018	7	117	100	179	219	285	44	951
2019	5	104	88	167	196	282	43	885

Fonte: RAIS (Sistema Dardo).

Contudo, se o consertador de relógios envelheceu ao longo do tempo, o fabricante de relógios teve um aumento de mão de obra tanto de pessoas velhas quanto jovens entre 2003 e 2019⁷⁶: neste período se nota um grande crescimento das faixas etárias mais velhas, tanto da faixa entre 40 e 49 anos, que cresce 45%, mas principalmente da faixa entre 50 e 64 anos, que foi a que mais cresceu, com 74%. Apesar disso, ao invés de se reduzir a faixa etária jovem (de 18 a 24 anos e de 25 a 29 anos) que realiza a fabricação de relógios, estas também cresceram (aumento de 63% e 62% respectivamente), como podemos observar na tabela 6.

Tabela 6 - Número de relojoeiros (fabricação) de acordo com a faixa etária (2003-2019)

Ano	15 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 64	65 ou mais	Total
2003	2	30	27	89	45	16	1	210
2004	1	18	20	83	48	16	1	187
2005	2	37	37	87	58	17	1	239
2006	0	39	37	81	61	19	2	239
2007	0	16	23	69	62	24	2	196
2008	0	13	19	68	67	16	0	183
2009	1	18	16	59	67	26	1	188
2010	0	27	27	62	73	29	3	221
2011	1	49	45	68	84	26	3	276
2012	12	70	57	76	78	35	5	333
2013	11	55	33	70	50	32	4	257
2014	10	77	39	61	47	34	3	271
2015	1	103	68	74	93	57	2	398
2016	11	137	101	132	112	75	3	571
2017	9	99	73	116	92	67	3	459
2018	1	83	67	91	92	66	6	406
2019	6	81	71	94	81	60	3	396

Fonte: RAIS (Sistema Dardo).

A comparação entre os setores de reparação e fabricação de relógios, nos motiva a contrastar as transformações sofridas nas áreas de atuação dos relojoeiros, daqueles que realizam serviços em relógios de pulso e nos sujeitos que fazem serviços nos relógios de pêndulo. Isso porque, a recuperação da indústria relojoeira suíça e brasileira (Zona Franca de Manaus) a partir da década de 90 foi daquela que fabrica em grande medida relógios mecânicos de pulso, de marcas como Omega, Rolex (suíças) e Technos (brasileira), dotando-os de valores

⁷⁶ Tal dinâmica se deveu a feminização do setor, conforme veremos mais adiante.

simbólicos e de distinção no caso da alta relojoaria, o que possibilitou a ressignificação desses relógios em meio ao tempo digital e a (re)constituição do mercado consumidor de classe média e elite que demanda esses serviços aos relojoeiros especializados. Desta forma, pode-se inferir que se houve a redução de relojoeiros especialistas em relógios de pulso, a queda dos relojoeiros pendoleiros aparenta ter sido maior, já que a indústria deste tipo de relógio (de origem sobretudo alemã, de acordo com Wanderley) sofreu maior redução na crise da relojoaria (inclusive no Brasil, com fechamento de fábricas especializadas em relógios de pêndulo, como a Michellini). Além disso, caso tenha havido a recuperação desta indústria, esta não chegou ao patamar alcançado pelas indústrias de relógio de pulso, sobretudo da Suíça.

Diante disso, os relógios de pêndulo tendem a ser mais antigos, não só os relógios de torre como da Faculdade de Direito do Largo São Francisco (que tem 127 anos), mas também relógios de parede, mesa e pedestal (conforme relatado por Pedro, que aponta que muitos desses relógios são centenários). Deste modo, esses relógios acabam por serem mais dependentes da conservação por repartições e por clientes, pela dificuldade de haver reposição. Contudo, a digitalização do tempo colocou dificuldades para os serviços dos pendoleiros: como narrado por Arnaldo, Marcos, Pedro e Eduardo, há Igrejas ou repartições que não dão o devido valor aos relógios mecânicos, pedindo a troca daqueles pelos relógios digitais, pois trarão menos custos de manutenção com os relojoeiros (podendo eles inclusive serem dispensados) ou então perdem o interesse em ter os relógios funcionando.

Ademais, em vista desse cenário de contratação por relojoarias, assistências técnicas e fábricas ser predominante no setor de relógios de pulso, podemos hipotetizar que os relojoeiros pendoleiros sofreram maior autonomização comparado com os relojoeiros de pulso: entre os entrevistados, há quatro relojoeiros autônomos dentre aqueles que mais fazem serviço em relógios de pêndulo e os que se declararam enquanto especialistas nestes relógios (Álvaro, Carlos, Eduardo e Pedro), contra três relojoeiros autônomos que fazem mais serviços em relógios de pulso ou que se declararam especialistas em relógios de pulso (Luciano, Milton e Wanderley).

Apesar da realidade de redução dos relojoeiros mecânicos e dos seus serviços, a grande maioria dos sujeitos da pesquisa teve um aumento de seu rendimento ao longo do tempo. No caso dos especialistas em relógios no geral, houve aumento de rendimento nos relojoeiros que realizaram serviços sobretudo nos relógios de pulso ao longo de sua trajetória (principalmente João e Milton, os dois relojoeiros que informaram os maiores rendimentos), o que mostra a maior gama de serviços (e do custo destes) para esse tipo de relógio, especialmente os da alta

relojoaria. Essa dinâmica foi acompanhada pelos relojoeiros de pulso (com exceção de Luciano, cujo rendimento seguiu o mesmo), sobretudo Fernando e Roberto.

Já os relojoeiros mecânicos no geral que atuam sobretudo na função de pendoleiro (Álvaro e Pedro), tiveram seus rendimentos diminuídos, enquanto os especialistas em relógios de pêndulo (Marcos, Arnaldo e Eduardo) aumentaram sua renda ao longo do tempo. Tal aspecto pode ser explicado pelo fato dos dois primeiros terem iniciado no ofício a mais tempo, relatando eles que anteriormente o valor do conserto dos relógios valia mais do que atualmente e havia mais serviços, com a ocupação sendo mais valorizada pelas Igrejas e repartições. Isto se verifica de fato, se considerarmos que Eduardo, o qual iniciou no ofício há pouco tempo, apresenta rendimento semelhante do que Pedro. Já Arnaldo e Marcos, por outro lado, pelo fato de serem empresários que fizeram uso de capitais (econômico, social e cultural) para investirem em suas empresas, tiveram um maior aumento de rendimento. Contudo, levando em conta o fato de o setor de relógios de pêndulo não ter uma indústria forte comparada aos relógios de pulso e ser mais dependente da conservação de relógios (com menor gama de serviços e menor valor do que os relógios de pulso da alta relojoaria), é de se considerar que Arnaldo e Marcos terão mais dificuldade de chegar ao rendimento médio alcançado por relojoeiros de pulso como o João.

A possibilidade de se especializar em grandes marcas de relógio de pulso, obtendo maior rendimento que os relógios de pêndulo, é o fator que leva a mais relojoeiros (inclusive os jovens que estão iniciando na ocupação) a atuarem com os relógios de pulso, segundo Eduardo. Este também analisa que essa preferência é explicada pelo tipo de serviço dos relógios de pulso ser menos pesado do que os relógios de parede, mesa, pedestal e torre:

O relojoeiro fino, que seria o relojoeiro de pulso, que se especializa em grandes marcas, vamos dizer assim, Patek Philippe, Omega, Rolex, entre outras marcas refinadas de relógio suíço eles conseguem em termos de faturamento obter mais resultados com um pouco menos de trabalho, não de técnica né, de trabalho (...) porque vamos fazer um comparativo assim: um relógio de parede, ele geralmente é sujo, é um serviço um pouco mais “pesado”, tem que fazer retífica de diversas peças, tem que mexer com graxa, são relógios que envolvem muito torno, fresa, coisas que de repente não sejam interessante para o próprio relojoeiro, né, aí ele vai ter que se especializar em partes de usinagem, além da marcenaria, que geralmente esses relógios apresentam cupim, cacho ou algum outro eventual restauro que precisa ser feito e você precisa contar junto com a marcenaria também. De forma resumida eu creio que a relojoaria pendoleira seja mais trabalhosa mesmo, talvez por isso as pessoas prefiram atuar mais com os relógios de pulso, né, já que essa relojoaria fina é um trabalho que de repente não exija tanto de esforço, não precisa de sujar a mão literalmente né, e dá um faturamento muito bom, sendo você um relojoeiro preparado para atuar nessa profissão. (Eduardo).

A comparação dos rendimentos dos relojoeiros mecânicos também pode ser pensada a partir dos vínculos trabalhistas dos mesmos. Dentre os entrevistados, percebe-se que os

autônomos como Pedro e Lucas ganham menos do que os microempresários com funcionários (Marcos e Arnaldo) e mais do que os assalariados Thiago e Luciano, os quais apresentam rendimentos similares entre si. Já Roberto apresenta uma renda superior aos autônomos e que ultrapassa a faixa salarial média que o relojoeiro assalariado ganha na cidade de São Paulo e no Brasil (de 3 a 4 salários mínimos e de 1 a 1,5 salários mínimos, respectivamente), de acordo com a RAIS de 2019. Este aspecto corrobora o relato de Roberto e outros sujeitos de que as assistências técnicas remuneram pouco o relojoeiro, sobretudo a nível nacional. Deste modo, o fato de Roberto ser contratado em uma relojoaria há muito tempo e não numa assistência técnica contribuiu para o aumento de sua renda. Thiago, por outro lado, ganha um rendimento inferior ao que é pago na capital paulista, mas considerando que ele está há pouco tempo na ocupação e exerce a função numa relojoaria familiar e que atende serviços de relógios de pulso de marcas valorizadas, a tendência é que seu rendimento supere o das assistências técnicas autorizadas conforme o tempo.

O baixo salário de 1 a 1,5 salários mínimos pago nas assistências técnicas se mantém ao longo das duas últimas décadas no Brasil, reduzindo o número de relojoeiros nas demais faixas salariais (em especial da faixa de 1,5 a 2 salários mínimos, conforme mostrado na tabela 7). Já em São Paulo, há a diminuição da faixa salarial dos relojoeiros assalariados ao longo das duas últimas décadas: se em 2003 a maior parte dos relojoeiros assalariados no Brasil ganhavam na faixa de 5 a 7 salários mínimos, em 2019 a maioria deles recebia de 3 a 4 salários mínimos (RAIS, SISTEMA DARDO).

Tabela 7 - Faixa de remuneração média (em salários mínimos) do relojoeiro (reparação) no Brasil (2003- 2019) (continua)

Ano	Até	0,51	1,01	1,51	2,01	3,01	4,01	5,01	7,01	10,01	15,01	Mais	{ñ	Total
	0,50	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	de		
	1,00	1,50	2,00	3,00	4,00	5,00	7,00	10,00	15,00	20,00	20,00		class}	
2003	2	27	350	288	180	111	80	68	30	19	3	0	4	1.162
2004	3	31	368	282	184	113	65	99	31	24	2	0	2	1.204
2005	1	32	419	288	188	92	49	93	26	14	2	1	3	1.208
2006	0	39	465	245	189	89	66	60	22	18	1	0	9	1.203
2007	0	31	503	196	181	94	69	42	19	14	1	1	16	1.167
2008	2	33	507	192	171	98	66	42	16	12	1	1	16	1.157
2009	0	27	526	182	197	100	41	22	12	8	1	1	16	1.133
2010	0	36	537	177	198	110	39	24	16	6	1	0	11	1.155
2011	1	30	471	197	198	120	47	29	15	5	1	0	13	1.127
2012	0	31	545	182	203	108	37	28	18	2	0	0	14	1.168
2013	0	28	562	202	247	99	42	31	15	3	0	0	13	1.242
2014	0	30	497	208	213	115	33	36	19	2	0	0	15	1.168

Tabela 7 - Faixa de remuneração média (em salários mínimos) do relojoeiro (reparação) no Brasil (2003- 2019) (conclusão)

Ano	Até 0,50	0,51	1,01	1,51	2,01	3,01	4,01	5,01	7,01	10,01	15,01	Mais de 20,00	{ñ class}	Total
		a 1,00	a 1,50	a 2,00	a 3,00	a 4,00	a 5,00	a 7,00	a 10,00	a 15,00	a 20,00			
2015	2	27	483	200	180	118	27	30	16	4	0	0	13	1.100
2016	0	27	506	186	163	106	31	22	13	1	0	0	13	1.068
2017	1	18	477	178	170	87	29	17	10	1	0	0	13	1.001
2018	2	17	416	197	166	85	29	20	5	2	0	0	12	951
2019	2	26	373	174	150	86	24	19	6	3	0	0	22	885

Legenda: {ñ class}: não classificado.

Fonte: RAIS (Sistema Dardo).

Para além da transformação gerada na relojoaria mecânica (seja nos vínculos empregatícios ou nas áreas de atuações dos relojoeiros), a digitalização do tempo trouxe como consequência que os relojoeiros mecânicos ganhassem de maneira crescente a companhia de outros perfis de relojoeiros, principalmente os “trocaadores de bateria” (conforme denominado pelos sujeitos mecânicos), que consideram que aqueles constituem a grande maioria dos relojoeiros de hoje. Roberto por exemplo, considera que este grupo corresponde a cerca de 70% dos relojoeiros atuais, enquanto os relojoeiros com formação completa de relógio só correspondem a 1%, e o restante seriam de reparadores de relógio que apresentam formação parciais (especializados em um tipo de relógio, grande ou pequeno).

Essa mudança de perfis de relojoeiros, com a redução dos relojoeiros mecânicos, artesãos de formação pela relação mestre-aprendiz ou por meio de cursos, evidencia a transformação ocorrida nos modelos de ofício em finais do século XX e início do atual século, devido a globalização e as inovações tecnológicas. Claude Dubar (2006) considera que a identidade dos ofícios sofre crise a partir da década de 80 e 90 na França, pelo desmantelamento de setores inteiros da economia que eram organizados com bases nas comunidades dos ofícios que tinham resistido às racionalizações anteriores (podemos citar aqui a digitalização dos meios informacionais). Desta forma, o autor considera que essa forma coletiva de praticar o seu ofício, se organizando e se definindo através dele ou estruturar a vida em torno da profissão, parece estar dando lugar a outro mundo, a formas individualistas de trabalho, produzidas por uma política neoliberal marcadas pelo trabalho flexível, precarizado, desemprego e racionalização crescente, que impossibilita ou dificulta que seja realizada a carreira (com condições precárias de trabalho) e que não dá espaço para que os valores dos ofícios sejam reproduzidos e muito menos transmitidos de uma maneira geracional. Assim, se antigamente ocupações como siderurgistas organizavam sua prática enquanto ofícios, o capitalismo informacional impôs a

transformação destes trabalhos e a conseqüente crise de suas identidades, que motivaram a organização de protestos na França contra as degradações do trabalho (idem).

O modelo das profissões também não ficou isento dos efeitos das novas configurações de trabalho: Maria da Gloria Bonelli et al (2017) salientam que no início do século XXI o modelo tradicional de profissão que persistiu ao longo do século XX, deixou de ser hegemônico: no que se refere aos advogados, por exemplo, estes se depararam com o aumento das grandes sociedades de advogados que se estratificaram em sócios e associados. Tais mudanças nessas ocupações indicam uma pluralização das identidades ocupacionais presentes nelas.

Assim, podemos dizer que a diversificação das identidades também está presente nos ofícios, ocorrida principalmente no contexto global, que mexe com a identidade social dos artesãos (VIEIRA, 2014) com a introdução na ocupação do relojoeiro dos chamados “trocadores de bateria”. O que implica em dizer que a identidade tradicional do artesão (relojoeiro ou do artesanato, por exemplo) não se suprime com a globalização, mas se transforma juntamente com esta conforme sustentado por Gerusa Silva de Oliveira Vieira (2014).

2.1.5 Atribuindo identidades aos “trocadores de bateria”

O que os sujeitos entrevistados chamam de “trocadores de bateria” são os relojoeiros eletrônicos, que atuam tanto em barracas na rua, ou em lojas como óticas/relojoarias, realizando o serviço de troca de bateria, pulseira e vidro dos relógios. A redução desses sujeitos a “trocadores de bateria” é argumentada pelos entrevistados pelo fato de que aqueles não teriam formação ou conhecimento de relógio, mas que mesmo assim se autodenominam relojoeiros. Além disso, no caso daqueles que atuam em óticas, de acordo com Pedro, o serviço de troca de pilha de relógios é feito de maneira secundarizada, focando-se mais nos serviços de ótica (por estes serem mais demandados), como a troca de armação dos óculos: “Relojoaria [na ótica] é uma coisa pequena, porque vai menos pessoas levando relógio. E quando leva é para trocar pilha. O resto é para fazer armação de ótica. Então o cara é mais ótica do que relojoeiro. Ele mexe mais com ótica do que com relógio, né.” (Pedro).

A suposta ausência de formação dos trocadores de pilha é explicada por João e Bernardo pelo fato destes relojoeiros não terem acesso a cursos de relojoeiros (como do SENAI que antigamente oferecia esta capacitação) e também de alguém (como um mestre) que lhe possa ensiná-la. Isto resulta que esses relojoeiros no geral não saberiam fazer muitos serviços de

relógios, principalmente os mais complexos, não só mecânicos, mas também dos eletrônicos, de acordo com Roberto: “Ele não sabe mexer em muita coisa, porque ele pega o eletrônico, vamos falar: ele testa o circuito para queimada de troca, uma bobina, alguma coisa. Se tiver um “gato” no meio ali, ele não descobre. E quando pega o mecânico ele fala “Não sei”” (Roberto).

Em relação aos relógios de torre, Arnaldo e Marcos criticam o serviço que os “trocadores de pilha” fazem, considerando o primeiro que eles têm uma dificuldade enorme de dar corda no relógio, já tendo encontrado relógio jogado na caçamba (resultado também da desvalorização das igrejas aos serviços do relojoeiro). Já Marcos narra absurdos desses relojoeiros, os quais destruíram os relógios mecânicos, trocando-os por uma máquina eletrônica.

Além disso, diante da sua presumida baixa formação, esses relojoeiros por realizar serviços de troca de pilha, pulseira e vidro (que seriam mais simples) seriam meio oficiais, enquanto os relojoeiros mecânicos por serem capacitados e realizarem diversos tipos de serviço nos relógios (para além da troca de bateria) seriam oficiais, no entender de Wanderley. Diante disso, nas relojoarias em que os relojoeiros eletrônicos trabalham junto com os colegas mecânicos, se estabelece uma divisão de trabalho. Conforme destacado por Milton, antes da pandemia trabalhava juntamente com ele um office boy, que realizava o “servicinho parcial” de troca de bateria e pulseira, enquanto ele realizava um serviço mais delicado (que seria portanto, mais qualificado e complexo, de acordo com a sua narrativa). Entretanto, com a pandemia Milton precisou dispensar esse funcionário, assumindo a função deste, o que tornou o seu trabalho mais corrido.

Ademais, João e seu filho Thiago complementam que esses relojoeiros em face da baixa qualificação, acabam por não terem noção de quanto cobrar pelo serviço, cobrando barato quando em certos casos, deveriam cobrar mais diante do tipo de relógio e serviço que realizam. Essas características se enquadram no que eles chamam de relojoeiros prostituídos: “Às vezes tem um relógio de 50 mil reais que vale 1000 reais [o conserto], e ele cobra 100 reais, você entendeu? É uma falta de informação muito grande, referente a tanto técnico, como comercial, quando não faz uma pesquisa.” (Thiago).

O cara lá [relojoeiro], tá precisando do dinheiro para almoçar e faz um servicinho para você lá, vinte reais, para ele tá bom e tá tudo certo. Não é assim a vida da gente, você tem que ganhar dinheiro, você tem que subir na sua carreira. Como que você vai despontar na sua carreira se você não sabe cobrar, não sabe fazer, você só pensa no dia de hoje, você tem que pensar no dia de amanhã. Entendeu? (João).

Esses relojoeiros, por supostamente não saberem cobrar, apresentariam rendimento baixo, não conseguindo se destacar na ocupação e ganhar mais. Além disso, este fato é explicado por João pela suposta acomodação desses trabalhadores, que não teriam ambição de fazer um serviço melhor, cobrando mais e subindo na carreira. Ao invés disso, eles já se conformam com os serviços que fazem, se autodeclarando relojoeiros:

(...) o cara ele aprendeu, ele gosta de mexer com relógio. Ele aprendeu a trocar uma bateria do relógio, ele aprendeu a desmontar uma miniotinha, a montar ela: ele já acha que é relojoeiro! Então o que que acontece: ele vai trabalhar numa empresa dessa, só que não tem uma prática suficiente. Então ele se sujeita a ganhar um salário baixo, entendeu?” (João).

Apesar disso, no caso dos relojoeiros eletrônicos que são contratados em relojoarias, a dificuldade que eles têm em aumentar o seu rendimento, vem pelo fato deles permanecerem pouco tempo nessas empresas, que os demitem assim que o seu salário começa a aumentar, conforme narrado por Wanderley: “O cara fica na firma um ano, dois anos, aí o salário dele aumenta, a firma já manda embora e pega outro, entendeu? Na hora que o salário começa a subir, a firma já não tem interesse, para eles já não é vantagem ficar com esse funcionário” (Wanderley).

Ademais, este grupo de “trocadores de bateria” seria aquele que mais deixa a profissão de acordo com os entrevistados, considerando Arnaldo que quem entende, conhece de relógio e tem amor a profissão (os relojoeiros com “R maiúsculo”, no entender dele) permanece na ocupação.

Assim, podemos entender que os sujeitos entrevistados de uma maneira geral, atribuem uma identidade negativa a esse perfil de relojoeiros que cresceu bastante diante da Terceira Revolução Industrial, sendo a maioria atualmente, mas que já apareciam em tempos passados.⁷⁷ Os entrevistados se utilizam da linguagem para nomear os outros relojoeiros. Como sustenta Anselm L. Strauss (1996) nomear corresponde a um ato de classificação, não sendo apenas uma ação aberta, mas que implica numa avaliação, ou seja, num conjunto de expectativas em relação a quem é classificado, diante do que se experimenta na relação com este. Desta forma, os relojoeiros eletrônicos são classificados como não sendo relojoeiros completos ou de verdade, o que mostra a disputa pelos significados da identidade do relojoeiro, que para a maior parte

⁷⁷ Como João relata, esses tipos de relojoeiros já existiam antigamente no centro da cidade, atribuindo o entrevistado a eles valores negativos ao tipo de serviço que é feito, do lugar onde ele é realizado e da organização do espaço: “[Na] Avenida São João, você contava ali dez, quinze relojoeiros nas portas de bar, com a banquinha na porta de bar, entendeu? Era só a banca e o relojoeiro ali. Então esse relojoeiro, ele fazia aquele servicinho corrido aquela coisa, sabe, tanto é que a banquinha do cara era só o espaço dele trabalhar ali, o resto era tudo tranqueira, era coisa jogada em cima da banca. E eu não aprendi desse jeito, eu aprendi que a banca tem que ser um relógio de cada vez.” (João).

dos sujeitos entrevistados seriam os artesãos especialistas em relógios mecânicos, que possuem o saber fazer e realizam o trabalho bem feito e complexo. Desta forma, os relojoeiros “trocadores de bateria” estariam à margem dessa identidade ocupacional.

Esta disputa pela identidade do relojoeiro a partir da avaliação dos relojoeiros mecânicos em relação aos relojoeiros eletrônicos, nos faz pensar acerca dos conflitos jurisdicionais entre profissões que fazem parte das impurezas profissionais, conforme discutido por Sida Liu (2020), na medida em que nas fronteiras jurisdicionais entre psiquiatras e assistentes sociais, por exemplo, os primeiros oferecem uma base intelectual para o componente psiquiátrico do serviço social, monopolizando certas tarefas desta área (como a prescrição de medicamentos), ainda que não se pode traçar uma linha de demarcação entre as jurisdições das duas profissões. Se fizermos um paralelo deste conflito com a atribuição de identidade ocorrida na ocupação de relojoeiro, podemos entender que embora esta não seja uma jurisdição (no sentido de ter um direito legal sobre uma área de trabalho⁷⁸), há nela a constituição de barreiras simbólicas, na medida em que os relojoeiros mecânicos avaliam quem seria e quem não seria relojoeiro, atribuindo a eles próprios o domínio do saber do ofício e a legitimidade para realizar a ocupação, excluindo os “trocadores de bateria”.

Ademais, podemos pensar esta disputa pela identidade do relojoeiro ao fazermos um comparativo entre as relações de empregadores e empregados nos ofícios de empresa (conforme destacado por Sylvie Monchatre (2009)) com as relações entre relojoeiros mecânicos e eletrônicos nas relojoarias. Isso porque a autora considera que nas empresas que não funcionam como profissão, mas como ofício na contemporaneidade, há uma tensão entre empregadores e empregados no sentido da definição legítima do ofício. Nesta disputa, os empregadores se consideram como proprietários dessa significação, determinando quais funções os empregados devem realizar e quais competências (como a flexibilidade da mão de obra) eles devem ter para exercer o cargo. Se pensarmos nas relações entre relojoeiros mecânicos (enquanto empregadores, como no caso de Milton com o office boy) e relojoeiros eletrônicos (empregados) ocorridas nas relojoarias, os primeiros por estarem em uma posição mais alta se veem como os detentores da atribuição de identidade do relojoeiro, constituindo uma divisão de trabalho com os relojoeiros eletrônicos (office boys) e avaliando quais são as funções que estes últimos devem realizar (troca de bateria, pulseira) e quais seriam as qualidades que os

⁷⁸ Embora o ofício do relojoeiro seja reconhecido enquanto uma ocupação pela CBO, esta não detém um poder de jurisdição, mas sim de atribuir identidade aos relojoeiros (que seriam segundo aquela, os fabricantes e reparadores de relógios, além dos que atuam no comércio varejista de relógios).

relojoeiros eletrônicos devem apresentar para exercê-las (trabalhador flexível, pouco qualificado, com baixos salários e rotativo).

Além disso, a identidade atribuída a esses relojoeiros é reduzida a trocadores de bateria (entendido como um serviço simples, não complexo), e estereotipada por expressões como “prostituir” por presumivelmente cobrarem barato pelo serviço (o que destaca a desvalorização e a falta de reconhecimento dessa mão de obra), ainda que alguns dos entrevistados também justifiquem esta atribuição pela ausência de formação de relojoeiros na contemporaneidade, por meio de cursos por exemplo. Além disso, há um entendimento de que os “trocadores de bateria” diante de sua identidade representada, trariam uma imagem negativa (se utilizando Roberto do estereótipo racial “denegrir”) a ocupação de relojoeiro na sociedade, na medida em que reduziriam ela a serviços simples que não exigem formação: “O cara perdeu o emprego, o que ele faz: “Ah, vou virar relojoeiro, vou virar chaveiro, qualquer coisa” o cara acha que dá certo e começa, entendeu? Então isso denigre muito a imagem do relojoeiro no Brasil.” (Roberto).

Por outro lado, há relojoeiros mecânicos (como Milton) que avaliam como útil que os “trocadores de bateria” realizem esses serviços simples, no sentido que permitem que eles se dediquem aos “serviços delicados” (de manutenção dos relógios mecânicos), no caso das relojoarias que também atendem os serviços eletrônicos.

Essa forma de atribuição da identidade desses relojoeiros modernos também é realizada pelos clientes de relógios. Conforme relatou Bernardo, quando esses relojoeiros compram uma relojoaria ou abrem uma nova enfrentam resistência dos fregueses independente se sabem realizar o serviço ou não, sendo que aquela também seria produto do preconceito a esses relojoeiros:

Ele compra uma loja que tem bons [relógios] ali funcionando, [relojoeiro] trabalhando bem, a pessoa ficou idosa, não quer mais trabalhar, vende a loja e quem assume não sabia trabalhar como ele, né. Aí começa a fazer serviço de baixa qualidade, aí os clientes acabam fugindo. (...) Tem um pouco de preconceito do cliente também, né: tava tão acostumado ali [na relojoaria, com o relojoeiro que trabalhava lá], vê uma cara nova, acha que o cara não sabe nada, né. Nem sempre é este caso que eu te falei. Algumas vezes a pessoa que comprou [a loja] é também um bom profissional. (Bernardo).

Assim observamos que a nomeação da identidade dos “trocadores de bateria” parte de dentro da ocupação dos relojoeiros e é marcada por uma essencialização, que hierarquiza a profissão entre aqueles que seriam os verdadeiros relojoeiros (artesãos), que ao deter o saber fazer nas suas habilidades com os relógios, apresentam reconhecimento e legitimidade, e aqueles que se dizem relojoeiros, mas não seriam, não apresentando legitimidade. Essa

hierarquização serve assim, como um instrumento de reivindicação de status, analisada por Pierre Bourdieu pela seguinte retórica presente em organizações coletivas: “eu/nós somos mais motivados, mais ambiciosos e mais empenhados do que os outros” (BOURDIEU, 1986 apud SENNETT, 2020, p. 273).

Ademais, esta classificação diante da mudança ocorrida no ofício do relojoeiro na Terceira Revolução Industrial, ressalta em como o percurso dos ofícios (assim como das profissões) é atravessado por crises em suas identidades, no que se refere aos problemas em que uns (“os relojoeiros mecânicos”) têm em reconhecer os outros (“relojoeiros eletrônicos”) como pertencentes a identidade ocupacional (DUBAR, 2006). Desta forma, podemos dizer que o aspecto da solidariedade como um traço comum dos ofícios tradicionais (DADOY, 1989) foi diluído diante deste contexto de crise de identidade. Este também se sucede em ocupações como barbeiro, que na cidade de Aracaju - SE avaliam negativamente a nova ordem unissex do setor de higiene e beleza representada pelos cabeleiros, como algo que provocou a crise daquela ocupação, diante da diminuição de barbearias (TELES, 2012).

2.2 Relojoeiros eletrônicos

Nos debruçaremos agora nos relojoeiros especialistas nos consertos de relógios eletrônicos, frutos da digitalização do tempo, por meio da trajetória de Manoel, Danilo e Ana, problematizando a forma como os relojoeiros mecânicos entrevistados enxergam este setor.

Manoel⁷⁹ tem 58 anos e atua numa assistência técnica localizada dentro de uma galeria no centro de São Paulo - SP, realizando principalmente o conserto de relógios eletrônicos de pequeno porte (pulso), além da manutenção e formatação em computadores e notebooks. Começou trabalhando na área de eletrônica, tendo realizado um curso de manutenção de rádio e televisão. Depois veio trabalhar informalmente (enquanto autônomo) com seu primo que consertava relógios na mesma rua que está hoje. No início, Manoel realizava a manutenção de teclados, órgãos eletrônicos, dentre outros, mas com o passar do tempo aprendeu o ofício de relojoeiro com seu parente, se adaptando a mexer nos relógios. Posteriormente, o seu primo saiu da loja e Manoel assumiu, focando o seu serviço nos relógios, estando no ramo há 28 anos. Na maior parte de sua trajetória, Manoel foi autônomo, tendo em um certo período contratado uma funcionária e tido trabalhadores independentes (como seu tio) que lhe auxiliaram com o serviço.

⁷⁹ Entrevista realizada no dia 18/01/21, por telefone.

Se a iniciação de Manuel no ofício se deu pela influência familiar, juntamente com a sua especialização em eletrônica, Ana e Danilo têm suas trajetórias no ofício enquanto funcionários de ótica/relojoaria. A primeira⁸⁰ tem 51 anos e atua como gerente e relojoeira numa ótica no município de Jundiaí- SP, sendo que Ana trabalha para a dona deste estabelecimento há 25 anos, iniciando na função de empregada doméstica até ela ser convidada a trabalhar na ótica. Nesta, após a saída de um funcionário do ramo da relojoaria em 2002, Ana aprendeu esse serviço com sua patroa Fernanda. Seu trabalho consiste na troca de pulseiras, baterias, vidro, etc, tanto de relógios de pulso, como os de parede. Ademais, há onze anos ela ensinou o ofício para uma funcionária da loja, que só mexe nos relógios eletrônicos mais simples.

Já Danilo⁸¹ atua numa relojoaria na cidade de Carapicuíba-SP, onde conserta relógios de pulso. Ele está há 25 anos no ramo: trabalhava como office boy numa ótica e relojoaria, exercendo a função de entregador de lentes de contato. Após sair dessa empresa, a relojoaria vizinha a esta, administrada por um relojoeiro japonês e que contava com quatro funcionários, o convida a trabalhar lá. Começou a trabalhar como atendente e o relojoeiro lhe ensinou a troca de bateria dos relógios, aprendendo o ramo. Trabalhou por 19 anos nesta relojoaria, até sair do ofício por um ano e meio, trabalhando como ajudante de marceneiro, até que retornou ao ramo para trabalhar na relojoaria em que está atualmente. Esta é dividida na parte eletrônica (venda de artigos eletrônicos) e na parte da relojoaria, e cada uma tinha um dono. O setor da relojoaria era administrado por um senhor relojoeiro aposentado e especializado em relógios automáticos, que deixou a loja recentemente, diante do aumento de despesas, ficando Danilo sozinho para executar a função, ainda enquanto contratado da loja.

Desta forma, pode-se dizer que se o aprendizado do ofício por Manoel com seu primo esteve mais próximo das relações mestre e aprendiz (tendo ele trabalhado com o seu familiar enquanto autônomo), no caso de Ana e Danilo suas formações no ofício se deram numa relação reconfigurada de mestre e aprendiz (entre empregador e empregado). Além disso, comparando-se o perfil desses três relojoeiros eletrônicos, é possível apontar que todos eles possuem origens populares, sendo que Manoel possui menor escolaridade (Ensino primário incompleto). Apesar disso, quem apresentou maior mobilidade social foi Ana, já que esta passou de empregada doméstica da sua patroa para gerente da ótica desta, sendo a relojoeira entre os três a que apresenta maior rendimento (3000 reais). A entrevistada narra que seus serviços aumentaram bastante desde que ela começou, dizendo que tem dia que ela consegue trocar mais de cinquenta

⁸⁰ Entrevista realizada no dia 19/08/20, feita por chamada de vídeo do Whatsapp.

⁸¹ Entrevista realizada no dia 11/02/21.

baterias. Já Manoel e Danilo apresentam rendimento idêntico (de 2000 reais). Contudo, Danilo narra que seu rendimento foi aumentando ao longo da sua trajetória, aproveitando-se ele da modernização dos equipamentos da relojoaria, o que possibilitou que ele realizasse serviços mais apurados:

Olha, atualmente tem modernizado muito essa área de relojoaria com os novos equipamentos, né. Até quando eu comecei era tudo muito simples até. Hoje a gente já tem equipamento para medir uma bobina, para fazer outros serviços mais apurados, que te dá melhor resultado. (Danilo).

Manoel, por outro lado, conta que sua renda foi diminuindo, pois reduziu-se os serviços, o que o levou a mudar para uma loja no subsolo da galeria, que apresenta aluguel menor. Sua fala faz sentido se pensarmos que a década de 80 e 90 (na qual Manoel iniciou no ofício) consistia na onda dos eletrônicos, com os especialistas nesses relógios sendo mais procurados do que os relojoeiros mecânicos. Já a posterior diminuição dos serviços dos relojoeiros eletrônicos é explicada por Danilo pelo surgimento de equipamentos eletrônicos como celular, considerando ele que este vem assumindo a função do relógio de dar as horas. Isto implica em considerarmos que os smartphones ganharam espaço crescente na sociedade cronofágica, tal como descrita por Milton Santos (2001). Apesar disso, o relógio segundo Danilo, ainda é usado por estilo, o que mostra que a ressignificação dos relógios, em serem dotados de valores simbólicos (distintivos) diante de sua perda de marcar a hora (FREIRE, 2016), não está restrita aos mecânicos, mas também se encontra nos eletrônicos. Diante disso, apesar da presença de celulares e smartwatch atualmente, Ana considera que as pessoas estão retornando a usar os relógios eletrônicos.

Entretanto, a despeito do retorno do consumo dos relógios eletrônicos, esses relojoeiros estão diminuindo assim como as vagas nas relojoarias segundo Danilo, que narra que encontrou dificuldades para conseguir retornar a área de relojoaria: “Atualmente é difícil até para você procurar um serviço de relojoeiro, é difícilimo, tanto é que quando eu, depois de 19 anos trabalhando com a mesma pessoa, eu saí , eu tive dificuldade para retornar na minha área, né, que era o que eu gostava de fazer.”(Danilo).

Esta dificuldade é corroborada por Manoel, que conta que há pessoas que procuraram por vaga em sua assistência técnica, mas pelo seu rendimento ter diminuído com o tempo, se impossibilitou que ele contratasse essa mão de obra, que não consegue encontrar oportunidade. Já Ana considera que esta falta de oportunidade vem pelo fato das pessoas não terem o interesse de ensinar o ofício. Desta forma, pode-se dizer que houve uma queda do aprendizado do

relojeiro também no setor eletrônico, motivada principalmente pelos relojoeiros que têm baixo rendimento e pela escassez de cursos de relojoeiro.

2.2.1 Contrapondo a identidade atribuída

Se os relojoeiros mecânicos avaliam os serviços dos relojoeiros eletrônicos como sendo simples, envolvendo apenas a troca de bateria, o que não faria deles relojoeiros de verdade, Manoel, Danilo e Ana valorizam seu serviço, denotando a ele uma complexidade. O primeiro, ao invés de dizer que realiza a função de troca de bateria, afirma que realiza a troca de máquina, além da manutenção dos relógios eletrônicos, no que diz respeito ao conserto e reposição de peças dos relógios. Apesar da troca de máquinas corresponder a maior parte dos seus serviços, segundo Manoel, ele pondera que esse fato se explica pela dificuldade de haver reposição de peças dos relógios, só se restringindo aos relógios mais caros:

Hoje você não faz muita manutenção em máquinas de relógio, eu vou dizer aí uns 80, 90% do que eu faço aqui é troca de máquinas. Por que você só encontra reposição de peças de máquinas mais caras, as marcas mais simples, você já encontra os módulos completos para troca, entendeu? Então não se faz muita manutenção em relógio hoje em dia, você troca a máquina, deu problema... a vantagem é que você sana de uma vez o problema, né, dificilmente você tem um retorno. (Manoel).

Já Danilo destaca que a modernização pela qual a relojoaria passou, trouxe novos equipamentos que possibilitaram que o seu serviço fosse mais minucioso (consistindo por exemplo, na medição de bobina), o que propicia um melhor resultado. A narrativa dele, assim como de Manoel e Ana, mostra que os seus serviços reivindicam uma formação nos relógios eletrônicos.

Além disso, Danilo e Ana também possuem conhecimento em relógios mecânicos: Ana por exemplo, possui habilidades parciais nos relógios mecânicos, já tendo consertado o relógio Cuco, mas não realiza esse tipo de serviço por falta de tempo devido ao exercício da função de gerência. Apesar disso, Ana narra que possui o interesse em aperfeiçoar suas habilidades na relojoaria mecânica, buscando fazer um curso de relojoeiro, mas ainda não encontrou um (ela já procurou um curso que seria realizado na cidade de Campinas-SP, mas este acabou não ocorrendo). Já Danilo também realizou a manutenção de relógios automáticos de pulso, mas parou de fazê-la por falta de peças, o que demandaria que ele as comprasse na cidade de São Paulo, sendo isto inviável por ele trabalhar sozinho. Nesse sentido, sua narrativa assim como a de Ana contrapõe a avaliação da identidade dos relojoeiros eletrônicos como desprovidos de ambição e interesse de se aperfeiçoarem na relojoaria. No caso de Ana, o que dificulta a

realização dos serviços em relógios mecânicos é a sobreposição de atribuições que ela apresenta e a escassez de cursos de relojoeiros no Estado de São Paulo. E no caso de Danilo, a escassez de fornitureiras que realizam a reposição de peças, bem como a diminuição de mão de obra, trabalhando Danilo sozinho depois que o dono da parte da relojoaria deixou a loja onde trabalha.

Diante disso, os relojoeiros eletrônicos se veem como semelhantes profissionalmente em relação aos relojoeiros mecânicos e no lugar de avaliarem estes de uma forma negativa com vistas a diferenciação, enxergam-os como pertencendo a uma unidade ocupacional: Manoel, por exemplo, considera os relojoeiros enquanto uma classe. Já Ana diz que nutre uma boa relação com os relojoeiros mecânicos, tendo uma parceria com um deles, que também atua em Jundiaí -SP, enviando para ele os relógios mecânicos de seus clientes que não consegue consertar.

As diferenças que os relojoeiros eletrônicos apontam que apresentam diante dos relojoeiros mecânicos diz respeito ao tipo de mecanismo que eles trabalham e ao rendimento. No primeiro caso, Danilo compara os relógios eletrônicos a um carro de 16 válvulas⁸², dizendo que estes apresentam problemas mais facilmente do que um carro de 8 válvulas e os relógios mecânicos, além de envolver uma manutenção complicada, não sendo desejados para o conserto nem pelo mecânico do automóvel, nem pelo relojoeiro mecânico, o qual prefere consertar os relógios mecânicos por ser essa sua especialidade. Seu relato demonstra como ele considera que o seu trabalho nos relógios eletrônicos denota uma complexidade e uma formação ao relojoeiro, e se os relojoeiros mecânicos desejam realizar a manutenção deles, necessitam ter conhecimento e formação dos mesmos.

Quanto ao rendimento, Manoel considera que o relojoeiro mecânico ganha mais pelo serviço prestado, sobretudo se ele for um bom profissional e trabalhar com relógios caros de pulso, de grandes marcas como Rolex, Omega e Tissot. Contudo, o entrevistado pondera que há poucos relógios desse tipo no mercado, bem como poucos relojoeiros que conseguem trabalhar com esses relógios, o que faz com que os relojoeiros que não são desse perfil não tenham um rendimento tão rentável, necessitando também realizar a manutenção dos relógios quartz para poder sobreviver:

O relojoeiro mecânico eu vejo assim, ele ganha mais por serviço prestado, porque normalmente os relógios são mais caros. E quando ele tem um profissional muito bom, porque senão eu acho que na minha área tá de bom tamanho. Porque o relógio mecânico hoje é o seguinte: você pega um relógio Omega, um relógio Tissot, um relógio caro, aí você tem onde cobrar, mas se você trabalhar com relógio pequeno...

⁸² Esta reportagem aponta mais detidamente as diferenças entre o carro de 8V e o de 16v. Disponível em: <https://www.noticiasautomotivas.com.br/qual-e-a-diferenca-entre-carros-8v-e-16v/>. Acesso em: 24/04/21.

E não tem tanto mais relógio deste tipo no mercado. Então se você tem um relógio caro, você tem um Omega, um Tissot, um Rolex, você já vai procurar as assistências autorizadas, não um técnico qualquer, né. Então eu vejo que quando um cara leva na autorizada, você tem alguém que responde por trás daquela pessoa. Então não acho um nicho tão viável, não. A vantagem é que a pessoa que faz o relógio mecânico, eles normalmente mexem um pouco com o quartz ou às vezes integral também, então ele abrange as duas áreas, que eu acho que só com uma, ele não sobreviveria. (Manoel).

Seu relato faz sentido se considerarmos que são poucos os relojoeiros que conseguem concentrar seus serviços em relógios de alto valor (da alta relojoaria), conseguindo ter um grande rendimento (como Milton e João). Apesar disso, a média dos relojoeiros mecânicos entrevistados apresenta rendimento superior aos relojoeiros eletrônicos⁸³ o que mostra que os serviços feitos pelos últimos são no geral em relógios de menor valor do que os relógios mecânicos, ainda que haja complexidade e qualificação envolvida na manutenção dos relógios ou troca das suas máquinas, sendo esta função a mais demandada aos relojoeiros eletrônicos devido à dificuldade de reposição de peças. Apesar disso, Ana por exemplo, apresenta rendimento semelhante à renda de Thiago, assim como Danilo e Manoel ganham o mesmo que o relojoeiro Luciano. Ademais, podemos indagar que essa desvalorização aos relojoeiros eletrônicos hipoteticamente⁸⁴ é maior naqueles que atuam na rua do que aqueles que exercem o serviço na loja, apresentando os primeiros menor rendimento e maior rotatividade na ocupação, permanecendo menos tempo nela.

Deste modo, podemos dizer que os relojoeiros eletrônicos ressignificam a identidade de relojoeiro, se colocando como pertencentes a ocupação e detendo habilidades e conhecimentos para realizar a reparação dos mecanismos eletrônicos. Além disso, pode-se apontar que esses sujeitos são gerados pelo capitalismo informacional, cuja racionalização lhes forma como uma mão de obra mais flexível (no sentido de realizarem um serviço de menor valor e terem maior rotatividade, sobretudo os que atuam na rua) (DUBAR, 2006), mas que mesmo nesta situação detém o saber fazer da relojoaria eletrônica. Ou seja, são artesãos modernos⁸⁵ que buscam realizar um trabalho bem feito (SENNETT, 2020).

⁸³ Contudo, é necessário ponderar que entrevistou-se apenas três relojoeiros eletrônicos, não se encontrando portanto, uma variedade de realidade (em termos de rendimento, vínculo empregatício) como ocorreu com os relojoeiros mecânicos.

⁸⁴ Hipoteticamente, pois não se conseguiu entrevistar esses relojoeiros que atuam em barracas de rua. Dentre estes, só tive contato com uma pessoa que atua perto de minha casa, mas este não se considera um relojoeiro, dizendo que eu deveria procurar entrevistar um relojoeiro de uma relojoaria, incorporando assim o discurso dos relojoeiros mecânicos sobre quem seria relojoeiro ou não, já discutidos anteriormente.

⁸⁵ Richard Sennett (2020) analisa exemplos de artífices modernos, tal como os programadores do sistema operacional Linux, que se constitui segundo ele enquanto um artesanato em que os trabalhadores realizam a detecção e a solução dos problemas. Entretanto, o autor aponta que as relações de trabalho da nova economia global, marcadas pela “cooperação disfarçada” (que produz a lucratividade) e pela competição (usando-se uma mão de obra mais jovem, menos qualificada e mais rotativa) desestimula e invisibiliza que os trabalhadores realizem o ethos do bom trabalho pelo bom trabalho que orienta o artífice, mesmo que ele se esforce para isso.

2.2.2 Gênero⁸⁶ como potencialidade de reconhecimento na relojoaria

Neste item refletiremos sobre gênero e relojoaria, considerando a trajetória de Ana e as comparações entre os setores da reparação e a fabricação de relógios.

Para além de atuar no setor de reparação de relógios eletrônicos, o fator gênero poderia dificultar, sem dúvida, que Ana seguisse, tivesse reconhecimento e se aperfeiçoasse no ramo da manutenção de relógios, pelo fato deste ser amplamente masculinizado na ocupação de relojoeiro, conforme já abordado anteriormente. Contudo, ao ser perguntada se ela vê dificuldades de trabalhar nesta ocupação por ser mulher, ela considera que isso fez com que os clientes da ótica e outros relojoeiros (inclusive os mais antigos) admirassem ela. Assim, na visão de Ana, o gênero potencializou a realização de seu trabalho como relojoeira na medida em que ao longo de sua trajetória, foi conquistando mais clientes (aumentando seus serviços) e a confiança e reconhecimento deles, a ponto destes se deslocarem do outro lado da cidade para levar os relógios a ótica. Desta forma, o relato de Ana busca construir sua experiência em contraste não apenas com o predomínio masculinista da identidade dos ofícios clássica, que só reconhece as artesãs que trabalham dentro do âmbito doméstico (de característica mais inferiorizada do que os artesãos (SENNETT, 2020)), mas também a identidade atribuída aos relojoeiros eletrônicos de que eles enfrentariam a resistência e perda de clientes por supostamente não saberem realizar bem o serviço. Em vez de os clientes fugirem de Ana, eles aumentaram e reconhecem o seu trabalho.

Apesar disso, Ana passou por uma situação de estranhamento motivada por esta identificação social masculina da função de relojoeiro: no momento em que a entrevistada desejou fazer um curso de relojoaria mecânica em Campinas e procurou o professor que iria oferecer este curso, este se mostrou surpreso, indagando “Uma mulher querer fazer o curso de relojoeiro?”, dizendo Ana que sim, pois gosta de relógio e tem interesse de se aperfeiçoar nele.

Desta forma, a despeito de Ana ter reconhecimento enquanto relojoeira eletrônica pelos seus clientes, no setor de reparação de relógios mecânicos a realidade masculinizada da ocupação continua a se fazer presente no Brasil: como vimos anteriormente, dados da RAIS de

Diante disso, podemos ponderar que nem todos os artesãos modernos conseguem realizar de forma plena suas habilidades, e desta forma entre os relojoeiros, aqueles que atuam nas barracas de rua, dada a vulnerabilidade do local onde realizam o serviço e sua possível maior rotatividade, possuem mais obstáculos de realizar o bom trabalho do que os relojoeiros que atuam em estabelecimentos. Assim como os relojoeiros que atuam em empresas e se submetem a relações de trabalho controladas e determinadas por seus empregadores (como ocorre nos ofícios de empresa (MONCHATRE, 2009)) podem ter a realização do bom trabalho desestimulada.

⁸⁶ Utilizo gênero aqui, enquanto uma categoria analítica tal como considerada por Scott (1990) que mostra que a diferença sexual entre homens e mulheres não é biológica, mas socialmente construída, no lugar de ser a base da subordinação feminina (BONELLI, et al, 2008).

2019 apontam que no setor de reparação de relógios, haviam no país 850 relojoeiros e apenas 35 relojoeiras em relações de empregos formais (CLT), sendo 97 relojoeiros e somente 3 relojoeiras na cidade de São Paulo. Além disso, se nota que entre 2003 e 2019, a diferença entre homens e mulheres no Brasil se manteve em cerca de vinte vezes. E apesar de no ano de 2013 às mulheres terem alcançado o seu maior número (128), do ano seguinte a 2019, houve uma redução de cerca de 73%, conforme podemos constatar nas tabelas abaixo:

Tabela 8 - Relojoeiros (reparação) segundo o sexo do trabalhador (2003- 2019) no Brasil

Ano	Masculino	Feminino	Total
2003	1.105	57	1.162
2004	1.144	60	1.204
2005	1.158	50	1.208
2006	1.142	61	1.203
2007	1.109	58	1.167
2008	1.105	52	1.157
2009	1.085	48	1.133
2010	1.102	53	1.155
2011	1.061	66	1.127
2012	1.096	72	1.168
2013	1.114	128	1.242
2014	1.088	80	1.168
2015	1.036	64	1.100
2016	1.020	48	1.068
2017	957	44	1.001
2018	916	35	951
2019	850	35	885

Fonte: RAIS (Sistema Dardo).

Tabela 9 - Relojoeiros (reparação) segundo o sexo do trabalhador na cidade de São Paulo (2003-2019) (continua)

Ano	Masculino	Feminino	Total
2003	137	8	145
2004	143	5	148
2005	156	6	162
2006	163	9	172
2007	161	9	170
2008	157	11	168
2009	131	8	139
2010	143	11	154
2011	148	9	157
2012	138	5	143
2013	144	5	149
2014	158	6	164
2015	138	5	143
2016	131	6	137

Tabela 9 - Relojoeiros (reparação) segundo o sexo do trabalhador na cidade de São Paulo (2003-2019) (conclusão)

Ano	Masculino	Feminino	Total
2017	124	5	129
2018	116	4	120
2019	97	3	100

Fonte: RAIS (Sistema Dardo).

Esses dados indicam uma grande desigualdade de gênero no setor de reparação de relógios mecânicos, e podemos entendê-la por meio de Scott (1990), que considera que a segregação no mercado é constitutiva das relações sociais de gênero e das relações de poder entre eles. Além disso, essas informações indicam que o setor de reparação de relógios eletrônicos onde Ana atua, apresenta mais mulheres do que no conserto de relógios mecânicos, o que pode sugerir que a área de relojoaria eletrônica vem se feminizando. De fato, se levarmos em conta a busca que foi feita por entrevistas com relojoeiras, para além de Ana, se chegou a uma pessoa que realiza a troca de baterias numa ótica da cidade de São Paulo, mas a mesma estava indisponível para ser entrevistada. Ademais, um dos relojoeiros eletrônicos entrevistados (Manoel) conta que antigamente tinha uma funcionária que lhe auxiliava no serviço. Ademais, a mão de obra flexível reivindicada pelo capitalismo informacional que se combina aos relojoeiros eletrônicos (sobretudo os que realizam o serviço em condições mais vulneráveis, como os que atuam na rua), também o faz ao gênero feminino, afinal no contexto do final do século XX e século XXI marcado pelo desemprego, formas individualistas e precárias do trabalho, há um aumento das mulheres na população economicamente ativa (AUED, 1999). A flexibilização da mão de obra feminina ocorre tanto em trabalhos não qualificados, como qualificados. Podemos exemplificar esses últimos pelo setor da Tecnologia e Informação (TI), ocupação de grande diferença numérica entre homens e mulheres⁸⁷ e cujos efeitos da flexibilidade do trabalho ao gênero são investigados por Bárbara Geraldo de Castro (2013), a qual apresenta não apenas a diferença salarial entre os trabalhadores e trabalhadoras, mas também os contratos flexíveis (PJ, CLT flex) que emergem de uma maneira diferenciada nas trajetórias de homens e mulheres, já que na trajetória das trabalhadoras há uma incompatibilidade destes contratos com o exercício da maternidade, bem como a sobreposição de tarefas da esfera produtiva e dos trabalhos do cuidado.

⁸⁷ Interessante destacar que Bárbara Geraldo de Castro (2013) aponta que em seu início, o setor de TI era majoritariamente ocupado por mulheres. Contudo, a partir do momento que essa área é reconhecida como dinamizadora da economia mundial e ganha prestígio e poder, passa a atrair os antes desinteressados homens a esta área, apartando-a das mulheres.

Desta forma, esse possível cenário de aumento de relojoeiras no setor eletrônico, demonstraria que as mulheres ocupariam cargos menos valorizados socialmente na ocupação (em termos de qualificação e rendimento), assim como ocorre em diversas profissões que vem ampliando a participação feminina nas últimas décadas, como da advocacia, na qual a maioria das mulheres realiza funções menos especializadas e mais rotineiras (enquanto associadas nas grandes sociedades de advogados, por exemplo) ao invés daquelas especializadas, discricionárias que os homens mais fazem (enquanto sócios, por exemplo) (BONELLI et al, 2008). Outrossim, considerando a atribuição de identidade feita aos relojoeiros eletrônicos (de que eles fariam serviços de menor qualificação), isso poderia reforçar o estigma de que as mulheres fariam mais serviços com relógios eletrônicos “por eles serem mais simples”⁸⁸.

Apesar da provável realidade de maior entrada de mulheres no setor de reparação de relógios eletrônicos, Ana não conhece nenhuma mulher que faz esse serviço (para além da patroa e de outra funcionária da ótica). Ademais, quando lhe foi apresentado o dado (relatado pela relojoeira e pesquisadora Rebecca Struthers em uma entrevista) de que as mulheres eram 5% entre os relojoeiros do mundo, Ana respondeu que a baixa presença de mulheres na relojoaria seria positiva, por não haver concorrência. Assim, se os relojoeiros mecânicos não são considerados como concorrentes por Ana, mas como um grupo de referência positiva (seja por meio de parceria que ela apresenta com um colega mecânico e pelo seu desejo de se capacitar na relojoaria mecânica), o mesmo não se dá com as relojoeiras. Desta forma, o gênero só é uma potencialidade no seu trabalho, caso não entrem mulheres na ocupação. Esse discurso da entrevistada, aponta que a forma como ela lida com o gênero se dá pelo seu ajustamento à lógica de mercado e a lógica masculina do ofício de relojoeiro, na medida em que a ausência das mulheres favorece a sua atuação no ofício. A operação da lógica masculina da prática ocupacional também está presente nos escritórios paulistas de advocacia, na medida em que as advogadas que superaram a barreira de gênero e se tornaram sócias, precisam realizar o trabalho ideológico e de administração de emoções (reivindicado pela lógica masculina de divisão sexual do trabalho) para que tenham oportunidades na profissão (BONELLI et al, 2008). Contudo, no caso desta ocupação, o uso desse ideário tem em vista a inserção de gênero na profissão (ainda que numa dinâmica de subordinação), o que não ocorre com Ana, na qual a inserção na ocupação de relojoeiro opera por uma lógica individual. Esta pode ser compreendida pela

⁸⁸ Não foi perguntado aos relojoeiros a sua opinião sobre relojoeiras, mas alguns entrevistados apontaram o conhecimento de mulheres que atuam no setor mecânico, como Thiago que conhece uma jovem que atua como aprendiz de pendoleiro em Porto Alegre. Além disso, Thiago destaca que há muita mulher relojoeira na Suíça, provavelmente por este país ser um polo de relojoeiro mundial, com maior contingente de trabalhadores e cursos no ramo de relojoeiro (discutiremos sobre a indústria relojoeira suíça mais adiante).

trajetória de trabalho de Ana ser mais individualizada na sua relação com a patroa Fernanda e não partilhada na convivência com outras praticantes da ocupação de relojoeiro.

Ainda tendo em vista a posição da mulher no setor de reparação de relógios, podemos refletir se o gênero seria uma forma de superação das barreiras ocupacionais (havendo reconhecimento social) caso Ana tivesse a oportunidade de se especializar nos relógios mecânicos no geral (conforme é desejado por ela) trabalhando fora da ótica, seja devido a visão naturalizada da identidade masculina deste setor, que enxergaria a entrada de mulheres na ocupação como uma ameaça a essa identidade (assim como ocorre no setor de higiene e beleza (TELES, 2012))⁸⁹, como também a realidade do rendimento e da faixa etária de mulheres que exercem essa ocupação. Conforme dados da RAIS de 2019 a respeito da faixa salarial dos relojoeiros assalariados de acordo com o sexo (ver tabela 10), percebe-se que se tanto homens como mulheres em sua maioria ganham entre 1 a 1,5 salários mínimos, não há assalariadas que ganham de 3 a 4 salários mínimos para cima e só há cinco mulheres que ganham na mesma faixa de rendimento de Ana (2 a 3 salários mínimos), o que permite apontar que a mobilidade social ascendente obtida por Ana enquanto gerente e relojoeira eletrônica, teria grandes possibilidades de sofrer um descenso se ela migrasse ao setor mecânico. Além disso, como podemos observar na tabela 11, a maior parte das relojoeiras assalariadas são jovens com idade inferior a 40 anos (principalmente da faixa de 18 a 24 anos e 30 a 39 anos), só havendo seis relojoeiras da mesma faixa etária de Ana (50 a 54 anos), o que reforça as barreiras ocupacionais do setor mecânico a Ana. Esta realidade etária é contrastante se pensarmos nos homens, que tem um perfil mais velho de assalariados, já que a maioria destes tem idade superior a 40 anos, principalmente da faixa de 60 a 64 anos.

Tabela 10 - Faixa de remuneração média (em salários mínimos) segundo o sexo do reparador de relógios no Brasil (2019) (continua)

Faixa de remuneração média	Feminino	Masculino	Total
Até 0,50	0	2	2
0,51 a 1,00	1	25	26
1,00 a 1,50	18	355	373
1,51 a 2,00	10	164	174
2,01 a 3,00	5	145	150
3,01 a 4,00	0	86	86

⁸⁹ Eduardo Teles (2012) sublinha que a partir da década de 80 se deu a feminilização do campo do trabalho da higiene pessoal, com as mulheres assumindo a função de cabeleireiras e constituindo a maioria das pessoas que atuam nesse setor. Esse processo é visto de maneira incômoda pelos barbeiros mais antigos, que vêem nisso uma ameaça à ordem masculina. Desta forma, o autor considera que a crise da identidade masculina foi afetada pela emancipação das mulheres.

Tabela 10 - Faixa de remuneração média (em salários mínimos) segundo o sexo do reparador de relógios no Brasil (2019) (conclusão)

Faixa de remuneração média	Feminino	Masculino	Total
4,01 a 5,00	0	24	24
5,01 a 7,00	0	19	19
7,01 a 10,00	0	6	6
10,01 a 15,00	0	3	3
{ñ class}	1	21	22

Legenda: {ñ class}: não classificado.

Fonte: RAIS, 2019 (Sistema Dardo).

Tabela 11- Faixa etária da ocupação do relojoeiro (reparação) segundo o sexo (2019)

Faixa Etária	Feminino	Masculino	Total
15 a 17	1	4	5
18 a 24	9	95	104
25 a 29	3	85	88
30 a 39	9	158	167
40 a 49	7	189	196
50 a 64	6	276	282
65 ou mais	0	43	43

Fonte: RAIS, 2019 (Sistema Dardo).

Para encerrar a discussão sobre gênero e relojoaria, investigaremos o setor de fabricação de relógios mecânicos, que vem se feminizando nas últimas décadas no Brasil. Conforme abordamos anteriormente, os dados da RAIS de 2019 indicam que as mulheres correspondiam a mais da metade da mão de obra, consequência sobretudo da grande contratação de mulheres na região Norte, mais especificamente da Zona Franca de Manaus, a qual por concentrar as indústrias de relógios de pulso no país, abarca 95% das mulheres que exercem essa função no Brasil, havendo aumento de 74% de assalariadas entre 2003 e 2019, em especial na última década. Já nas outras regiões do país, se verifica uma desigualdade de gênero que se manteve estável ao longo das duas décadas, similarmente ao que ocorre no setor de reparação de relógios, já que as mulheres representam apenas 6% de todos os fabricantes dessas regiões (ver tabela 12). E no que se refere a cidade de São Paulo, se há poucos fabricantes de relógios homens, não há nenhuma mulher assalariada que exerça essa função (RAIS, 2019).

Tabela 12 - Número de relojoeiros (fabricação) segundo o sexo do trabalhador (2003-2019)

Ano	Norte			Nordeste			Sudeste			Sul			Centro-Oeste			Total		
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T
2003	37	54	91	3	0	3	57	10	67	30	3	33	15	1	16	142	68	210
2004	34	51	85	2	0	2	57	7	64	22	3	25	10	1	11	125	62	187
2005	38	77	115	3	2	5	55	26	81	22	4	26	11	1	12	129	110	239
2006	31	63	94	24	13	37	61	14	75	22	2	24	8	1	9	146	93	239
2007	29	57	86	4	3	7	59	10	69	19	0	19	14	1	15	125	71	196
2008	23	49	72	8	6	14	60	5	65	18	0	18	13	1	14	122	61	183
2009	21	50	71	7	4	11	65	9	74	17	0	17	14	1	15	124	64	188
2010	30	68	98	7	6	13	76	6	82	17	0	17	9	2	11	139	82	221
2011	41	110	151	11	7	18	71	7	78	17	0	17	10	2	12	150	126	276
2012	64	143	207	13	4	17	72	9	81	15	0	15	12	1	13	176	157	333
2013	55	112	167	10	7	17	46	2	48	13	0	13	12	0	12	136	121	257
2014	61	126	187	4	7	11	47	1	48	8	1	9	16	0	16	136	135	271
2015	86	155	241	19	5	24	91	7	98	18	0	18	17	0	17	231	167	398
2016	103	326	429	25	4	29	75	4	79	19	0	19	14	1	15	236	335	571
2017	87	233	320	24	4	28	70	4	74	17	0	17	20	0	20	218	241	459
2018	68	194	262	27	2	29	62	5	67	13	0	13	31	4	35	201	205	406
2019	74	202	276	21	2	23	53	4	57	8	0	8	26	6	32	182	214	396

Legenda: M: Masculino; F: Feminino; T: Total.

Fonte: RAIS (Sistema Dardo).

A feminização na fabricação dos relógios é acompanhada pela diminuição da faixa salarial média deste setor entre 2003 e 2019. Se em 2003 a maioria dos fabricantes de relógios (incluindo homens e mulheres) ganhavam entre 2 a 3 salários mínimos, em 2019 60% deles ganhavam entre 1 a 1,5 salários mínimos (aumento de 87% nas duas últimas décadas), sendo que as mulheres correspondem a 67% da mão de obra que ganha esse valor, aumentando 96% a sua participação nessa faixa de renda (ver tabela 13). Além disso, se os homens diminuem praticamente a sua participação a partir da faixa salarial de 3 a 4 salários mínimos nas duas últimas décadas, as mulheres estagnam ou diminuem em quantidade a partir da faixa de 1,5 a 2 salários mínimos. Deste modo, as fabricantes de relógios, em especial na Zona Franca de Manaus, correspondem a uma mão de obra mais barata nesse serviço, nos permitindo pensar que elas realizariam funções menos qualificadas neste setor. A respeito do papel desempenhado pela mulher na indústria relojoeira mundial, a pesquisadora e relojoeira Rebecca Struthers em entrevista ao site de relojoaria Espiral do Tempo, disse que sempre houve mulheres na indústria relojoeira, ainda que em áreas menos especializadas da produção: de acordo com ela, as mulheres mais atuam na linha de produção de relógios, realizando o acabamento e a manutenção (funções menos qualificadas), do que no design ou na fabricação de relógios

completos (funções mais qualificadas).⁹⁰ Se levarmos esta análise ao Brasil, podemos pensar que as fabricantes de relógios atuam sobretudo no acabamento e na montagem dos relógios, e os homens ainda que também sejam maioria nessa atividade, eles mais realizam funções qualificadas nas fábricas (o design e a fabricação completa dos relógios) do que as mulheres, por estarem mais presentes nos rendimentos altos (acima de 4 salários mínimos), exceto na faixa salarial de 7 a 10 salários mínimos, na qual em 2019 constava uma mulher e nenhum homem.⁹¹

Tabela 13 - Faixa de remuneração média (em salários mínimos) do relojoeiro (fabricação) segundo o sexo do trabalhador em 2019

Faixa de remuneração média	Feminino	Masculino	Total
Até 0,50	5	3	8
1,01 a 1,50	148	73	221
1,51 a 2,00	14	29	43
2,01 a 3,00	23	46	69
3,01 a 4,00	3	10	13
4,01 a 5,00	2	3	5
5,01 a 7,00	0	1	1
7,01 a 10,00	1	0	1
{ñ class}	11	9	20

Legenda: {ñ class}: não classificado.

Fonte: RAIS, 2019 (Sistema Dardo).

Ademais, em relação a idade dos fabricantes de relógios no decorrer do período entre 2003 e 2019, vimos anteriormente que o polo industrial relojoeiro teve um aumento de mão de obra tanto de pessoas velhas quanto jovens. Esse crescimento de relojoeiros em todas as faixas etárias é devido ao crescimento das relojoeiras no setor da fabricação, já que o sexo feminino expandiu-se em todas as faixas etárias (principalmente na faixa etária de 50 a 64 anos, com 90% de aumento, e na faixa de 18 a 24 anos, com 87% de aumento). Já o sexo masculino caiu 55% na faixa etária de 30 a 39 anos e cresceu mais na faixa dos 50 a 64 anos (aumento de 65%). Desta forma, se no setor de reparação há um envelhecimento de relojoeiros e diminuição dos jovens (ainda que entre as mulheres, haja mais jovens do que pessoas das faixas superiores de

⁹⁰ As desigualdades de gênero (quanto a qualificação) na ocupação de relojoeiro também são evidenciadas na Suíça, país referência da relojoaria. Conforme esta reportagem sobre o ofício na Suíça (<https://www.swissinfo.ch/por/economia/of%C3%ADcio-de-relojoeiro-faz-sonhar-novamente/32256184>, Acesso em 16/10/20) as mulheres no setor relojoeiro são pessoas sem qualificação, que vieram de setores de serviço como o comércio e que procuram um emprego estável, com horários regulares e melhor remunerado, enquanto os homens chegam ao ofício de relojoeiro com mais bagagem técnica.

⁹¹ Nesta faixa, entre os anos de 2003 e 2019 a participação feminina continuou pequena (próxima a zero), mas houve maior redução de homens que atuam nessas faixas, atingindo zero em 2019.

idade), no setor de fabricação há um aumento de pessoas jovens e mais velhas na ocupação, sobretudo mulheres (RAIS, SISTEMA DARDO).

A realidade masculinista da relojoaria de acordo com Rebecca Struthers, está mudando à medida que as mulheres estão ocupando cargos profissionais mais relevantes e controlando bem suas finanças (com mais autonomia), inclusive as compradoras de relógios de pulso, que levam em conta o seu design e o investimento futuro para comprá-lo, como qualquer homem, o que tem gerado mudanças na relojoaria feminina que antes mais valorizava a estética dos relógios do que sua qualidade. Tal mudança mostra que a inserção feminina nas ocupações é marcada por uma dualidade: ao mesmo tempo em que se constitui uma divisão sexual do trabalho, ela introduz uma possibilidade de emancipação na medida em que as mulheres ocupam cargos mais valorizados profissionalmente, como o ocorrido com as advogadas paulistas de meia idade, que já tem consolidada a sua reputação profissional e aumentam seu capital social (BONELLI, et al, 2008).⁹²

3. CAPÍTULO II: O OFÍCIO DO RELOJOEIRO HOJE: ESTRATÉGIAS PARA O EXERCÍCIO DA OCUPAÇÃO

Depois de discutirmos acerca das trajetórias dos relojoeiros e das transformações ocorridas ao longo delas, discutiremos o presente do ofício, de forma a entender quais estratégias esses sujeitos adotam para exercer o trabalho de relojoeiro na contemporaneidade.

3.1 Rede de clientes (relações simbólicas)

A informacionalização digital do mundo e do tempo, seja pela descartabilidade do consumo de bens e serviços (HARVEY, 2008; JAMESON, 1997) ou pelas inovações tecnológicas, com a chegada dos computadores, passando pelos smartphones e chegando aos smartwatches (relógios inteligentes que se conectam ao smartphone e realizam múltiplas funções) (ZAMPIERE, 2018), poderia condenar os relógios (principalmente os mecânicos) e os relojoeiros a extinção. Entretanto, a rede de clientes que esses trabalhadores constituíram ao longo do tempo, permitiram a continuidade desse serviço. Conforme destacado por Pedro, ele

⁹² A discussão acerca do gênero e relojoaria, seja a forma como o gênero é mobilizado por homens e mulheres na ocupação de relojoaria, bem como a desigualdade de gênero nos diferentes setores da relojoaria (a partir das entrevistas com relojoeiras e relojoeiros e das discussões da bibliografia sobre ocupações e gênero) merecem ser aprofundadas em outra oportunidade, já que não será possível fazê-la nesta pesquisa.

possui clientelas geracionais, de fregueses que procuravam seu avô para o conserto de seus relógios, e que passaram o relógio a seus descendentes: “É, se [o relógio] não era da mesma pessoa, do mesmo cliente, é do filho, é do neto, é do irmão que passou para o irmão dele. Então o relógio tá lá, vai mudando a pessoa, mas o relógio é o mesmo.” (Pedro).

Assim, o relógio não apenas marca o tempo, mas marca as histórias das famílias que o possuem. Diante disso, esse objeto não apenas representa uma questão técnica, mas também simbólica, necessitando o relojoeiro estar atento a estes dois aspectos, como o faz Marcos, que gosta de ouvir e registrar em seu site, as histórias de seus clientes, estabelecendo relações de amizade com eles que trazem um feedback de reconhecimento a seu serviço:

Eu gosto de ouvir as histórias, eu registro as histórias, eu pego umas histórias que eu acho que são legais e coloco no site. Tem histórias mais malucas que você possa imaginar: quantas vezes eu não fechei a oficina para a pessoa ficar chorando aqui, no sofá! Porque o relógio era da mãe e fazia muito tempo que tava parado e de repente tocou o relógio nela e a pessoa senta e chora. (...) Então o pessoal vem aqui para contar, para bater papo. Muitos clientes viram amigos, todos os clientes eu trato, procuro né, tratar muito bem. E eles me tratam muito bem, não é uma relação comercial, sabe, uma relação de fornecedor - cliente, é uma relação de muitos clientes, é uma relação de amizade, “Olha, o relógio ficou bom” “Olha, tá dando um probleminha, faz assim” “Pô Marcos, aqui deu certo, o que você falou deu certo!”. Sabe, sempre tem um feedback, não é uma coisa fria. (Marcos).

Desta forma, os clientes demandam elementos simbólicos ao relojoeiro, que deve levar em conta as histórias dos clientes e a emoção envolvidas nelas. Estes elementos que fogem do escopo técnico da ocupação também estão presentes no mundo profissional, sendo investigados por Sida Liu (2020), o qual analisa que em profissões como os advogados, quando eles atuam com casos de divórcio, por exemplo, precisam lidar com a situação de fraqueza e a condição emocional ou psicológica instável dos clientes, constituindo isso um componente essencial da sua experiência.

As histórias contadas por clientes de seus relógios apontam para o processo de identificação entre sujeitos e objetos, nas quais os primeiros produzem significados próprios a respeito dos segundos, comunicando-os por meio da narração, de acordo com Jean Baudrillard (1989) (CASAQUI, 2011). Apesar disso, essas histórias não são exercícios de uma mera memória individual (daquele que conta a história), mas de memórias coletivas, no sentido considerado por Maurice Halbwachs (1925)⁹³, já que a história dos relógios perpassa a coletividade (família). Deste modo, se produz um apego dos sujeitos com esses relógios, sejam

⁹³ De acordo com o autor, cada memória individual consiste num ponto de vista da memória coletiva. Desta forma, a memória do indivíduo depende se seu relacionamento com a família, com a escola, Igreja, profissão, etc.

eles mecânicos ou eletrônicos, usufruindo dos serviços dos relojoeiros ao invés de descartar os relógios, conforme conta Manoel a respeito de seus clientes.

Além disso, a relação entre o “eu” relojoeiro e o “outro” cliente é perpassada pela alteridade, em que o primeiro se coloca no lugar do outro, percebendo-o como uma pessoa singular, que carrega uma história especial através de seu relógio, de maneira que ao conservar os relógios, ele contribui para conservar a história envolvida neles. Deste modo, o trabalho do relojoeiro apresenta uma dimensão coletiva e não individualista, como o relato de Marcos permite apreender:

Se o meu trabalho não tá direcionado para as pessoas, ele não tem porque existir. Se eu tô trabalhando só para mim para eu ficar rico, para eu ficar milionário, ter dinheiro, para ter bens, para ter poder... eu tô olhando só para mim, eu não olho para o outro. Agora, quando eu olho para o outro, a satisfação é muito maior. Isso é, na minha cabeça, elementar né.” (Marcos).

Desta forma, o relacionamento do relojoeiro com seu cliente produz um benefício mútuo: o relojoeiro não recebe apenas a remuneração monetária do cliente, mas também acaba por fazer parte da história do relógio ao realizar a manutenção nele, ganhando a confiança do freguês. Já este tem a satisfação de ter o relógio (e a memória coletiva envolvida nele) conservados. Esta troca no mundo profissional, constitui para Sida Liu (2020) uma simbiótica, não sendo apenas uma transação econômica (ou técnica), mas um processo social recíproco.

Para além dos valores simbólicos da memória familiar presentes no relógio, este sobretudo no âmbito da alta relojoaria, possui sinais de distinção e status atribuídos e legitimados pelos clientes da elite por meio de seu habitus, na medida em que são grupos que ocupam uma posição distinta no espaço social (campo), possuindo ao mesmo tempo, maior volume de capital econômico e simbólico (conforme discutido anteriormente), consumindo assim os relógios mecânicos e procurando os serviços do relojoeiro. Este ponto é corroborado por Álvaro, que afirma que possui clientes que vivem no Alphaville (bairro nobre dos municípios de Barueri e Santana do Parnaíba, região metropolitana de São Paulo), considerando que aquele que tem “berço” é o que mais se interessa pela cultura, e conseqüentemente pelos relógios mecânicos, entendidos por Álvaro como sendo uma arte⁹⁴ trabalhosa em comparação aos eletrônicos. Tal relato nos motiva a analisar mais detidamente o estrato social da elite e o

⁹⁴ É preciso ressaltar que há um contraste sociológico entre o artesanato (que está relacionado aos artífices) e a arte, como indica Richard Sennett (2020, p.88): “Os dois se distinguem, inicialmente, pelos seus agentes: a arte conta com um agente central ou dominante, enquanto o artesanato tem um agente coletivo (no sentido de ser produto da relação entre mestres e aprendizes). Distinguem-se, em seguida, pelo tempo: o súbito contra o lento. Por último, são efetivamente diferenciados pela autonomia (...): o artista solitário e original pode ter sido menos autônomo, mais dependente do poder intolerante ou voluntarioso, e portanto mais vulnerável, que o corpo de artífices”. Desta forma, o relógio é um objeto fruto do trabalho artesanal e não do artista.

seu gosto cultural: Carolina Pulici (2011), ao analisar as elites paulistanas, considerou que elas têm em comum um gosto burguês clássico e conservador, não dando espaço ao modernismo, seja na arquitetura ou nas artes plásticas. Diante destas características da elite, Vinícius Seravo (2018) hipotetiza que elas auxiliem a elite a formular o seu gosto pela alta relojoaria e legitimar o seu consumo. Se consideramos isso, podemos dizer que os indivíduos deste estrato social vão reconhecer os relógios mecânicos de alto valor agregado como uma cultura refinada e como um objeto fruto do trabalho artesanal que se adequa ao seu gosto burguês: esta adequação se dá, de acordo com Seravo (idem), na medida em que a alta relojoaria emprega um plano secundarizado de confecção e apresentação das peças, que resulta numa arte conservadora.

Entretanto, não se pode generalizar que todo setor de elite vai possuir ao mesmo tempo, capital econômico e simbólico, reconhecendo o relógio como um sinal de distinção. Conforme abordado por Bourdieu (2007), as diferenças econômicas são duplicadas por distinções na maneira de usufruir esses bens, através do consumo simbólico. Diante disso, os grupos de status (como as elites) impõem modelos de comportamento, que são tomados como referência para quem deseja participar deles. Desta forma, pode-se afirmar que o capital econômico que um indivíduo apresenta, não será necessariamente convertido em capital simbólico⁹⁵: ele deve consumir certos bens e apresentar modelos de comportamento em relação a esses bens (como os relógios). Tal situação é sustentada por Álvaro, o qual analisa que há empresários e políticos, que apesar de terem alto poder aquisitivo, não se interessam por cultura (incluindo ele aí também os relógios mecânicos). Desta forma, aqueles agentes se diferenciam de outros agentes das elites no campo social, como os fregueses de Álvaro que são do Alphaville, que ao deter simultaneamente capital econômico e simbólico, apresentam gostos pelos relógios, legitimando-os como objetos distintivos.

Por serem potenciais consumidores de relógios de alto valor econômico e simbólico, os clientes da classe média e elite são desejados pelos relojoeiros entrevistados, que procuram obter essa clientela. Para tanto, é importante que os relojoeiros instalem suas relojoarias em bairros nobres, conforme feito por João, que abriu junto com sua esposa a atual relojoaria deles no bairro de Moema- SP, de forma a atingir os colecionadores de relógio de marca que vivem neste bairro e demandam serviços de alto valor de restauração e conserto de relógios, o que resultou ao longo dos anos na construção de rede de clientela e no aumento do rendimento de

⁹⁵ Tal ponto é evidenciado por Bourdieu (2007) quando ele compara profissões dos segmentos sociais: quando ele contrapõe artistas e empresários da indústria do comércio, por exemplo, constata que dos primeiros aos segundos há um decréscimo do volume da capital cultural e ao mesmo tempo um aumento de capital econômico, concluindo que a estrutura de distribuição capital econômico é simétrica e inversa da estrutura de distribuição do capital cultural.

João (como podemos constatar em seu perfil). Contudo, pela compra ou aluguel de estabelecimentos dos bairros nobres ser de preço elevado comparado a outros locais, o relojoeiro necessita acumular um capital para conseguir investir neste empreendimento, o que não se sucedeu com Bernardo, que mesmo desejando sair do centro a fim de obter os clientes com mais poder aquisitivo, apresenta uma realidade de cliente e rendimento diversa para os relojoeiros que estão na região central: de acordo com ele, os clientes que procuram os relojoeiros neste local, vão normalmente atrás de um serviço rápido e de baixo custo. Ou seja, podemos dizer que são indivíduos com menor poder aquisitivo, de classes populares ou médias⁹⁶. Este ponto é importante para destacar que a segmentação dos clientes de relógios por classes sociais se dá também em decorrência da região da cidade de São Paulo que o relojoeiro realiza o serviço, o que vai diferenciar o rendimento entre aqueles que estão em bairros médios e populares (como Pedro, Bernardo e Roberto) e aqueles que conseguiram se estabelecer em áreas nobres, como João. Tal aspecto evidencia as relações espaciais desiguais da cidade urbana, entendidas por David Harvey (2006) como fazendo parte da dinâmica da produção capitalista do espaço.

De qualquer forma, os laços que entrelaçam o relojoeiro aos seus clientes, fazem o reconhecimento do primeiro, que consegue obter a indicação de seus clientes, aumentando a sua freguesia, como destaca Pedro:

De boca a boca, vai indicando. Um vai indicando o outro, os amigos vão indicando “- Ô, eu tenho um relógio para consertar” “-Ah, tem o Fiorelli, liga para ele lá!”. Aí o pessoal liga, cria mais clientelas e vai alimentando a coisa né, é assim que a gente trabalha né. Então para mim o importante é isso, né, eu posso ficar tranquilo que o pessoal reconhece o serviço da gente né, o trabalho da gente né. (Pedro).

Assim, o caminhar da ocupação na contemporaneidade se dá pela confiança dos clientes no relojoeiro, sendo que os primeiros vão atrás do segundo independente de ele ter mudado de local ou não, como destaca Bernardo. Ademais, o reconhecimento ao relojoeiro pode se dar também fora das redes de clientes, por meio de pessoas que se interessem pela história da relojoaria, ainda que não consumam os relógios, conforme relatado por Álvaro, que realiza

⁹⁶ Apesar disso, é discutível que a clientela que frequenta os estabelecimentos do centro de São Paulo seja apenas das camadas populares ou médias. A região central é acessada também pelas camadas de maior poder aquisitivo, já que as galerias da 7 de abril e Avenida São João, por exemplo, contém profissionais especializados nas áreas de equipamentos mecânicos e eletrônicos e restauradores (de quadros, ornamentos, etc.) que realizam serviços de alto valor. Deste modo, pode-se refletir que o que diferencia os relojoeiros do centro e aqueles dos bairros nobres, é que os primeiros possuem uma clientela mais diversificada, enquanto os segundos têm uma clientela de alto poder aquisitivo mais concentrada do que os relojoeiros da região central.

palestras em escolas sobre a história da relojoaria e tem notado esse interesse, mesmo que os indivíduos não se interessem em aprender o ofício.

3.2 O uso da internet como estratégia individual e coletiva

A internet está no bojo das tecnologias de informação e comunicação (TICs) que estão articuladas com a Revolução Informacional, fazendo parte de uma das capacidades desta que é a rede de comunicação entre pessoas (RODRIGUES, 2010). Apesar de verificarmos que esta (por meio do tempo digital, globalizado e acelerado) ainda desafia ocupações tradicionais como o relojoeiro, a internet é usada pelos sujeitos entrevistados enquanto uma ferramenta de organização individual e coletiva. Na primeira, os relojoeiros a utilizam como uma forma de divulgação de seu trabalho (como faz Thiago, Marcos, Eduardo, Pedro e Roberto por exemplo, que se valem de redes sociais e/ou site) ou para atrair um público com maior poder aquisitivo, como busca Bernardo nos meios digitais. Roberto destaca que as redes sociais permitem que os relojoeiros mostrem o seu serviço e que os seus clientes acompanhem o andamento deles por meio de fotos e vídeos, necessitando o relojoeiro organizar o seu local de trabalho para passar boa impressão ao freguês e conquistar sua confiança:

Eu tenho os meus clientes e às vezes eles querem ver fotos do objeto que ele tá fazendo, não é uma coisa extremamente cara para você mexer, então ele quer fotos sabe? Ele quer ver o que você está fazendo. E você tem que mostrar uma oficina completamente organizada, uma coisa desmontada por setores ali do relógio que você mostra para o cliente, ele te faz a pergunta e você consegue responder. E ele vê uma organização, então ele confia no seu trabalho. Hoje em dia tem que ser assim. Que nem, os meus clientes particulares é assim que eu lido. (Roberto).

Estes relatos demonstram aquilo que Castells (2007) analisou que é uma das principais funções dos dispositivos móveis (que é o principal meio de acesso à internet no Brasil⁹⁷, com destaque para as redes sociais como Facebook, Instagram e Whatsapp): a possibilidade de comprovar as rotinas de trabalho, como o relojoeiro faz com os seus clientes, mostrando o serviço que está realizando. Ao demonstrar seu cotidiano laboral nas redes, esses trabalhadores realizam uma escrita de si, no sentido atribuído por Sibília (2008), de se constituir enquanto sujeito nas linguagens que utilizam (por meio de textos ou imagens dos meios virtuais).

⁹⁷ Dados obtidos pela Agência Brasil através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de 2018 (PNAD Contínua TIC, 2018). Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/celular-e-o-principal-meio-de-acesso-internet-no-pais>. Acesso em 22/10/20.

Além disso, a internet, incluindo os dispositivos móveis e as redes sociais, incorporam as exigências culturais do mundo do trabalho moderno como a flexibilidade, projeto de curto prazo e a necessidade de os indivíduos estarem em rede (RODRIGUES,2010). Estes valores são notados na ocupação de relojoeiro, na medida em que os relojoeiros ao se depararem com a escassez de cursos de relojoeiros (espaços formais e físicos de ensino), recorrem a internet como uma ferramenta digital- flexível de estudo do mercado (para se aprimorar e atualizar na ocupação) e de aprendizado para aquele que deseja iniciar neste ramo, conforme o relato de João permite apreender:

Hoje com a internet fica tudo mais fácil né, a transformação maior em pesquisa é essa. O jovem hoje se ele quer realmente aprender o ofício de relojoeiro, ele tem que se informar. E aonde ele vai se informar hoje? Não existe escola, não existe nada aqui no Brasil, então ele tem que procurar por ele mesmo na internet, né. Hoje é tudo na internet. (João).

Para além de os relojoeiros estarem em rede para desempenharem uma estratégia individual de realização de trabalho, a internet (mais especificamente, as redes sociais) é usada como uma organização coletiva dos relojoeiros: diversos relojoeiros entrevistados (tais como Roberto, João, Thiago, Bernardo, Milton, Eduardo e Wanderley) afirmaram que fazem parte de grupos de relojoeiros de Whatsapp, que reúnem relojoeiros do Brasil e alguns do exterior, de países como Argentina e de Portugal. Nestes grupos, esses trabalhadores trocam informações sobre os relógios, ensinando e aprendendo (de maneira mútua, de acordo com Roberto) acerca dos padrões utilizados para o conserto e a restauração dos relógios. O aprendizado ocorre independente se os relojoeiros possuem mais ou menos experiência na ocupação, e se dá também pela troca entre relojoeiros mais antigos e os mais novos, como é indicado pela fala de João:

A gente tem um grupo de relojoeiros, pô é um grupo sensacional cara! Um ensinando o outro. Eu muitas vezes aprendo no grupo, muitas vezes! Embora tenha quarenta e tantos anos de profissão, eu ainda aprendo no grupo. Por quê? Por que vem a modernidade, tem um [relojoeiro] que tem um talento a mais para fazer alguma coisa, você vai aprendendo com isso. E isso você poderia aprender numa escola de relojoeiro, não tem aqui no Brasil, então você tem que procurar se adequar né? (João).

Assim, os grupos de relojoeiros de Whatsapp cobrem o vácuo deixado pela diminuição dos cursos de relojoeiro ocorrida ao longo do capitalismo informacional, utilizando-se o relojoeiro desta (por meio das redes sociais) para se aperfeiçoar e se requalificar na ocupação, permitindo que ele movimente a sua mente, como diz Roberto:

Porque assim, quando uma pessoa te pergunta alguma coisa ou que [você] não sabe, [ou que] você já não tá mais mexendo com aquilo, você é obrigado a revisar sua mente. A mente não pode ficar parada, sua mente trabalhando, você começa a lembrar, e você aprende mais. A mente tem que, vamos falar, estar sempre em movimento. (Roberto).

Nesses relatos, os relojoeiros não enxergam os demais que estão no grupo como concorrentes, entrando em cooperação com eles (independente se são mais ou menos experientes) para realizarem o ensino e aprendizado da ocupação intermediado pelos meios virtuais, o que garante mais serviço aos relojoeiros como um todo, como dito por João:

Hoje nós temos o celular, você [relojoeiro] pode tirar foto da máquina quando você tá desmontando; e você pode tirar dúvida depois, como aonde ir uma peça ou outra pela foto que você tirou desmontando. Antigamente você tinha que gravar na cabeça. Mas hoje se você quiser aprender na sua casa a desmontar o relógio lá, eu no celular eu consigo falar com você e te mostrar os pontos que você tem que fazer: uma lubrificação por exemplo, do relógio, eu vou te ensinar a distância. E você pela tua capacidade, você vai acabar aprendendo. E eu não tenho medo disso “Pô, vou ensinar o cara, o cara vai ser meu concorrente”. Não, pelo contrário, se ele for meu concorrente vai ter mais trabalho se Deus quiser, para todo mundo. (João).

Apesar dessa visão coletiva entre os relojoeiros do Whatsapp, há entre eles os que mobilizam em suas falas a hierarquia entre mestre e aprendiz, se colocando como aprendizes independente se estão há pouco ou mais tempo na ocupação, como são os casos de Eduardo e João respectivamente:

Eu costumo brincar nos grupos de relojoeiros, que os relojoeiros têm muito o hábito de se referir ao amigo de profissão como mestre “Ô mestre”, e tal. E eu sempre falo: “Mestre não, aprendiz, porque eu tô aqui no meio de vocês aprendendo, né. Vocês já são os mestres, eu sou o aprendiz ainda”. Embora eles sejam muito generosos de se referir a mim, de me elogiar bastante, eu acredito que para incentivar mesmo, mas eu ainda me vejo como um aprendiz no meio dos mestres ali, e tenho muita honra de eles me permitirem de participar desse meio social deles, como os grupos de whatsapp, e ter a convivência próxima a eles aí (Eduardo).

A concepção de cooperação entre os relojoeiros também está presente fora do mundo digital, como por exemplo, na parceria de Marcos e Bernardo, em que o primeiro ao não trabalhar com relógios mecânicos de pulso, destina os serviços destes ao segundo, o qual por sua vez, repassa o valor do serviço com desconto para os clientes de Marcos. Este considera que a parceria vale a pena, apesar do gasto de tempo administrativo que tem por causa dela, por contribuir não só para o cliente, mas também para Bernardo, dando mais volume de serviços para ele, reforçando que o trabalho do relojoeiro deve ter um sentido coletivo: “Eu acho que isso é uma coisa muito importante. Se você pensar em trabalhar, mas esse trabalho não está focado nos outros, o trabalho não tem fundamento, não vale a pena.” (Marcos).

De fato para Bernardo, a parceria tem gerado bons frutos na medida em que o serviço de relógio de pulso dele vem aumentando com os clientes de Marcos, o que faz o primeiro cogitar futuramente a trabalhar junto com o segundo, na oficina deste, já que por ela ser maior pode resultar em maiores serviços de pulso (para além da clientela consolidada que ele tem) e com valores maiores comparado ao que Bernardo realiza atualmente em sua oficina no centro.

Sendo assim, os grupos de Whatsapp constituem formas de organização coletiva em rede dos relojoeiros para reproduzir o seu trabalho, por meio do ensino e aprendizagem e da cooperação entre eles. Contudo, esse grupo parece abranger apenas os relojoeiros especialistas ou que procuram especialização em conserto e restauração de relógios mecânicos, não contemplando os relojoeiros eletrônicos (chamados de “trocadores de bateria”) a julgar pela forma negativa como eles são representados pelos entrevistados.⁹⁸ Deste modo, este meio digital, se está inserido nos smartphones que ameaçam o uso de relógios mecânicos por constituírem mecanismos flexíveis de comunicação e marcação de tempo (ZAMPIERE, 2018), ele acaba por contribuir para difundir esses relógios e o tempo marcado por eles. Além do mais, essa maneira de organização via redes sociais, mesmo sendo feita na modernidade, não constitui um modelo profissional, no sentido entendido por Saks (2012), enquanto processos de profissionalização em cima de lutas que tem em vista o controle exclusivo da prática. Diferentemente de ocupações como despachantes, que buscam o profissionalismo como discurso e estratégia, se organizando em conselhos federais e regionais diante das transformações contemporâneas (como a integração dos serviços públicos em agências terceirizadas a partir dos anos 1990) (BONELLI, 2016), e do setor de higiene e beleza (como cabeleireiro), no qual o discurso do profissionalismo se dá por meio da realização de cursos ministrados pelo sistema S (SESI, SEBRAE e SENAI) ou por associações (que se constituem como saberes escolarizados que certificam os membros dessa ocupação) (NUNES; BUFAIÇAL, 2015; TELES, 2012), esses relojoeiros do Whatsapp não se organizam em instituições formais como sindicatos e associações, e as interações de ensino e aprendizado desse grupo preenchem a falta de cursos. Assim, o modelo organizacional desses relojoeiros se assemelha aos modelos de ofício em um sentido reconfigurado, já que os aprendizados em vez de se darem por um mestre na oficina, se dão por trocas virtuais.

⁹⁸ Solicitei a um dos relojoeiros mecânicos que entrevistei, entrar em um grupo de relojoeiros para acompanhar suas mensagens, de forma a analisar mais detidamente as relações entre os sujeitos deste grupo. Ele encaminhou meu pedido ao grupo, mas não obtive uma resposta. Quanto aos relojoeiros eletrônicos, não foi perguntado se eles faziam parte de algum grupo de relojoaria, contudo todos eles me passaram contatos de relojoeiros mecânicos para as entrevistas, o que talvez indique que se eles fazem parte de algum grupo de relojoeiro, este seria predominantemente de relojoeiros mecânicos.

Diante disso, a internet e as redes sociais presentes na realidade contemporânea não eliminam a figura do artesão, mas este acompanha aquela para realizar o seu trabalho nos espaços em que interage, assim como faz os trabalhadores do artesanato investigados por Gerusa Vieira da Silva (2014), que nas feiras institucionalizadas de Goiânia- GO, combinam sua identidade artesã com as inovações recentes, divulgando e disponibilizando seus produtos na internet para encomenda. Esta mistura do que é “velho e tradicional” com o “novo e o moderno”, de acordo com Eduardo Lopes Teles (2012), faz parte da dinâmica moderna do artífice marcada pela sua hibridação, que se constitui enquanto processos socioculturais nos quais as estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas (CANCLINI, 2011).

3.3 O Sindicato na ocupação de relojoeiro na cidade de São Paulo

Os sindicatos se fazem poucos presentes nas trajetórias dos relojoeiros, apenas aparecendo nos relatos dos entrevistados como uma forma de cumprimento de uma burocracia, seja como uma forma de atender a legislação trabalhista presente na constituição (como narrado por Luciano), tal como para registrar a rescisão de contrato da relojoaria/oficina em que o sujeito trabalhava (conforme ocorrido com Bernardo após sua demissão, e com Pedro, após a aposentadoria de seu avô). Nestes e outros relatos não há conhecimento de que há ou houve sindicatos próprios de relojoeiros, apenas sindicatos que abrangem este setor, unindo-o a outras ocupações artesanais como ourives e joalheiro. Um sindicato atual que é de conhecimento dos sujeitos é o Sijoias, onde Fernando ministra o curso de relojoeiro.

Tive conhecimento deste sindicato em julho de 2019, antes da realização das entrevistas, por meio de uma pesquisa sobre sindicato de relojoeiro motivada pela reflexão da Sociologia das Profissões em torno dos processos de profissionalização como a organização sindical (que se apresenta em Maria da Glória Bonelli (2016), por exemplo). Entrei em contato com o sindicato e agendei uma entrevista presencial com o presidente do mesmo e seu assessor, e com o relojoeiro aposentado Fernando. Na conversa que tive com os primeiros, pude coletar algumas informações sobre o Sijoias, localizado na região central: este foi inaugurado em 1987 e representa sobretudo os joalheiros. Já os relojoeiros só começaram a ser representados dez anos depois, no que se refere ao setor da indústria e da assistência técnica de relógios. Como a entrevista se deu rapidamente devido a compromissos do presidente do sindicato, não consegui perguntar quantos relojoeiros são filiados ao sindicato e nem sobre o perfil desses trabalhadores (se seriam autônomos individuais ou empregados em assistências técnicas, a faixa de

rendimento possuída, cor/raça, escolaridade, etc). Essas informações então, foram solicitadas ao sindicato por email e repassadas pela secretária ao presidente, e não foram respondidas desde então.

Ademais, para além da entrevista com Fernando, o primeiro relojoeiro que entrevistei, pude comparecer a uma das aulas do curso de relojoeiro que ele ministra numa escola de relojoaria pertencente ao sindicato, em agosto de 2019. Fernando me relatou que esse curso atende principiantes e até profissionais, tanto os relógios mecânicos, como os eletrônicos de pulso, e tem duração de um ano, considerando ele que o relojoeiro formado no curso tem condições de montar uma oficina e iniciar numa empresa de relógio. Além disso, este curso retornou no primeiro semestre de 2019 depois de vinte e oito anos parado, como uma resposta à escassez de profissionais no mercado, contando com uma turma de nove alunos e cujas aulas ocorriam aos sábados durante todo o dia.

A sala de aula é equipada de microscópios digitais. Os alunos possuem apostilas para o curso, assistem vídeos sobre os relógios e realizam as atividades. No dia que visitei o curso, só havia dois alunos. Questionei a eles por que eles estavam realizando esse curso: o primeiro, um senhor de meia idade, que é engenheiro, procurava conhecer mais a fundo sobre os relógios mecânicos de pulso, pois pretendia montar uma plataforma online de venda de relógios. Já o segundo, um jovem que aparentava ter trinta anos, me disse que era um colecionador de relógios, tendo curiosidade de saber mais sobre seu mecanismo. A julgar pelo perfil desses dois alunos, a formação deles tem um objetivo diferente da expectativa que Fernando tem neste curso (de formar relojoeiros para atuarem no ramo, em assistências técnicas ou numa oficina) se interessando aqueles em conhecer mais os relógios para hobby ou para comercializá-los nos meios virtuais. O que reforça o ponto já discutido anteriormente, de que há poucos interessados em aprender a profissão para exercê-la, o que não contribui também para a resolução do problema da carência de relojoeiros do mercado, que possivelmente são demandados pelas assistências técnicas ao sindicato.

Além disso, quatro relojoeiros entrevistados (Luciano, Wanderley, Thiago e João) conhecem esse curso oferecido pelo Sijoiás, apresentando percepções diferentes de Fernando: Thiago, por exemplo, considera que o curso é bem básico, servindo para conhecer “por cima” o relógio, não para que a pessoa saia dele formada relojoeiro. Já João ao criticar o curso, apresenta a percepção de que a ocupação deveria ter um sindicato que cuidasse de frente do relojoeiro e não a parte como o Sijoiás, realizando um curso que ensinasse e formasse as pessoas interessadas na ocupação, mas que não encontram oportunidade, além de lutar por melhores salários nas assistências técnicas de relógios. A falta de atuação do sindicato na área de

relojoaria para além do curso é destacada por Luciano, dizendo que o sindicato não promoveu uma legislação específica para esse setor.

As percepções dos entrevistados sobre os sindicatos que abrangem os relojoeiros e minha visita ao Sijoiás, reforçam que na ocupação do relojoeiro na cidade de São Paulo, o sindicato que antes só aparecia como uma maneira de cumprir uma burocracia, hoje atua (ou deve atuar, dependendo do ponto de vista dos sujeitos relojoeiros) como uma escola de relojoaria, formando relojoeiros. As críticas dos sujeitos da pesquisa à qualidade do curso realizado pelo Sijoiás e a sua passividade em lutar pelo aumento de salários nas assistências técnicas, indicam que esse sindicato não seja visto como uma forma de organização coletiva dos relojoeiros, diferentemente nos grupos de Whatsapp onde alguma organização parece se realizar.

3.4 As novas configurações do mundo do trabalho e seu impacto sobre os relojoeiros

O capitalismo informacional impôs uma série de mudanças não só nos meios tecnológicos e na concepção de temporalidade (passando do tempo marcado pelo mecanismo mecânico ao tempo marcado pelo mecanismo eletrônico), mas também modificou de forma radical a produção capitalista, quanto a organização do processo produtivo no que se refere a sua estrutura ocupacional, deslocando-se do modo de produção fordista ao modo toyotista e aumentando fortemente o setor de serviços (RODRIGUES, 2010). Esta transformação gerou formas importantes de racionalização que consistiram na automatização dos meios de produção e principalmente, na informatização dos dispositivos do trabalho (DUBAR, 2006). Estes mecanismos não são apenas produtos da inovação tecnológica, segundo Manuel Castells (2000), mas um processo de expansão e reestruturação do capitalismo, no qual a tecnologia de informação é a protagonista (CASTRO, 2013).

Diante dessa conjuntura, ocorre a reconfiguração das formas identitárias em modelos singulares e individualizados, baseados no “eu”, e a conseqüente crise da identidade dos ofícios e das profissões amparadas em formas coletivas (DUBAR, 2006). Essas formas individualizadas de trabalho são marcadas por valores como flexibilidade e capacidade de adaptação (RODRIGUES, 2010), e podem ser entendidas pelo modelo de competências presentes nos ofícios na contemporaneidade, conforme analisado por Sylvie Monchatre (2009). Esse modelo é uma resposta ao surgimento dos novos modelos produtivos, atualizando o ideal do artesão do ofício, o qual se insere numa relação entre empregador e empregado que rompe com a lógica do trabalho em favor de um projeto compartilhado (presente na relação mestre e

aprendiz). A retórica de competências é mobilizada pelos empregadores a fim de envolver os empregados para melhor obter a sua participação, reivindicando a essas capacidades como ser flexível, criativo e ator de suas próximas ações, estando disposto a automobilizar-se no processo produtivo. Deste modo, o modelo de competência exige um envolvimento subjetivo do indivíduo, tendo ele iniciativa, de forma que a empresa reconheça a competência singular do mesmo. Diante dessas novas qualidades de trabalho, este se reverteria de acordo com este modelo: no lugar do trabalho preceder o sujeito, ele o seguiria, tornando-se a expressão direta do poder do pensamento e da ação do indivíduo, de seu conhecimento e de sua inteligência prática (MONCHATRE, 2009)⁹⁹.

Estes ideais de trabalhador e de trabalho presentes na contemporaneidade são objetos de debates no campo da Sociologia do trabalho, no que diz respeito à questão se as novas configurações de trabalho seriam marcadas pelo aumento da qualificação do trabalho e diminuição da sua degradação. Enquanto Castells (2000) defende que na era da informação haveria a diminuição do trabalho degradado, Bárbara Geraldo de Castro (2013) e Ricardo Antunes (2005) sustentam que na nova morfologia do trabalho há a permanência de relações de trabalho precárias e alienantes, criando um novo nicho de trabalhadores desqualificados (informalizados, subcontratados, terceirizados e temporários), que são submetidos cada vez mais à racionalidade do capital e à lógica dos mercados (ANTUNES, 2005). Esse sentido de crítica também é compartilhado por Richard Sennett (2006) que considera que a cultura do novo capitalismo é marcada pelos projetos de curto prazo, pelo desapego, pela instabilidade e pela precarização da vida.

A partir dessas formas individualizadas de trabalho presentes na nova fase de racionalização do capitalismo, ganha proporção o processo do empreendedorismo. O empreendedor é definido por Joseph Schumpeter (1985) como uma pessoa que tem criatividade, que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, criando novas formas de organização ou explorando novos recursos e materiais. A figura do

⁹⁹ “Ce modèle s’appuie sur un diagnostic de mutation des économies et de transformation des ressorts de la compétitivité des entreprises. La “compétence” serait la réponse idoine à cette mutation, dans la mesure où elle créerait les conditions d’une mobilisation plus intense de “ressources humaines” (...) Elle s’inscrit dans l’émergence de nouveaux modèles productifs, en rupture avec le taylorisme et le travail aliéné qu’il induisait (...). Le « modèle de la compétence » plaide ainsi en faveur d’une véritable association du travailleur et de l’employeur. Il demande de rompre avec la logique du poste de travail au profit d’un projet partagé. (...) La rhétorique de la compétence et des métiers s’inscrit dans l’ambition des employeurs d’associer les salariés pour mieux obtenir leur participation. (...) Le sujet serait avant tout disposé à s’épanouir et à « s’auto-mobiliser », dans un travail productif traversé d’échanges communicationnels qui engagent la subjectivité tout en participant à la construire. Cette nouvelle qualité du travail conduirait alors à un renversement: le travail, au lieu de précéder le sujet, le suit, il devient l’expression directe de la puissance de pensée et d’action de cet individu, de son savoir, de son intelligence pratique”. (MONCHATRE, 2009, p.85- 86).

empreendedor já aparecia na formação do capitalismo moderno, na medida em que Max Weber (2004) discute o “espírito do capitalismo” e destaca a criação de um novo tipo de homem, que teria o caráter empreendedor, de trabalho constante e portador de uma cultura própria do Ocidente (LIMA, 2010).

Enquanto empresário, o empreendedor difere do capitalista e não se constitui nem em uma profissão e nem uma classe, ainda que possa atingir determinadas posições de classe se tiver êxito em suas atividades empresariais (LIMA, 2010). Além disso, o IBGE/PNAD (2005) considera que o indivíduo empreendedor seria um trabalhador por conta própria (autônomo), que explora o seu empreendimento sozinho ou com o sócio, com ou sem empregados. Assim, na dinâmica do empreendedorismo o trabalhador traz para si a responsabilidade e a gestão de carreira, conforme interpretado por Maria Rosângela Pereira (2011). Desta forma, aquele deve incorporar fatores subjetivos semelhantes ao modelo de competências idealizado pelas empresas, como força de vontade e motivação, devendo ainda buscar formação e atualização contínua, se adaptar às novas tecnologias e estar atento às mudanças, tornando-se flexível (LIMA, 2010).¹⁰⁰ Esses valores reivindicados ao empreendedor autônomo são problematizados por Jacob Carlos Lima (idem), na medida em que a promessa deles em proporcionar um trabalho com maior autonomia e emancipação ao empreendedor, vem acompanhada contraditoriamente, na maior subordinação dos trabalhadores, estando estes inseridos em trabalhos informais, fragmentados, em atividades simples e repetitivas, com contratos temporários ou sem contrato (realizando o “bico”), desde os consultores altamente qualificados até os trabalhadores em atividades precárias, tais como os ambulantes e camelôs (idem).

Os valores do empreendedorismo são promovidos por organizações como o SEBRAE, que realiza ações de formação, apoio logístico e um referencial ético para diversas modalidades de trabalho, sobretudo para o autoemprego e o micro e pequeno negócio (COLBARI, 2014). Uma das ocupações que o SEBRAE realiza essas ações, é a ocupação do relojoeiro, elaborando um documento sobre como montar uma empresa que realiza o serviço de conserto de relógios de pulso, considerando esta ação como empreendedora, compreendendo o empreendedor tanto o próprio relojoeiro que executará o serviço na assistência técnica ou aquele que administra a

¹⁰⁰ As autoras Simone Ghisi Feuerschütte e Christiane Kleintübing Godoi (2008) apontam para a articulação entre o empreendedorismo e o modelo de competências, na medida em que o processo de empreender constitui um espaço que desafia e mobiliza o indivíduo a um novo negócio, devendo ele manifestar competências para desenvolvê-lo, mobilizando recursos pessoais e do meio em que está inserido, identificando oportunidades e enfrentando os riscos e as situações complexas de seu empreendimento.

Entretanto, apesar de tanto o empreendedorismo quanto o modelo de competência incorporarem fatores subjetivos e flexíveis de trabalho, o modelo de competência diz respeito ao universo empregatício, ou seja, das relações de trabalho formal entre empregadores e empregados, enquanto o empreendedorismo está inserido sobretudo em relações informais de trabalho (de vínculo autônomo e PJ), conforme abordaremos mais adiante.

empresa. Além disso, o documento do SEBRAE incorpora os valores individualistas e flexíveis do empreendedorismo ao citar características que seriam desejáveis ao empresário para realizar este negócio, tais como ter paixão pela atividade e conhecimento amplo do ramo; ter atitude e iniciativa para promover as mudanças necessárias; e ser persistente e não desistir dos seus objetivos.

A prática do empreendedorismo encontra lugar dentre os entrevistados, nos relojoeiros Pedro, Eduardo, Luciano, Milton e Wanderley, relojoeiros autônomos que se cadastraram como microempreendedores individuais (MEI). O MEI é um programa lançado pelo governo federal há onze anos e tem o objetivo de incentivar a formalização de pequenos negócios e de trabalhadores autônomos como vendedores, chegando a 10 milhões de brasileiros cadastrados em 2020.¹⁰¹ Apesar disso, a crise do mercado de trabalho no Brasil, com retração do emprego formal e aumento do trabalho autônomo (que é um produto do capitalismo flexível, da mobilidade do capital e da força de trabalho, tal como analisado por Lima (2020) através de Harvey (2008)), tem transformado o MEI numa ferramenta informal de trabalho, marcada por indivíduos em ocupação temporária ou que realizam o “bico”, tais como os entregadores de aplicativo¹⁰².

Os discursos dos relojoeiros MEIs sobre esse programa seguem duas direções que se relacionam: i) De ressaltar a importância do MEI para o exercício das ocupações no geral; ii) E de enfatizar a adesão ao MEI como uma necessidade de adaptação para seguir no ofício de relojoeiro. O primeiro é apresentado por Eduardo e Luciano. Eduardo salienta que o programa criou oportunidades para as pessoas que apresentam capacidade de criação e que pretendem iniciar num ofício, terem espaço no mercado de trabalho de forma lícita (formalizada) e com baixos custos:

Eu acho que o MEI foi um avanço muito grande, uma coisa muito boa que veio para nosso país, do governo anterior inclusive. No Brasil tem muitas pessoas com capacidade de exercer uma profissão, basta você olhar na internet, tem muita gente genial criando coisas, e o MEI facilita bastante isso, principalmente no que se refere à burocracia, aos custos de você ter uma oficina, seja ela interna ou aberta ao público, né. E abre um espaço muito grande para alguém que esteja começando a carreira, que está disposto a iniciar num ofício ou alguma coisa, ele tem espaço no mercado de

¹⁰¹ Podem aderir ao MEI os negócios que faturam até R\$81 mil por ano e que tenham no máximo um funcionário. Além disso, são listadas no Portal do Empreendedor 468 ocupações que podem ser exercidas pelos MEIs, dentre elas as ocupações do setor de higiene e beleza (barbeiro, cabeleireiro, manicure e pedicure), que apresentam o maior número de registros de MEI. Disponível em: <https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/noticias/2020/abril/brasil-ultrapassa-a-marca-de-10-milhoes-de-microempreendedores-individuais-meis> Acesso em 24/10/20.

¹⁰² Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/04/03/pais-ja-tem-81-milhoes-de-microempreendedores-formais-veja-atividades-em-alta-entre-meis.ghtml>. Acesso em 31/10/20.

trabalho de forma lícita e pode exercer sua profissão dentro das condições corretas né, dentro das leis. Eu acho que é muito importante. (Eduardo).

Já Milton e Pedro em suas trajetórias, tiveram que se cadastrar como microempreendedores para conseguir seguir no ofício, seja na relojoaria (no caso do primeiro) ou na manutenção dos relógios de torre/fachada, no caso do segundo. No que se refere a Milton, a dificuldade do dono da relojoaria em pagar a ele os encargos trabalhistas, antes mesmo da pandemia, fez com que eles entrassem num acordo, passando Milton a atuar na relojoaria como MEI. Apesar disso, mesmo quando era contratado naquela, Milton tinha aberto mão de receber férias e décimo terceiro ao perceber a dificuldade do dono em pagar os encargos:

Eu tava vendo a dificuldade do dono da loja, que realmente está passando com essa crise toda, antes de ter essa pandemia... e eu aceitei na boa [a proposta do dono que ele deixasse de ser funcionário contratado da loja (CLT)]. E eu sempre tive minha relação com a loja como praticamente uma pessoa autônoma, ele me pagava os encargos, mas por uma opção minha né, não tive férias, nem décimo terceiro nada, entendeu? Então por opção, eu mesmo que não quis, ele falou “-Ó, você vai ser assim, eu vou te registrar para vínculo trabalhista, mas não vou te pagar férias, décimo terceiro.” “-Ah, tudo bem!” (Milton).

O percurso laboral de Milton (de alterar o vínculo trabalhista para seguir na relojoaria), nos faz pensar na discussão feita por Cibele Rizek (1999) a respeito das metodologias de pesquisa adotadas pelos sociólogos para a análise do mundo de trabalho contemporâneo. Neste, de acordo com a autora, a categoria jurídica que um trabalhador apresenta (CLT ou MEI) não necessariamente se cruza com a sua realidade de inserção no mundo laboral (como contratado ou autônomo), o que acaba por dificultar a apreensão da realidade trabalhista do sujeito. Tal situação se dá com Milton, na medida em que ele enquanto empregado formal na relojoaria, tinha uma realidade de trabalho como a de um trabalhador autônomo, sem ter direitos trabalhistas. Tempos depois ele altera seu vínculo trabalhista para MEI (de forma a aliviar os encargos ao dono da relojoaria), mas a sua vivência de trabalho continuou sendo semelhante a de um trabalhador autônomo. Desta forma, não se pode tomar unicamente a categoria jurídica dos trabalhadores (como os relojoeiros) para analisar as suas inserções no mundo de trabalho contemporâneo, mas se deve também levar em conta a trajetória de trabalho desses sujeitos (por meio de entrevistas, por exemplo) (RIZEK, 1999).

Quanto a Pedro, este se cadastrou como MEI há três anos, a partir do momento que um dos empreendimentos com relógio de torre que ele fazia manutenção alterou a forma de contrato, da prestação de serviço feita com emissão de nota fiscal de pessoa física (que Pedro emitia ao final do mês) pela abertura de CNPJ (pessoa jurídica), exigindo que Pedro fosse MEI. Apesar disso, ele não conseguiu firmar um novo contrato com esse empreendimento, visto que

ele exigia que Pedro fosse MEI com funcionário, algo que ele nunca teve. Foi apenas depois de dois anos que ele conseguiu firmar um contrato enquanto MEI com uma empresa que possui um relógio em sua fachada, após esta também alterar a forma de prestação de serviço de pessoa física para pessoa jurídica (PJ). Contudo, ele não enxerga problema nesta mudança, ressaltando que o importante é conseguir realizar o serviço:

Então, quanto a mudança assim, não tem problema nenhum, né. É só combinar com os fornecedores aí, combina com as empresas o que eles querem, né. Se posso continuar tirando [nota fiscal] pela pessoa física, ou jurídica... pelo MEI, pelo CNPJ. Mas para mim não muda nada, o importante é tirar nota [fiscal] né. (Pedro).

Deste modo, os relojoeiros microempreendedores desta pesquisa, mobilizam a identidade do empreendedor do capitalismo informacional, de ser alguém com criatividade que conseguiria oportunidade para exercer a ocupação, mas que necessita usar da sua flexibilidade (de alterar a forma de contrato ou abrir mão de direitos trabalhistas, por exemplo) para conseguir realizar o seu trabalho. Estes discursos evidenciam a dualidade do empreendedorismo de reivindicar uma ideia de trabalhador autônomo que seria dono do seu tempo e do seu ritmo de trabalho e que poderia se movimentar livremente no mercado de bens e serviços (PEREIRA, 2011), mas que o subordina a necessidade de se adaptar às exigências da empresa a qual presta serviço, se inovando diante das mudanças, sob pena de não conseguir realizar o seu trabalho (LIMA, 2010).

As críticas dos sujeitos da pesquisa ao MEI ou aos vínculos de pessoa jurídica (PJ) de uma maneira geral, partiram de dois relojoeiros que tiveram vínculo de MEI por algum tempo: Marcos e Manoel. O primeiro optou pelo programa ao perceber que pagaria menos impostos, mas na medida que seus serviços aumentavam, a renda de sua empresa (oficina) passou a ultrapassar o valor mínimo do rendimento anual que o MEI deve ter por lei (R\$ 81 mil reais), o que o forçou a se desenquadrar deste vínculo, se registrando como microempresário. Foi no momento desta mudança de vínculo que Marcos percebeu, na verdade, que o MEI cobrava impostos abusivos, limitando o ganho dos indivíduos. Mesmo com essa crítica, Marcos não deixa de lado a necessidade de adaptação às mudanças dos vínculos e contratos de trabalho via empreendedorismo:

Bom, assim, a nossa vida tem que se adaptar à vida da humanidade, certo? Então, se as leis mudam, você tem que se adaptar às leis. Agora você tem dois caminhos para lidar com essas coisas: ou reclamar que tá tudo pior, ou realmente se adaptar e fazer assim: tem que pensar diferente e fazer diferente. (Marcos).

Já Manoel também teve mudanças gradativas de vínculos trabalhistas ao longo de sua trajetória como relojoeiro, começando como autônomo (pessoa física) e passando ao MEI. No instante em que ele consegue outros serviços, para além do conserto de relógios eletrônicos (realizando a manutenção de fitas adesivas para etiquetadoras), ele migrou para o Simples Nacional.¹⁰³ Apesar disso, ele critica os vínculos de pessoa jurídica (PJ) de uma maneira geral, na medida que considera que se anteriormente esses vínculos compensavam financeiramente ao profissional, atualmente taxam muito o trabalhador autônomo. Além da alta carga tributária, Manoel considera que o autônomo não possui direitos trabalhistas como o funcionário CLT, o que complica a sua vida laboral:

Olha, lá atrás eu acho que era um bom negócio [ser MEI, PJ]. Hoje eu não sei porque você chega a certo ponto, você tem muito imposto, muita coisa para correr atrás, para pagar. E quando você trabalha em empresa, você tem os seus direitos né, tem direito a férias, tem direito a décimo terceiro, direito a isso, a aquilo. E já como autônomo você não tem esses direitos, você tem que se virar com tudo sozinho. Então eu acho que a carga tributária complica a vida de quem quer ser, quer trabalhar como independente. (Manoel).

Desta forma, se o discurso de Manoel mostra a necessidade de assumir os vínculos empreendedoristas para realizar o trabalho, ele realiza ponderações críticas a respeito dos mesmos, nos fazendo refletir sobre as transformações do trabalho autônomo ao longo do capitalismo informacional: se ele por definição é um trabalho não assalariado e flexível, não havendo a garantia de direitos trabalhistas, na contemporaneidade o autônomo se empreendedoriza, ganhando novas formas de flexibilidade, pejotizando-se (passando de pessoa física (PF) a pessoa jurídica (PJ)), se submetendo a carga tributária, a informalidade e ao desejo das empresas que ele presta serviço para exercer a sua ocupação, assumindo os riscos do negócio. Estas dinâmicas que perpassam o percurso ocupacional dos autônomos empreendedores, criam dificuldades para as ocupações que buscam a profissionalização, como o que ocorre no setor de higiene e beleza. Conforme destacado por Jordão Horta Nunes e Lígia Carvalho de Silos Bufaiçal (2015), nesta ocupação (no qual mais de 80% dos trabalhadores são autônomos, principalmente MEI) têm sido mobilizado o discurso profissional por meio de sua veiculação com sindicatos patronais, da realização de cursos técnicos ministrados por associações e Sistema S e o empreendedorismo, com seus valores individualistas e flexíveis,

¹⁰³ O Simples Nacional é um regime compartilhado de arrecadação, cobrança e fiscalização de tributos que é aplicado às micro e pequenas empresas, sendo criado em 2006. Conforme Nelson Leitão Paes (2014), a arrecadação do Simples cresceu a taxas superiores à dos demais tributos (como o MEI, que inclusive é uma subdivisão do Simples). Em contrapartida, as empresas optantes pelo Simples pagam mais tributos do que as demais pessoas jurídicas.

como a necessidade de valorização da subjetividade. Contudo, estes aspectos ao invés de promoverem uma considerável autonomia em relação às demandas do mercado (aspecto fundamental do profissionalismo, de acordo com FREIDSON, 2007), têm gerado maior dependência deste setor ao mercado, se informalizando. Além disso, pelo fato dos cursos técnicos realizados serem de curta duração, isto inviabiliza que essa ocupação tenha um reconhecimento intersubjetivo de uma formação básica de grupo profissional (NUNES; BUFAIÇAL, 2015).

Outra forma de flexibilização envolvida na pejetização/empreendedorização dos relojoeiros autônomos é a terceirização. Afinal, como destaca Thiago Henrique Fracarolli (2019), a pejetização constitui uma forma de contrato terceirizado, na medida em que envolve um contrato comercial entre duas empresas. O trabalhador é contratado como Pessoa Jurídica (portador de CNPJ), prestando o serviço para a empresa contratante e emitindo notas fiscais a ela, sendo remunerado. Nesta relação de contrato atípico de trabalho, são encobertas as relações trabalhistas existentes (FRACAROLLI, 2019). Os relojoeiros MEIs prestam serviços enquanto PJ para relojoarias, empresas e instituições. Dois deles são Eduardo e Luciano, que prestam serviço para relojoarias da região de São Bento do Sapucaí (SP) e da cidade de São Paulo (SP), respectivamente. Luciano acredita que a terceirização do trabalho é vantajosa tanto para o relojoeiro quanto para o lojista, na medida em que as relojoarias não têm condições de manter um relojoeiro mecânico especializado, nem de realizar serviços em relógios complexos. Diante disso, as lojas apenas mantêm um relojoeiro “meio oficial” para fazer atividades mais simples e rápidas (troca de bateria, pulseira e vidro), terceirizando os serviços mais complicados de relógio ao relojoeiro “oficial”:

Um relojoeiro, um técnico do meu porte, custa muito caro para uma loja, uma relojoaria manter. Então o que acontece: os relógios mais complicados, a gente demora dois, três dias num mesmo relógio. Então uma ótica, uma relojoaria, tem muito servicinhos assim, serviços rápidos, né, uma troca de pulseira, uma troca de bateria. E a gente não consegue fazer as duas coisas, fazer uma manutenção num relógio complexo e ficar parando para atender este tipo de serviço. Então o que as lojas fazem: esses relógios mais complicados, eles fazem parceria com um relojoeiro. E os serviços simples que podem ser feitos na loja, normalmente tem um relojoeiro lá, um “meio oficial”. Alguém que não tenha muita experiência, alguém que é treinado para ter os servicinhos básicos. E os [relógios] mais complexos, eles são separados e eles enviam para mim. É dessa maneira que eu agora trabalho. Porque manter um relojoeiro, um técnico especializado, numa relojoaria, eles não conseguem pagar né, o custo é muito alto, não compensa, nem para o relojoeiro e nem para o lojista.” (Luciano).

Assim, a terceirização se coloca como uma forma de flexibilidade do relojoeiro mecânico conseguir realizar o seu ofício na contemporaneidade. Nestas relações trabalhistas

entre a sua empresa (PJ) e a empresa a qual presta serviço, por trás da ideia que ambos os lados teriam vantagens, se escondem impactos ao trabalhador PJ: as lojas diminuem seus custos ao terceirizar o serviço ao relojoeiro, que por sua vez, acaba tendo não apenas direitos trabalhistas impactados, mas também o seu rendimento, como é o caso de Luciano, pois possivelmente ele ganharia mais se fosse contratado como funcionário, se considerarmos a faixa salarial média que um relojoeiro mecânico assalariado ganha na cidade de São Paulo (de 3 a 4 salários mínimos). Além disso, nesta dinâmica flexível de trabalho, as lojas acabam por apenas manter, se mantém, o relojoeiro eletrônico, avaliado como “meio oficial”, uma mão de obra que realiza funções mais desvalorizadas e de baixo custo, tendo menor rendimento em média do que os serviços do relojoeiro mecânico. Isto se mostra no fato de que Luciano, mesmo que tenha o mesmo rendimento do que Douglas (relojoeiro eletrônico), é terceirizado enquanto este é contratado como CLT.

Deste modo, o ofício do relojoeiro se reconfigura diante das novas configurações de trabalho: os relojoeiros autônomos se empreendedorizam e se tornam pessoas jurídicas, necessitando incorporar os valores do capitalismo flexível para reproduzir a ocupação, subordinando-se a relações trabalhistas que atingem o seu trabalho (com menos direitos e menor rendimento). Tais dinâmicas criam obstáculos para o exercício da autonomia, desafiando a realização do bom trabalho que qualifica o trabalho artesanal (SENNETT, 2020), ainda que este não deixe de ser buscado pelos relojoeiros. Esta conjuntura se soma a outras que desafiam a ocupação, como a diminuição da relação entre mestre e aprendiz, a perda de espaço do relojoeiro a outras ocupações (que se profissionalizaram ou procuram a profissionalização) e a diminuição de interessados em exercer esse ofício, com escassez de cursos de relojoeiros.

3.5 A indústria relojoeira suíça e suas relações com a ocupação de relojoeiro no Brasil

Um ponto importante que emergiu durante as entrevistas com os sujeitos relojoeiros foi acerca da influência da indústria relojoeira da Suíça no mercado relojoeiro mundial, incluindo o Brasil. De fato, conforme analisado por Hervé Munz (2019) quando se fala na atividade de relojoeiro se associa ela com a Suíça: nesta são empregados 6000 relojoeiros em mais de quinhentas empresas no setor, e o valor das exportações tem sido em torno de 19,4 bilhões de francos suíços por ano, o que a faz a maior exportadora de relógios (em termos de valores) do mundo¹⁰⁴, sendo o relógio o terceiro produto mais exportado do país (perdendo apenas para os

¹⁰⁴ Seguida da Suíça, os outros dois maiores exportadores são Hong Kong (US\$8,4 bilhões) e China, com US\$ 5 bilhões em 2017 (ZAMPIERE, 2018). Interessante notar que estes dois países exportam maiores quantidades de

produtos farmacêuticos e de ferramentas mecânicas) (MUNZ,2019). Além disso, de acordo com Fabio Zampiere (2018), a Suíça possui os três maiores grupos relojoeiros do mundo (Swatch, Rolex e Richemont) e concentra quase todos os relógios de luxo (acima de US\$ 1000) produzidos e exportados mundialmente (95%).¹⁰⁵

Estes números indicam o crescimento da indústria relojoeira suíça nos anos 2000, reposicionando-a dentro do mercado de artigos de luxo (idem) depois de ter sofrido forte queda em função da difusão dos relógios quartz asiáticos e norte-americanos: conforme analisa Zampiere, as exportações suíças saltaram de US\$9,2 bilhões em 2000 para US\$20,2 bilhões em 2017, não tendo sofrido demasiadamente com a crise financeira mundial de 2008.¹⁰⁶ Além disso, o avanço da indústria de relógios da Suíça faz com que atualmente ela se constitua como um sistema global, conduzido por grupos heterogêneos e representadas por pessoas de múltiplas identidades nacionais (como chineses, hong - kongueses, etc) (MUNZ, 2019). De fato, os grupos suíços de relógios estão espalhados pelo mundo, apresentando cada um diversas marcas, faturando anualmente bilhões de reais, como a Swatch, que possui 18 marcas de relógios (como Omega) e faturou US\$7,6 bilhões em 2014 (ZAMPIERE, 2018).

Na medida em que essa indústria se estabelece como um agrupamento global, Munz sustenta que ela não apenas propaga seus relógios de luxo no mundo, mas também reproduz sua técnica cultural nos países, como ocorrido em Hong Kong: de acordo com o autor, neste país houve desde os anos 2000 um salto da compra de relógios suíços de luxo, resultando na expansão proporcional do número de serviços requisitados para a reparação desses relógios nas assistências técnicas de marcas suíças presentes neste país. Porém, estas marcas sofrem obstáculos quanto à elevada taxa que é cobrada pelos seus produtos que são exportados de Hong Kong e diante disso, vem reorganizando seus serviços, aumentando seus funcionários e organizando cursos de relojoeiro. Nestes se apresenta uma gestão de conhecimento que objetiva prover técnicas de acordo com o padrão suíço, de forma a treinar a força de trabalho local para performá-la (MUNZ, 2019). Tal aspecto é constatado por Hervé Munz, quando ele participa dos treinamentos de relojoeiro, ouvindo dos aprendizes daqueles que a maneira como eles aprenderam o serviço de relógios, transformaram as conexões e a materialidade do seu trabalho

relógios do que a Suíça, o que indica que os relógios exportados por Hong Kong e China possuem valores menores do que a Suíça, reforçando seu domínio no mercado de relógios de luxo: de acordo com Zampiere, enquanto o valor médio dos relógios exportados pela Suíça é US\$831, de Hong Kong é US\$37 e China, US\$7.

¹⁰⁵ Apesar disso, Zampiere (2018) ressalta que a produção mundial de relógios suíços falsificados é ainda maior, atingindo a marca de 35 milhões.

¹⁰⁶ Contudo, conforme afirma Hervé Munz (2019), muitos observadores consideram que a indústria de relógio da Suíça só não colapsou na crise de 2008 devido à grande importação de seus relógios pela Grande China, como Hong Kong.

e sua identidade profissional. Ao saírem formados do curso, eles carregam o padrão suíço em suas identidades, sendo contratados por empresas que usam dessa cultura suíça de reparação de relógios, que considera o conserto como definidor do valor luxo e do preço do relógio, sendo que a dimensão do primeiro, de acordo com gerentes das marcas suíças, reside no fato de eles serem “para sempre reparáveis” (idem).

Deste modo, visto o padrão suíço ser algo globalizado, podemos pensar sua influência na dinâmica da ocupação de relojoeiro no Brasil, a partir dos relatos dos consertadores de relógios de São Paulo e da realidade da indústria relojoeira nacional. No que se refere aos primeiros, João aponta a boa realidade que o setor de relojoeiro tem na Suíça comparada ao Brasil, com faculdade de relojoaria, treinamento nas fábricas e bons salários, valorizando o relojoeiro:

Lá um relojoeiro, para começo de conversa, ele ganha quatro mil francos por mês. Com quatro mil francos por mês, ele paga mil francos de aluguel, e o resto ele sobrevive, ele ganha dinheiro lá. Mesmo ele sendo um aprendiz, mesmo ele começando na profissão, ele já ganha dinheiro. Por quê? Porque eles valorizam o relojoeiro. (João).

Entretanto, essa dinâmica de valorização laboral não é trazida pelas empresas suíças ao Brasil, havendo o pagamento de baixos salários aos relojoeiros das assistências técnicas autorizadas das marcas suíças, conforme dito por João, o que demonstra que o padrão suíço para além das técnicas culturais (de se compreender o conserto de relógios em torno de certos valores e habilidades) é marcado pela desvalorização da mão de obra: “As empresas de lá vem para cá e quer ganhar dinheiro, sabe? Não liga para o funcionário, o funcionário que se dane. Ele dá uma cesta básica para o funcionário, ele dá um vale transporte, um vale refeição, e um salário de pobreza. Entendeu?” (João).

Outro aspecto em que o padrão suíço interfere nos procedimentos dos serviços do relojoeiro é pela concentração das peças de relógios de grife suíços nas assistências técnicas oficiais, situação relatada por Bernardo, que afirma que no momento que as fábricas da Suíça pararam de vender suas peças para as fornecedoras, isso gerou dificuldade para o relojoeiro autônomo como ele, já que não se consegue obter as peças dos relógios, sendo seus clientes forçados a levar os relógios para serem consertados nas assistências oficiais, o que leva ao monopólio do serviço: “Então os relógios de grife a gente não consegue mais peça, se o cliente não quer levar o relógio na assistência técnica oficial, é muito difícil da gente conseguir uma peça caso eles precisem substituir alguma, né. Vira um monopólio no caso. Isso é uma coisa que dificulta bastante a profissão hoje, né?” (Bernardo).

Estes obstáculos a reposição de peças de relógios e por consequência, a manutenção dos mesmos pelos relojoeiros autônomos, também são sentidos no setor eletrônico da relojoaria: conforme apontado por Manoel, só se encontra peças nas fornitureiras para relógios de máquinas caras, já as demais máquinas de relógios suíços como Swatch e Tissot, são caracterizadas por serem de monobloco (sem parafuso) inviabilizando que o conserto seja feito, apenas o descarte da máquina com defeito por uma nova:

A reposição [de peças] normalmente é tudo de máquinas caras, máquinas mais baratas tem sempre uma máquina inteira para repor, existem empresas que já adotou realmente o descarte da máquina por completo, então se você pegar um relógio da marca Swatch, Tissot, tem algumas marcas que a máquina deles é monobloco, ela não tem como você fazer manutenção, ela não tem parafuso, ela é revitada, então já é feito para ser substituído integral”. (Manoel).

Além do mais, o serviço de manutenção que é feito na assistência técnica oficial reproduz o padrão suíço por suas técnicas culturais: isto porque, de acordo com Bernardo, o serviço naquele local é feito de acordo com as condições adotadas pela fábrica na Suíça, que é de realizar o serviço inteiro no relógio, independente se o cliente necessita apenas de um serviço simples como a troca do vidro do relógio, resultando em altos valores de manutenção:

Não é culpa da assistência técnica, é a fábrica da Suíça que fez [este tipo de serviço] para representar a marca no Brasil, né. Eu tive clientes que reclamaram muito comigo: “Meu, eu só queria trocar o vidro do relógio”. Não, ficava quatro, cinco mil reais, porque tinha que trocar o vidro, pulseira, tinha que fazer o acabamento da caixa, tinha que fazer isso, aquilo, trocar o ponteiro. Mas é um relógio da Suíça, você entendeu? Eles falam “O relógio entrou, tem que fazer, tem que sair da assistência como um novo”. Não pode fazer o que o cliente quer mais. (Bernardo).

Podemos entender assim, que o princípio dos relógios suíços em serem “para sempre reparáveis” (no sentido analisado por Munz) organiza um serviço padronizado, monopolizado e caro de conserto e restauração dos relógios que desafia os relojoeiros deslocados do padrão suíço.¹⁰⁷ Além do mais, essas ações do sistema global suíço que acarretam na restrição da

¹⁰⁷ Estas dinâmicas do capitalismo globalizado que dificultam a manutenção dos relógios, também se fazem presente em outros setores de produtos, especialmente os eletrônicos. Conforme os autores Ícaro Valverde Mascarenhas e Carlos Alberto Maciel Públio (2020) abordam, corporações como a Apple tem tornado cada vez mais oneroso e difícil o reparo de seus equipamentos (como tablets e celulares), seja pelo alto custo de manutenção cobrado pelas assistências técnicas autorizadas, ou por restringir o acesso às peças necessárias para reposição, ou ainda pela chamada obsolescência programada destes equipamentos (com emprego de técnicas e materiais que fazem o produto deixar de funcionar com pouco tempo de uso, ficando obsoleto em relação aos atuais produtos do mercado) o que tem forçado o consumidor a descartar estes equipamentos e comprar os novos produtos em uma velocidade constante. Diante disso, consumidores e trabalhadores de assistências técnicas não oficiais, tem demandado o “direito ao reparo”, de modo a recobrar o poder de consertar os aparelhos que se danificam, tendo informações acerca do funcionamento e manutenção de seus produtos, bem como acesso as peças de reposição dos produtos (MASCARENHAS; PÚBLIO, 2020). Mais informações acerca da reivindicação do “direito ao reparo” podem ser obtidas nesta reportagem <https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/o-humanissimo-direito-ao-reparo/>. Acesso em 10/07/21.

manutenção dos relógios, podem ser explicadas pelo fato de nos últimos dez anos, as habilidades e técnicas de consertos de relógio terem sido marginalizadas pela indústria *mainstream* suíça, que foca na produção e venda dos relógios ao invés de seu conserto (idem). A relojoaria suíça somente empreende esforços na manutenção que segue o padrão suíço, e para tanto, ela tem investido em cursos de relojoeiro que seguem suas técnicas culturais, o que tem revalorizado a circulação transnacional destas (MUNZ, 2019). Entretanto, isto não se verifica em países como Hong Kong (conforme tratado pelo autor¹⁰⁸) e Brasil, segundo o relato dos relojoeiros de que há escassez desses cursos, resultando na baixa (e dificultosa) formação desses trabalhadores, se encontrando em número pequeno nas assistências técnicas, sem que isto implique numa valorização da mão de obra.

Tais dinâmicas geradas pela indústria relojoeira suíça no Brasil também podem ser percebidas no setor de fabricação de relógios, mais especificamente no polo industrial da Zona Franca de Manaus. Para além dos relógios suíços serem os mais importados pelo Brasil, correspondendo a 62% de todo o valor importado (ZAMPIERE, 2018), a indústria brasileira utiliza insumos (como maquinário e pulseiras) de relógios importados (80%) por não possuir matérias-primas necessárias para a fabricação, utilizando-os para a montagem dos relógios, o que reflete a dependência de bens de capital do Brasil a países com liderança global no mercado relojoeiro, como Suíça. Desta forma, este fato parece implicar uma divisão internacional do trabalho do relojoeiro, que se dá dentro de uma relação centro e periferia, na qual a primeira é constituída por países com forte indústria e empresas de relógio que se transnacionalizaram no sistema global, adotando estratégias (como a monopolização de serviços e concentração de insumos) para acumular grandes valores de capitais como a Suíça, e a segunda é constituída por países como Brasil, que não teve em sua história uma grande indústria de relógios, seja de grande ou pequeno porte (levando-se em conta a análise de Loner e Gill (2014) acerca do ofício), aumentando seu desenvolvimento industrial a partir da Zona Franca de Manaus, mas que não se constitui como um agrupamento global, sendo empresas de pequeno porte e com baixo valor agregado (com relógios de menor valor médio), e dependentes de bens de capital, ainda que isto também faça parte da estratégia do polo relojoeiro de usufruir dos benefícios fiscais da Zona Franca de Manaus, comprando os insumos de fora do país e apenas realizando a montagem dos relógios no Brasil (ZAMPIERE, 2018).

¹⁰⁸ Hervé Munz (2019) observa que nos últimos trinta anos em Hong Kong, devido à expansão da indústria de relógios quartz que barateia os relógios, o trabalho do relojoeiro não tem sido visto como um trabalho respeitável ou que requer habilidades específicas. Pelo contrário, tem sido associado à imagem de um artesão que faria a sua prática na rua e por pouco dinheiro, não sendo atrativo para os mais jovens. Esta visão contribuiu para que diminuíssem em dois terços os alunos das escolas de relojoeiros do país.

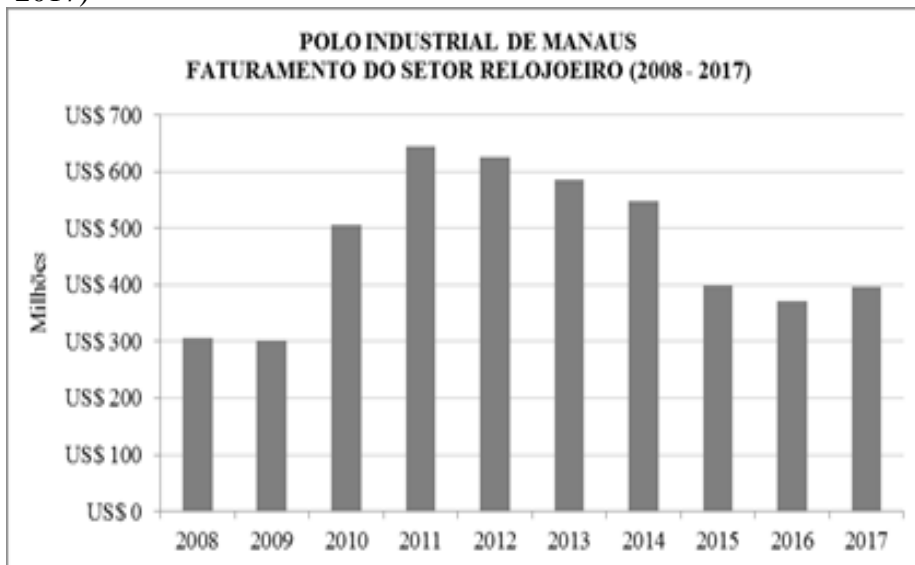
Ademais, comparando-se a situação da indústria relojoeira suíça e do polo industrial de Manaus nas últimas décadas, enquanto a primeira apresentou crescimento a partir dos anos 2000, o mesmo não se deu com o segundo, que sofreu forte retração nos últimos vinte anos: de vinte e sete empresas que o setor tinha em Manaus, este número foi diminuído para dez. Além disso, houve retração da mão de obra superior em 30%, alcançando atualmente cerca de 2000 pessoas empregadas.¹⁰⁹ Apesar disso, Fabio Zampiere (2018) indica que no início da última década o polo relojoeiro apresentou crescimento em seu faturamento e da mão de obra empregada (atingindo respectivamente US\$644 milhões e 2500 pessoas), diminuindo ambos entre 2014 e 2016, e se recuperando em 2017, havendo o faturamento de cerca de US\$400 milhões de dólares (Gráfico 1) e preço médio dos relógios em cerca de US\$50 (Gráfico 2).¹¹⁰

Diante disso, Zampiere (idem) analisa se a redução sofrida pelo mercado relojoeiro nacional se deu devido a introdução e aumento dos relógios inteligentes (smartwatch) no Brasil. De acordo com o autor, aqueles são dispositivos que aparentam ser um relógio de pulso tradicional, mas que funcionam por meio de um sistema operacional, com aplicativos integrados aos celulares. As maiores fabricantes mundiais desses relógios atualmente são empresas que atuam no mercado de celulares, como a norte americana Apple, que detém 40% deste mercado, produzindo este setor 46,2 milhões de unidades em 2018 (IDC, 2018), superando as exportações dos relógios tradicionais pela indústria Suíça no último trimestre de 2017 (ver Gráfico 3).

¹⁰⁹ Emtempo: “Polo Relojoeiro luta pela sobrevivência no Polo Industrial de Manaus”. Disponível em: <https://d.emtempo.com.br/amazonas/165393/polo-relojoeiro-luta-pela-sobrevivencia-no-polo-industrial-do-amazonas>. Acesso em 16/10/20.

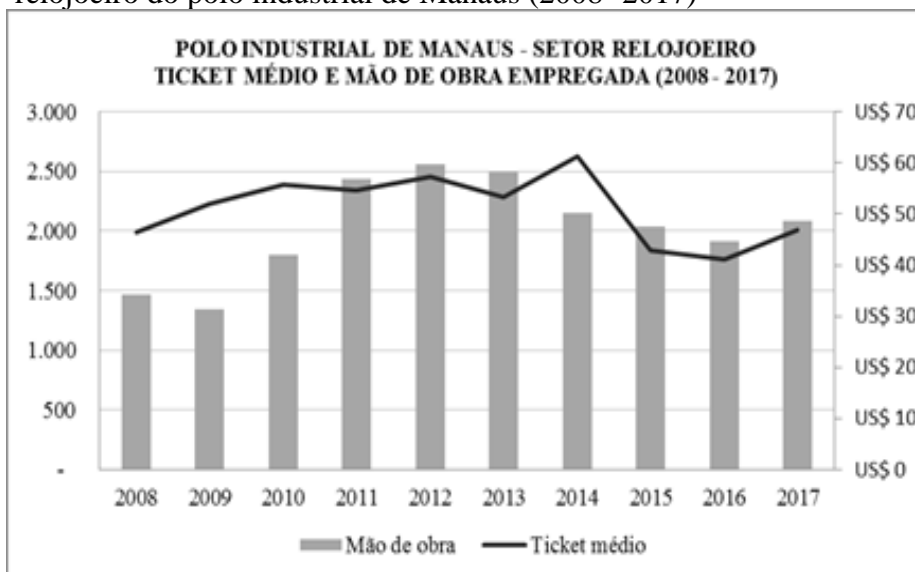
¹¹⁰ O dado de Zampiere (2018) a respeito da mão de obra empregada no setor relojoeiro diz respeito a todos os empregos gerados no polo industrial da Zona Franca de Manaus, não estando restrito aos fabricantes de relógios. Desta forma, esta informação é coerente com o dado da RAIS obtido no Sistema Dardo a respeito do número de relojoeiros fabricantes de relógios na região Norte (cujas maior parte está presente na Zona Franca de Manaus) divulgado anteriormente nesta pesquisa. Além disso, a mão de obra empregada no setor e o número de fabricantes de relógios seguem uma direção mais ou menos semelhante, se levarmos em conta o período entre 2008 e 2017: entre 2008 e 2013 há uma variação positiva nos dois casos. Já a partir de 2014 começa haver um descompasso destas variáveis: a mão de obra empregada diminuí entre 2014 e 2016, enquanto o número de fabricantes de relógios sobe constantemente neste período. E a partir de 2017, começa a haver uma queda de fabricantes na região Norte, enquanto a mão de obra empregada no polo industrial retoma o seu crescimento (ZAMPIERE, 2018; RAIS, SISTEMA DARDO).

Gráfico 1 - Faturamento do setor relojoeiro no polo industrial de Manaus (2008-2017)



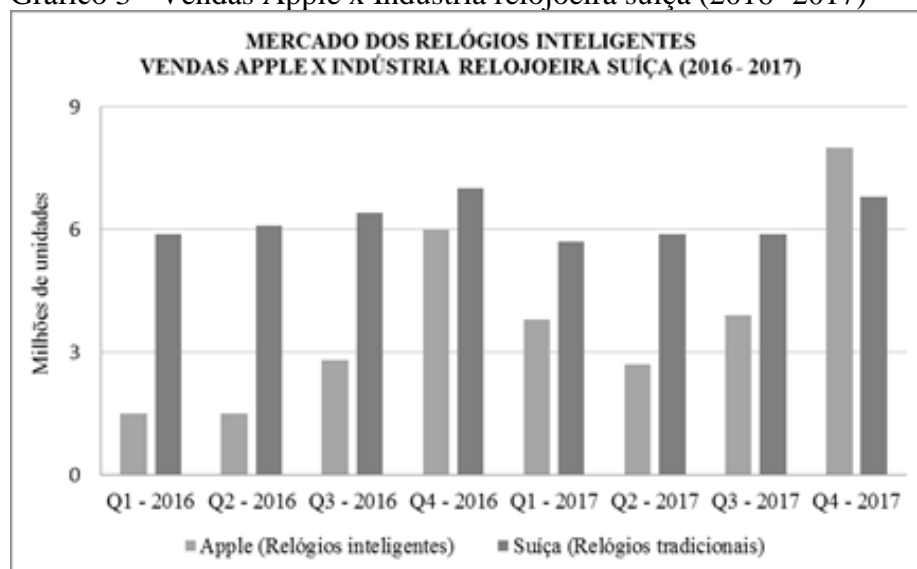
Fonte: Suframa, 2018 e Zampiere, 2018.

Gráfico 2 - Valor médio dos relógios (em dólares) e mão de obra empregada no setor relojoeiro do polo industrial de Manaus (2008- 2017)



Fonte: Suframa, 2018 e Zampiere, 2018.

Gráfico 3 - Vendas Apple x Indústria relojoeira suíça (2016- 2017)



Fonte: IDC, 2018 e ZAMPIERE, 2018.

A análise do gráfico 3, permite apontar que a redução de consumo dos relógios tradicionais não foi acompanhada pelo crescimento dos relógios inteligentes, pois estes também reduziram suas vendas no mesmo período (primeiro trimestre 2017) que os primeiros. E apesar da venda dos relógios inteligentes ter crescido a partir do terceiro trimestre de 2017, isso também ocorreu com os relógios tradicionais suíços e os relógios brasileiros (de acordo com o gráfico 1). Isto permite Zampiere (2018) apontar que os relógios inteligentes não substituem os tradicionais, constatação que é reforçada na medida em que o autor realiza entrevistas com potenciais usuários e observa que os consumidores de relógios inteligentes possuem maior tendência em terem também relógios tradicionais, não substituindo-os pelos primeiros. Assim, o autor hipotetiza que a retração do polo relojoeiro brasileiro pode ser analisada pela crise econômica vivenciada pelo país nos anos 2015 e 2016, não chegando à conclusão, entretanto, do quanto aquela possa ter influenciado a queda do polo relojoeiro.

Já no que se refere ao setor de reparação, os relojoeiros de São Paulo de uma maneira geral também não enxergam os relógios inteligentes como algo que vai impactar o mercado relojoeiro e os serviços de conserto e restauração de relógios mecânicos ou eletrônicos, havendo mercado consumidor destes que requisitam os serviços de relojoeiro (como sustenta Ana, que aponta que as pessoas estão atualmente retornando o uso de relógios eletrônicos depois de terem parado de usá-lo diante da propagação dos celulares) e a continuidade de espaço aos relógios automáticos e elétricos, sendo que ambos são usados pelos clientes ainda que eles também consumam os smartwatches, conforme considerado por Thiago e João: “Muita gente fala que “Aí, esse smartwatch que tem hoje em dia, vão dominar o mercado, né”. Eu já não acredito. Eu

acho que o relógio automático, o relógio mecânico, manual, o relógio a quartz, vai ter sempre o seu espaço, né, independente do que aparecer no comércio.” (Thiago).

Até agora não tô vendo os smartwatches acabarem com os relógios, nada disso, porque o cara que realmente gosta do relógio, ele compra o relógio para usar o relógio, ele não compra o relógio para ficar dentro da gaveta. A maioria dos meus clientes é assim, eles têm tanto o relógio antigo, de colecionador, quanto o relógio moderno. Ele tem o relógio para ser usado, entendeu? Então, a gente não pode ter medo “Tal coisa vai acabar” (João).

3.6 O futuro do ofício do relojoeiro

Na última parte desta pesquisa apreenderemos quais são as perspectivas da ocupação de relojoeiro para o futuro, segundo os sujeitos de pesquisa. Em primeiro lugar, é necessário que se diga que a realização de uma análise sociológica a respeito do futuro é um desafio. Isto porque, como bem afirmou Octavio Ianni (2000, apud ARNAUT, 2018, p. 1): “Não é fácil soltar-se do presente, como experiência vivida, alegre e sofrida, para imaginar o futuro, uma sociedade diferente, outros territórios, a sociedade mundial, a humanidade”. Apesar disso, Danilo Arnaud (2018) argumenta que o ofício do sociólogo abre possibilidades para que este fale sobre o futuro, na medida em que ele não está aprisionado ao seu objeto, de forma a só se guiar pelo rigor de método (argumentando e raciocinando a respeito das estruturas que analisa). Mas ele deve também ser sensível com as diversas formas de sociabilidade, captando processos e estruturas que não seriam apreendidas pelo rigor da dedução. Diante disso, a Sociologia não se pode limitar às evidências, mas também deve perceber as tendências, realizando o trabalho de imaginação do futuro (ARNAUT, 2018).

Desta forma, neste item procederemos com o trabalho sociológico de entender o que se reserva para a ocupação de relojoeiro na cidade de São Paulo diante das reconfigurações que a ocupação sofreu na contemporaneidade. A maioria dos relojoeiros entrevistados (Arnaldo, Pedro, Álvaro, Milton, João, Fernando, Roberto, Marcos, Eduardo, Carlos, Bernardo e Ana) entende que o ofício não será extinto no futuro. Estes, de uma maneira geral, consideram que a ocupação seguirá a dinâmica por qual ela passa na contemporaneidade, de diminuição dos relojoeiros e serviços e o envelhecimento destes, além da redução do interesse das pessoas (sobretudo jovens) em aprender a ocupação, como destacou Roberto:

Vai demorar muito a renovação [dos relojoeiros] tá? O jovem, ele não quer aprender isso daí, porque não é interessante para ele, porque ele acha que não tem futuro para ele. Então o jovem garoto do passado que ia aprender por curiosidade, hoje em dia não tá tendo mais. (Roberto).

Diante destas circunstâncias, a ocupação de relojoeiro se tornará um nicho ainda menor, necessitando os relojoeiros se reinventarem, buscando conhecimento e especialização, como apontado por Bernardo, que afirma que vai se tornar escasso o especialista completo de relógios, só permanecendo os profissionais especialistas em certas áreas (eletrônico, relógios de pêndulo e relógios de pulso mecânico). De fato, este aspecto já vem acontecendo atualmente, já que dentre os entrevistados, os que iniciaram no ofício no atual século, se especializaram em um tipo de relógio, enquanto os que iniciaram no ofício antigamente, em sua maioria são especialistas em relógios no geral.

Além disso, no ponto de vista dos relojoeiros mecânicos, a mão de obra especializada será demandada por clientes cada vez mais exigentes, que também farão parte de um grupo específico (de colecionadores, por exemplo) e irão requerer aos relojoeiros um bom trabalho de manutenção e restauração dos relógios, conforme narraram Marcos e Eduardo. Em face disso, o ofício se refinará, tornando-se algo próximo ao restaurador de arte, no entender do primeiro, e uma “profissão de luxo”, no entender do segundo:

As pessoas para seguir esse ofício vão ter que ser extremamente competentes (...) porque os clientes vão ser cada vez mais exigentes, eles vão ter aquela relíquia na casa deles, eles vão tentar mantê-la. (...) E vai ser assim, um ofício como o restaurador de obra de arte, sabe? Alguma coisa nesse sentido. Vai ser uma mão de obra extremamente especializada e focada, não na mecânica no relógio, mas na restauração do objeto. Vai passar a ser um historiador praticamente. (Marcos).

Eu imagino que a relojoaria ela tá seguindo para um rumo que ela vai se tornar uma profissão de “luxo”, no sentido assim, as pessoas que estão procurando relógio antigo hoje, não é simplesmente por ter um relógio, elas querem um relógio bonito, um relógio que foi bem consertado, foi bem mantido, vão procurar uma mão de obra que seja especializada para fazer o serviço deles. E eu acho que isso vai refinar a relojoaria (...). E não acredito que a profissão vai se extinguir não, acredito que vai se tornar uma profissão no ponto de vista dos colecionadores, uma profissão que seja requisitada, que seja mesmo por cima, refinada, especializada. Eu acredito que a gente tá caminhando para um futuro legal, um futuro que traga boas expectativas para a profissão, sim. (Eduardo).

Tendo em vista esta perspectiva, podemos dizer que se expandirá a prática ocorrida no mundo social da relojoaria contemporânea, marcada pela relação de dois agentes que ocupam posições de distinção neste espaço social: o relojoeiro, detentor de capital simbólico (saber-fazer); e os clientes, possuidores de capital econômico e simbólico, legitimando os relógios como objetos distintivos (relíquias familiares, itens de luxo e coleção) e o trabalho de conservação e restauração dos relojoeiros (BOURDIEU, 1996). Tal configuração de relações também se fazem presentes em outros ofícios artesanais, como dos alfaiates, que na cidade de Pelotas -RS, se valem de elementos da roupa de confecção artesanal do universo da moda

masculina (atribuídos socialmente à “elegância” e “bom caimento” na forma de vestir) como forma de consolidar o seu lugar enquanto detentores do saber-fazer artesanal neste espaço social (VASCONCELLOS, 2015).

Desta forma, no mundo social da relojoaria, só ocuparão posições distintivas os relojoeiros mecânicos refinados, altamente especializados e que amam a profissão (como disse Eduardo) que serão ainda mais escassos do que atualmente, embora com melhor remuneração, no entender de João. Já os sujeitos relojoeiros que não se enquadram nestas características (os “aventureiros no ofício”, os “trocadores de bateria”) continuarão à margem nesse campo (desqualificando o ofício) ou não permanecerão na ocupação.

Além disso, outro fator citado como algo que permitirá a continuidade da ocupação no Brasil, de acordo com Milton e João, são os países com destaque na relojoaria, sobretudo a indústria relojoeira suíça, a qual na visão deles se manterá forte, demandando os serviços de reparação aos relojoeiros, segundo João:

Você tem que relacionar a profissão nas fábricas. Se a Suíça está investindo numa fábrica maior para produzir mais (...), esses relógios vão tá no mercado, se não tiver ninguém para arrumar, como é que vai fazer? Então você tem que relacionar as fábricas da Suíça com o relojoeiro, entendeu? (João).

Apesar disso, é necessário indagar se diante da possibilidade de redução de relojoeiros no futuro, a indústria relojoeira suíça irá investir em cursos de relojoeiro no Brasil de forma a renovar a mão de obra, ainda que isto não signifique que o relojoeiro que sairá formado destes cursos será bem remunerado, já que atualmente o sistema global suíço se beneficia economicamente com serviços caros e monopolizados de conserto de relógios realizados por uma mão de obra especializada, mas mal remunerada (MUNZ, 2019). Entretanto, esta perspectiva de curso de relojoeiro é negada pela maior parte dos sujeitos, como Roberto. A exceção é Fernando, que acredita na abertura destes cursos, planejando expandir a escola de relojoaria do Sijoiás para outros Estados, assim como ocorria quando o SENAI oferecia o curso.

Além disso, diante da influência da indústria relojoeira suíça no mundo, a tendência é que o setor de fabricação de relógios no Brasil não se amplie, continuando a estar concentrado na Zona Franca de Manaus, além de ter pequena participação no mercado relojoeiro mundial, sendo dependente dos bens de capital dos países desenvolvidos na relojoaria.

Um último aspecto relatado pelos relojoeiros como um indicativo de que a ocupação não se extinguirá, é o fato do ofício ter sobrevivido em meio a digitalização do tempo, já que se esta causou o declínio da ocupação no primeiro momento (com redução dos serviços dos relógios mecânicos) foi nela que a relojoaria se desenvolveu tecnologicamente e

simbolicamente, permitindo que os relógios mecânicos (sobretudo) e eletrônicos (não incluindo os descartáveis) tivessem espaço em meio aos smartphones e smartwatches. Esta trajetória da relojoaria faz Milton considerar que ela não acabará, apesar dos altos e baixos, sendo que esta situação permeia todas as profissões:

O futuro do relojoeiro... na década de 80, quando surgiu o relógio quartz, eu e vários relojoeiros, vários, ficamos conversando como que ia ser o futuro do relojoeiro com a vinda dos relógios eletrônicos, que ia acabar os relógios mecânicos, que a gente iria perder o emprego. Mas, de lá para cá, muito pelo contrário: a relojoaria evoluiu muito, eu acredito que há espaço para todo tipo de relógio, relógio mecânico, relógio de bateria, smartwatch (...). Eu acredito que isso não vai acabar, vai ter serviços, a relojoaria vai continuar sendo forte apesar dos altos e baixos que tem em toda a profissão. (Milton).

Além disso, a digitalização, no entender de Álvaro, não acabou com a dependência da sociedade em relação a hora, e enquanto isto prevalecer, os relógios continuarão a ser referências de tempo para as pessoas, inclusive os relógios de torre como da Estação Júlio Prestes. Sua fala é corroborada por Pedro, que não acredita que relógios patrimoniais como a Estação da Luz, deixarão de ser valorizados. Deste modo, suas falas reforçam que na sociedade global digital há o aumento da dependência das pessoas ao tempo, devido a aceleração deste (SANTOS, 2001; DUBAR, 2011).

Em contraposição a esses relojoeiros, há aqueles que defendem que a ocupação se extinguirá. Entre eles está Luciano, o qual entende que o desenvolvimento tecnológico em mecanismos eletrônicos (como smartwatches e relógios sincronizados por satélite) já praticamente elimina a tradição da relojoaria mecânica e irá acabar com esta aos poucos, assim como vem ocorrendo com outros setores mecânicos, como o automobilismo:

A tecnologia pouco a pouco já tá acabando com a relojoaria, né. A tecnologia vai engolir todas as áreas, inclusive na área de mecânica de automóveis, por exemplo, a tendência é desaparecer, porque já começou a se trabalhar com carros elétricos, né. Então aquele negócio de motor, de explosão lá, vai desaparecer, a relojoaria é a mesma coisa, a tendência é a tecnologia engolir tudo isso daí, né. Hoje nós já temos os smartwatch que (...) praticamente elimina a tradição de relógios mecânicos, aquela coisa de automáticos, de corda. Isso é uma tendência mundial, não tem jeito. (...) Então a relojoaria tem um tempo útil muito pequeno. Hoje nós já temos aí relógios que são sincronizados por satélite, né, chamados sistema de web tech toner. Quer dizer, você tá com o relógio aqui no Brasil e vai para os Estados Unidos, o próprio satélite lá ele acerta o relógio no horário local no seu próprio pulso. Você vai para o Japão, ele já faz o fuso horário. Quer dizer, isso aí é uma tecnologia, antes você precisava ali, ficar puxando o botãozinho de acerto, só ia adiantando ou atrasando algumas horas conforme o fuso horário local, né. Hoje não, hoje a tecnologia já comeu isso daí então é uma tendência de acabar com a relojoaria mecânica, isso não tem jeito, né (Luciano).

Desta forma, o relato de Luciano indica que o ofício do relojoeiro não conseguirá acompanhar o avançar da digitalização do tempo, perdendo os relógios completamente espaço como formas de medição do tempo na sociedade (ainda que possamos ponderar que atualmente a relojoaria mecânica consiga ter seu espaço junto a mecanismos tecnológicos como os smartwatches (ZAMPIERE, 2018)). Os efeitos negativos da continuidade da digitalização ao relojoeiro, também emergem no discurso de Wanderley, mas o aspecto desta que é considerado, diz respeito ao consumo descartável do tempo, na medida que Wanderley entende que os relógios descartáveis, como os chineses, entrarão ainda mais no mercado, extinguindo com o tempo os relojoeiros qualificados, só permanecendo os “meio oficiais” (“os trocadores de bateria”) na ocupação. Sobre isso, o sujeito considera que as grandes marcas de relógios (como Omega e Rolex) conseguirão segurar os serviços de conserto e fabricação durante um tempo, mas sucumbirão diante dos relógios descartáveis. O declínio e extinção da relojoaria mecânica, segundo Wanderley, também será consequência da ausência de cursos de relojoeiro no Brasil e pelos baixos salários nas relojoarias e indústrias, os quais motivarão que os relojoeiros procurem outro ramo.

Se a dinâmica de descartabilidade de relógios é apontada como um fator para a extinção dos relojoeiros mecânicos, só permanecendo os relojoeiros eletrônicos, isto não é compartilhado por estes: Manoel e Danilo acreditam que a tendência é que o Brasil siga o mesmo caminho que já ocorre em outros países como Japão, que adotam o sistema de descarte e troca de relógios eletrônicos quando eles deixam de funcionar, não havendo assistências técnicas que realizem a manutenção, decorrendo na extinção da mão de obra. Diante disso, se expandirá os relógios monoblocos que impossibilitam o conserto:

Eu acho assim (...) toda mão de obra, a tendência vai ser acabar né, porque você vai tendo uma opção de descarte de tudo, como outros países né. Então o que eu vejo: se você pergunta sobre assistência técnica para um japonês, ele dá risada, porque lá não existe (...). Então lá fora não existe quase manutenção, existe a troca do equipamento ou o descarte para pegar um novo, né.. (...). Então eu acho que nós já estamos caminhando para isso (Manoel).

A perspectiva relatada por Manoel faz sentido se pensarmos que no atual mundo globalizado, as grandes corporações (seja a indústria relojoeira suíça ou empresas do setor eletrônico de produtos, sobretudo) vem dificultando que o conserto de suas mercadorias sejam realizadas, impondo ao consumidor o descarte dos mesmos e a compra de novos produtos (MASCARENHAS; PÚBLIO, 2020). Em face disso, os valores simbólicos dos relógios eletrônicos (como estilo e apego pessoal) perderão definitivamente lugar entre os mecanismos descartáveis e tecnológicos como os smartphones, no sentido narrado por Danilo. Por outro

lado, Manoel considera possível que os relógios mecânicos persistam por mais tempo do que os eletrônicos, visto que eles são mais raros (aumentando a necessidade de manutenção) e pelo fato de que as fornecedoras dispõem de mais peças para relógios mecânicos, ainda que sejam poucas. Apesar disso, a tendência segundo ele é que ocorra a extinção de peças dos relógios, atrapalhando a continuidade de sua manutenção:

O relógio mecânico eu vejo o seguinte: ele é mais necessária a manutenção porque de uma certa forma ele é hoje mais raro. E quando você vai às fornecedoras, eles têm muitas vezes peças de [relógios que sofreram] desmanche, de outras máquinas que os caras têm a longo prazo né. O relógio mecânico talvez haja necessidade de manutenção por algum tempo. Mas depois vai chegar a este ponto da extinção das peças, né (Manoel).

Ademais, podemos refletir que diante da possibilidade da extinção de peças de relógios, uma das qualificações que o consertador de relógio precisará desenvolver para seguir na ocupação, é de realizar a recuperação das peças dos relógios, área de atuação de Bernardo, o qual cogita no futuro realizar um curso de relojoeiro que enfoque nessa área, tendo em vista que ele conhece apenas um sujeito além dele, que atua no setor na cidade de São Paulo.

No trabalho sociológico de analisar o futuro, este jamais poderá ser apreendido por completo (ARNAUT, 2018). De fato, as perspectivas para a ocupação do relojoeiro foram discutidas a partir dos sujeitos da pesquisa, que imaginaram os futuros (de continuidade ou extinção do ofício) tendo em vista sua trajetória ocupacional, de como entendem as reconfigurações de seu ofício (a digitalização do tempo, a rede de clientes e o mercado relojoeiro brasileiro e mundial). Nesses discursos, notamos que os relojoeiros mecânicos que acreditam na continuidade da ocupação, de uma maneira geral persistem na exclusão dos relojoeiros eletrônicos da dinâmica ocupacional futura. Além disso, pelo fato do modelo organizacional dos relojoeiros não adotar o profissionalismo como discurso e estratégia, mas sim de adaptar o modelo de ofício às transformações do mundo contemporâneo, não emergiu em seus relatos sobre o futuro uma perspectiva de profissionalização da ocupação.

Além disso, se apresentaram em seus relatos tendências da configuração de trabalho dos relojoeiros, seja pelo refinamento do trabalho (com maior especialização) ou pela desqualificação do trabalho (com extinção da mão de obra especializada). Estas duas diferentes perspectivas laborais devem ser pensadas em relação às novas configurações de trabalho da contemporaneidade, marcadas pela empreendedorização, flexibilidade, pejetização e autonomização do trabalho (LIMA, 2010). Admitindo que estes elementos se ampliarão nas

relações de trabalho, ganhando novas de flexibilização e diminuindo¹¹¹ ainda mais as formas coletivas presentes nos ofícios e profissões dos tempos do fordismo, marcadas pela estruturação da carreira e direitos trabalhistas (com proteção ao trabalho) (DUBAR, 2006), podemos dizer que estas tendências constituirão grandes barreiras para a hipotética refinação do ofício do relojoeiro, com sua qualificação e realização do trabalho bem feito de conserto e restauração de relógios reivindicados pela sua rede de clientes.

Diante desta perspectiva de aumento das formas degradantes de trabalho, o que se pode haver, no sentido argumentado por Jacob Carlos Lima (2010), é a adequação das formas assalariadas ou qualificadas de trabalho aos “novos tempos”, havendo maior ou menor interiorização dos valores individualistas da cultura empresarial; e realização de formas de resistência diante da fragmentação do trabalho, defendendo-se a cultura de trabalho regulamentado e registrado que possibilitam o acesso aos direitos sociais (LIMA, 2010). Apesar disso, conforme abordamos anteriormente, os sujeitos da pesquisa em geral incorporam fortemente os valores do capitalismo flexível para realizar o seu trabalho e a organização coletiva de resistência dos relojoeiros caminha mais na direção de realizar o ensino e aprendizado da ocupação nos meios virtuais, bem como parcerias entre relojoeiros de diferentes áreas de atuação, como maneiras de se adaptar a contemporaneidade (da redução das relações entre mestre e aprendiz e da escassez de cursos de relojoeiro), do que de reivindicar melhores salários nas assistências técnicas ou a realização de cursos (ainda que os dois últimos aparecem no discurso dos sujeitos), não havendo também uma organização em sindicatos ou conselhos. Assim, a legitimação dos valores individualistas de trabalho por parte dos relojoeiros se combina de uma maneira geral com uma perspectiva positiva (de refinação) para a ocupação ao invés de uma visão de futuro negativa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise das trajetórias dos relojoeiros, da literatura referente ao ofício e das comparações entre o setor assalariado de fabricação e conserto de relógios por intermédio do Sistema Dardo da RAIS, pode-se dizer que a ocupação do relojoeiro sofreu transformações ao longo do capitalismo informacional, de digitalização e globalização do tempo: houve a diminuição dos artesãos especializados nos consertos de relógios mecânicos no geral e que

¹¹¹ Como bem destacou Jacob Lima (2010), mesmo que as mudanças no trabalho e na ética vinculada a ele, geradas pela flexibilização sejam irreversíveis, se torna difícil falar que as formas de trabalho assalariadas, com direitos trabalhistas e resistência coletiva, por exemplo, desaparecerão.

foram formados pelas relações de trabalho entre mestre e aprendiz (familiares ou não) ou pelos cursos de relojoeiro realizados pelo segundo e terceiro setor (por intermédio do investimento da indústria relojoeira suíça). Diante disso, os relojoeiros que se formaram na contemporaneidade se especializaram em algum tipo de relógio (de pulso ou de pêndulo) e obtiveram o aprendizado do ofício pela própria prática (usando-se de seus capitais econômicos e culturais, como fizeram Marcos e Arnaldo) ou pelo que restou da relação mestre e aprendiz (conforme se deu com Eduardo e Thiago).

Além disso, percebemos que a ocupação de uma maneira geral se autonomizou diante da redução da relação mestre e aprendiz e dos interessados em exercê-la, conseqüentemente envelhecendo o relojoeiro. Apesar disso, notamos que a autonomização ocorreu mais com os relojoeiros pendoleiros, tendo em vista o provável maior declínio da indústria relojoeira pendoleira em face da indústria de relógios de pulso, que se recupera da crise sofrida pela relojoaria mecânica e está mais presente no mercado relojoeiro mundial, levando a maior quantidade de relojoeiros de pulso na ocupação, inclusive como empregados em assistências técnicas, se comparados aos pendoleiros. Em vista disso, entre os relojoeiros mecânicos que iniciaram no ofício antigamente, os que mais realizam serviços nos relógios de pulso possuem maior rendimento médio que aqueles que mais realizam serviço nos relógios de pêndulo.

Ademais, se pensarmos nos vínculos de trabalho, os relojoeiros autônomos em média ganham menos do que os microempresários com funcionários e mais do que os assalariados, com exceção de Roberto. Também, percebemos que os relojoeiros microempresários com funcionários se inserem em relações de capital- trabalho que reconfiguram o ofício de oficina para um ofício de empresa. Quanto ao local no qual a ocupação é realizada na cidade, os relojoeiros que a exercem no centro ou em bairros médios e populares ganham menos do que os que o exercem em bairros nobres, pelo fato dos primeiros terem uma clientela mais diversificada em termos de classe do que os segundos, que concentram os clientes de alto poder aquisitivo e detentores de capital simbólico.

Diante das transformações na relojoaria mecânica, percebemos que o ofício do relojoeiro ao invés de ser extinto, diversificou sua identidade, com a chegada dos relojoeiros eletrônicos, que são avaliados negativamente pelos sujeitos mecânicos, sendo reduzidos a “trocadores de bateria” e não considerados como relojoeiros e artesãos. As entrevistas com os sujeitos eletrônicos demonstram que eles são produtos da Terceira Revolução Industrial, constituindo-se com uma mão de obra flexível que realiza um serviço menos valorizado e de menor rendimento médio do que os relojoeiros mecânicos, mas que apesar disso, devem ser

entendidos como artesãos modernos que detêm o saber fazer da relojoaria eletrônica e buscam realizar um bom trabalho.

Além do mais, entendemos que os relógios mecânicos se ressignificam em dois momentos em meio ao tempo digital: no primeiro eles sofrem crise pela emergência daquele e perdem valor, mas no segundo os relógios mecânicos se recuperam pelo investimento que foi feito pelo polo industrial relojoeiro nos valores simbólicos deles, que são legitimados pelos consumidores destes relógios, principalmente dos estratos mais abastados. A ressignificação também se encontra nos relógios eletrônicos não descartáveis que diminuíram seu consumo pela difusão de outros mecanismos tecnológicos como os smartphones e smartwatches, mas depois retornaram como objetos de estilo diante da modernização dos equipamentos. Este aspecto foi fundamental não só para que os relojoeiros enfrentassem a dinâmica de descartabilidade do tempo da terceira revolução industrial, mas também para que eles (re)constituíssem e conservassem uma rede de clientes, que criam uma história individual e familiar com os relógios, contribuindo para a reprodução da ocupação.

Também, podemos dizer que os relojoeiros adotam estratégias para exercer o ofício em meio ao mundo informacional: se este desafia os sujeitos artesãos de pesquisa com suas relações de trabalho flexíveis, empreendedoras e terceirizadas e com a tecnologia digital (das redes e dos smartphones), os relojoeiros usam deste mundo como forma de praticar o ofício, incorporando os valores flexíveis de trabalho e submetendo-se a suas relações trabalhistas, realizando parcerias com colegas de outra área de atuação e utilizando-se dos dispositivos móveis para se organizar individualmente e coletivamente, sobretudo nas redes sociais, de maneira a divulgar seu trabalho e se formar na ocupação, criando grupos de Whatsapp para trocar conhecimentos e realizar o ensino e aprendizado da ocupação, reproduzindo assim o ofício de maneira reconfigurada (virtualmente) e ocupando o espaço deixado pela perda de cursos de relojoeiro e da relação mestre-aprendiz. Deste modo, nestas estratégias os relojoeiros não se espelham no modelo profissional (de se organizar em sindicatos ou em conselhos) e no conhecimento legitimado dele, como ocorre com outras ocupações como do setor de higiene e beleza, mas adaptam o modelo de ofício às inovações recentes do mundo.

Ademais, constatamos que a indústria relojoeira suíça, ao se constituir como um agrupamento global e atuar para expansão de suas técnicas culturais, permite que a mão de obra nas assistências técnicas seja mais ou menos estável no Brasil nas duas últimas décadas (prestando elas serviços para as marcas de pulso suíças). Entretanto, aquela é mal remunerada e não há investimento da indústria suíça em cursos de relojoeiros no país como se dava anteriormente. Outrossim, o padrão suíço cria uma dependência do setor de fabricação

brasileiro a seus relógios e bens de capital, além de impor obstáculos ao serviço de conserto dos relojoeiros autônomos mecânicos e eletrônicos, por desenvolver uma dinâmica de serviço monopolizado e padronizado nas assistências, contribuindo para a escassez de peças de relógios nas fornitureiras.

Em vista da maneira como os sujeitos enxergam as reconfigurações que ocorreram no ofício, eles apontam tendências de continuidade ou extinção da ocupação. Os primeiros apontam que a continuidade da redução de relojoeiros, fará os remanescentes da ocupação se especializarem, de forma a atender uma clientela que se constituirá como um nicho de colecionadores detentores de capital econômico e simbólico, não havendo espaço para aventureiros no ofício, como os “trocadores de bateria”. Também, os sujeitos que possuem uma visão positiva do futuro, acreditam que a ocupação continuará sobrevivendo a digitalização do tempo, mantendo-se a indústria relojoeira de pulso forte e havendo espaço aos relógios junto a objetos digitais que realizam múltiplas funções, inclusive marcar a hora, como os smartphones, tendo em vista que a sociedade manterá sua dependência ao tempo, recorrendo a diferentes marcadores de tempo como os relógios. Por outro lado, os que acreditam que a ocupação irá se extinguir no futuro, entendem que o avançar da digitalização do tempo fará os relógios perderem seu espaço como objetos de estilo e marcador de horário, inclusive os relojoeiros eletrônicos (com exceção de Ana) que prevêem a generalização do sistema de descarte de relógios pelo mundo, extinguindo a manutenção dos mesmos.

Procurou-se nesta pesquisa, produzir-se avanços teóricos ao campo de estudo da sociologia das ocupações e profissões, entendendo o ofício do relojoeiro para além de suas transformações, analisando como a ocupação se reconfigura na contemporaneidade e quais estratégias os relojoeiros adotam para exercer o seu ofício. Apesar do que foi feito aqui, ainda há um percurso a percorrer na análise deste tema, como em relação ao setor de fabricação de relógios na cidade de São Paulo (apreendendo suas transformações de maneira mais detida), já que não se conseguiu entrevistar sujeitos deste setor. Além disso, no que se refere a análise sobre os relojoeiros eletrônicos, é preciso pensar a respeito dos sujeitos que realizam o serviço em situações de vulnerabilidade, como aqueles que atuam na rua. Ainda em relação a relojoaria eletrônica, é preciso constatar se este setor flexível de trabalho vem se feminizando, tendo em vista o percurso de reconhecimento obtido por Ana neste setor, bem como a baixa presença de mulheres no setor de reparação de relógios mecânicos. No que se refere ao tema de gênero e relojoaria, a entrevista com Ana e a análise do setor de fabricação de relógios, que se feminizou na Zona Franca de Manaus, nos permitiram pensar inicialmente sobre o papel desempenhado pelas mulheres na ocupação, desempenhando funções menos qualificadas e correspondendo a

maior parcela que ganha baixos salários. Mas para que se aprofunde este ponto, é preciso entrevistar relojoeiras do setor de reparação e fabricação e entender como o gênero é mobilizado por homens e mulheres na ocupação, seja como forma de reconhecimento às mulheres na ocupação ou como barreiras ao percurso laboral delas diante da identidade masculina do ofício.

Por fim, outro ponto que pode ser discutido na continuidade desta temática do relojoeiro, é a respeito das relações que a ocupação apresenta com os patrimônios culturais materiais. Nesta pesquisa, apontamos que o ofício está presente no conserto de relógios que se localizam em bens patrimonializados por instituições estatais como o CONDEPHAAT. Temos como hipótese que ao estar presente em locais simbólicos e históricos da cidade, o ofício e o tempo marcado pelos relógios consegue ser reproduzido, se articulando com a memória da cidade de São Paulo e dos paulistanos que usam esses relógios como referência de tempo. A respeito disso, chegou-se a fazer um levantamento de bens tombados na cidade de São Paulo e perguntas aos sujeitos da pesquisa como eles enxergam as relações de seu trabalho com os patrimônios culturais. Apesar disso, pelo tempo de pesquisa ter corrido rápido e a discussão desta pesquisa girar mais em torno da literatura de tempo, profissões e ofício, não houve viabilidade para a realização desta discussão, de forma a articular a literatura de patrimônios com o tema da memória e do tempo.

A pesquisa acompanhou o movimento dos ponteiros dos relógios que percorrem as trajetórias dos sujeitos da pesquisa. Enquanto aqueles continuarem a se mover no Brasil e no mundo, o relojoeiro ainda terá espaço para ser discutido pelas ciências humanas e sociais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. **O caracol e sua concha: Ensaio sobre a Nova Morfologia do Trabalho**. Editora Boitempo. 2005.

ARNAUT, Danilo. Sociologia do futuro: Consciência, Intelecto e Formação. **Reju - Revista Jurídica**, v.6, n.1. Santa Cruz do Rio Pardo (SP). 2018. p. 95- 110.

AUED, Bernadete Wrublevski. **Educação para o (des)emprego**. Vozes. 1999.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema de objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Vol. 1 São Paulo: Brasiliense. 1987.

BONELLI, Maria da Glória; CUNHA, Luciana G., OLIVEIRA, Fabiana de L. ; SILVEIRA, Maria Natália B. da. Profissionalização por gênero em escritórios paulistas de advocacia. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 20, n. 1. 2008.

BONELLI, Maria da Glória. Os despachantes documentalistas na era do profissionalismo organizacional. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, v.28, n.3. 2016.

BONELLI, Maria da Glória; NUNES, Jordão Horta Nunes; MICK, Jacques. Ocupações e Profissões na Sociedade Brasileira de Sociologia: balanço da produção (2003-2017). **Revista Brasileira de Sociologia**, vol.05. 2017.

BOURDIEU, Pierre. **Questions de sociologie**. Paris: Les Éditions de Minuit. 1984.

_____. **Distinction: A Social Critique of the Judgement of Taste**. Londres: Routledge and Kegan Paul. 1986.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papirus. 1996.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. Editora Perspectiva. 2007.

CAMPOS, Eudes (org). **Arquivo Histórico Municipal de São Paulo: história pública da cidade**. São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. p. 150. 2011.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2011.

CASAQUI, Vander. O relógio de bolso do meu avô. In: **Comunicação, mídia e consumo**, volume 8, número 23. São Paulo. p. 27- 31. 2011.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em Rede. A Era da informação: Economia, Sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Comunicación móvil y sociedad. Una perspectiva global**. Madri: Ariel/Fundación Telefónica. 2007.

CASTRO, Bárbara Geraldo de. **Afogados em contratos: o impacto da flexibilização do trabalho nas trajetórias dos profissionais de TI**. Tese de Doutorado. UNICAMP. 2013.

CHEVALLIER, Denis. Des savoirs efficaces. **Terrain**, n° 16. 1991. p. 5-11.

COLBARI, de Lourdes Antonia. Empreendedorismo e capital social no discurso institucional do Sebrae”. **Simbiótica**, Ufes, v. único, n.6. 2014.

DADOY, Mireille. Le retour au métier. In: **Revue Française des Affaires Sociales, Paris, Ministère du Travail, de l'Emploi et de la Formation Professionnelle**. 1989.

DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO. **Relatório de bens protegidos: Estação da Luz**. 2012.

DESCOLONGUES, Michèle. **Qu'est-ce qu'un métier?** Paris, PUF. 1996.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes. 2005.

_____. **A crise das Identidades: A interpretação de uma mutação**. Edições Afrontamento. Porto. 2006.

_____. **Temps de crises et crise des temps. Temporalités**, 13. 2011. Disponível em: <https://journals.openedition.org/temporalites/1563>.

_____. **Construção de si pela atividade do trabalho: a socialização profissional**. Cadernos de pesquisa v.42. p.351- 367. 2012.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Jorge Zahar Editor Ltda. 2014.

FEUERSCHÜTTE, Simone Ghisi; GODOI, Christiane Kleinübing. Competências de Empreendedores Hoteleiros: um estudo a partir da metodologia da história oral. **Turismo - Visão e Ação**, vol.10, n.1, p.39-55. 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=261056097004>.

FRACAROLLI, Thiago Henrique. **Empreendedorismo e precarização: o avanço da “pejotização” e seus reflexos sobre os trabalhadores do campo da tecnologia da informação**. Dissertação de Mestrado. UFU. 2019.

FREIRE, Maria Rafaela Rocha de Sá. **Estimação da demanda (Empírica vs. Teórica) de uma marca de relógios**. TCC PUC Rio. 2016.

FREIDSON, Eliot. Para uma análise comparada das profissões: A institucionalização do discurso e dos conhecimentos formais. **19º Encontro Anual da ANPOCS**. 1995.

_____. **Professionalism. The third logic**. Cambridge: Blackwell, 2007.

GARIGLIO, Sávio. Joalheria e Identidade. **O processo de ensino na escola mineira de joalheria**. Especialização em Ensino de Artes Visuais. UFMG. 2013.

GILL, Lorena Almeida; SCHEER, Micaele Irene (Orgs.). **À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer**. Editora UFPEL. 2015.

HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Félix Alcan. 1925.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. 2ª edição. São Paulo: Annablume. 2006.

_____. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola. 2008.

HUGHES, Everett C. **Men and their work**. Glencoe, The Free Press. 1958.

IANNI, Octavio. As Ciências Sociais na época da globalização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 13, nº37. 1998.

_____. **Enigmas da Modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

IDC. Worldwide Quarterly Wearable Device Tracker. **International Data Corporation**, Massachusetts. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)**. 2005.

JAMESON, Fredric. **As sementes do tempo**. São Paulo: Ática. 1997.

LE GOFF, Jacques. Na Idade média: tempo da Igreja e tempo do mercador. In: **Para um novo conceito de Idade Média: Tempo, trabalho e cultura no Ocidente**. Editorial Estampa (Lisboa). 1980.

LIMA, Jacob Carlos. Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura de trabalho? **Dossiê Sociologias**, Porto Alegre, ano 12, no 25, set./dez. p. 158-198. 2010.

LIU, Sida. Professional Impurities. In: **Professional Work: Knowledge, Power and Social Inequalities**. **Research in the Sociology of Work**, volume 34, 147-167. 2020.

LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida. Relojeiros: análise de uma profissão em dois tempos. **Taller: Revista de Sociedad, Cultura y Política en América Latina, (Segunda Época)**, v. 3, p. 38-55, 2014.

MASCARENHAS, Ícaro Valverde; PÚBLIO, Carlos Alberto Maciel. O direito ao reparo como garantia fundamental do consumidor em face à obsolescência programada dos produtos eletrônicos. **Id on Line Rev. Mult. Psic.** v.14, n. 50, p. 178-194. 2020.

MCCROSSEN, Alexis. **Marking Modern Times**. Chicago, The University of Chicago Press. 2013.

MONCHATRE, Sylvie. Entreprises et métiers: une articulation en tension. In: DEMAZIÈRE Didier, GADÉA, Charles. **Sociologie des groupes professionnels. Acquis récents et nouveaux défis**. La Découverte. pp. 84-94. 2009.

MUNZ, Hervé. Keeping them Swiss. The Transfer and Appropriation of Techniques for Luxury - Watch Repair in Hong Kong. In: LAVIOLETTE, Patrick; MARTÍNEZ, Francisco (publishers). **Repair, Brokenness, Breakthrough: Ethnographic Responses**. Berghahn New York Oxford. 2019.

NAVILLE, Pierre. L'emploi, le métier, la profession. In: FRIEDMAN, G; NAVILLE, P. **Traité de sociologie du travail**. Paris, Armand Colin, 2ème edition. p. 231-240. 1962.

NUNES, Jordão Horta; BUFAIÇAL, Ligia Carvalho de Sillos. O trabalho em higiene e beleza: da informalidade ao profissionalismo. **19º Congresso Brasileiro de Sociologia**. UFSC, Florianópolis, SC. 2015.

OLIVIER-MARTIN, François. **L'organisation corporative de la France d'Ancien Regime**, Paris, Syrey. 1938.

OSTY, Florence. **Le désir de métier**. Rennes, Presses Universitaires de Rennes. 2003.

PAES, Nelson Leitão. Simples Nacional no Brasil: o difícil balanço entre estímulos às pequenas empresas e aos gastos tributários. **Nova Economia**, 24 (3). Belo Horizonte. p. 541- 554. 2014.

PEREIRA, Maria Rosângela. **De trabalhadoras precárias à empreendedoras de confecção? A complexa construção da identidade profissional das trabalhadoras a domicílio da indústria de confecção**. Tese de doutorado (UFRGS). 2011.

PIOTET, Françoise. **La révolution des métiers**. Paris, PUF. 2002.

PRADO Júnior, Caio. **A cidade de São Paulo: Geografia e História**. São Paulo: Brasiliense (Coleção Tudo é História, n.78). 1983.

PRITCHARD, Evans. **The Nuer**. Londres: Oxford. 1940.

PULICI, Carolina. Preferências e aversões estéticas das classes altas de São Paulo. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 1, n. 91, p. 123-139. 2011.

RESENDE, Sancha Livia. **As transformações do trabalho na indústria joalheira de Belo Horizonte (MG): O ofício da Ourivesaria**. Tese de Doutorado. PUC- SP. 2016.

RIZEK, Cibele Saliba. Os dados e seu sentido: algumas interrogações metodológicas em Sociologia do Trabalho. **Caderno CRH**, Salvador, n. 30/31, p. 319 – 337. 1999.

RODRIGUES, Carla. Capitalismo informacional, redes sociais e dispositivos móveis: hipóteses de articulação. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 20, p. 70-83. 2010.

SANTOS, Milton. O tempo nas cidades. In: **Coleção Documentos, Estudos sobre o Tempo, fascículo 2**. 2001.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2008.

SAKS, Mike. **Defining a profession: the role of knowledge and expertise**. **Professions y Professionalism**, 1 (2): 1-10. 2012.

SCHEER, Micaele Irene. **Vestígios de um ofício: o setor calçadista e as experiências de seus trabalhadores na cidade de Pelotas (1940-2014)**. Dissertação de mestrado (PUC-RS). 2014.

SCHUMPETER, Joseph. O Fenômeno Fundamental do Desenvolvimento Econômico. In: **A Teoria do Desenvolvimento Econômico**. Rio de Janeiro: Nova Cultural. 1985.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Revista de Educação e Realidade (Gênero e Mulheres)**, 2 (16): 5-22, Porto Alegre. 1990.

SENNETT, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. **O artífice**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record. 2020.

SERAVO, Vinicius. Muito além de um simples Rolex: breves considerações sobre a legitimidade da alta relojoaria e sua expressão máxima de valor entre as elites paulistanas. **Rev. Sem Aspas, Araraquara**, v.7, n.2, p. 259-266, jul./dez. 2018.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2008.

SOUCHIER, Côme. Alexis McCrossen, Marking Modern Times. **Temporalités**, 28. 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/temporalites/5057>.

STRAUSS, Anselm. **Espelhos e máscaras: A Busca de Identidade**. Edusp. 1996.

SUFRAMA. **Indicadores de desempenho do polo industrial de Manaus 1988 - 2017**. Superintendência da zona franca de Manaus, Brasília. 2018.

TELES, Eduardo Lopes. **O ofício do barbeiro: memória, tradições e modernidades**. Dissertação de Mestrado. UFS. 2012.

THOEMMES, Jens. Sociologie du travail et critique du temps industriel. In: **Les temporalités dans les sciences sociales**, 8. 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/temporalites/9>.

THIRTY- CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Rev. Adm. Pública** v.40 n.1: 27- 55. Rio de Janeiro jan./fev. 2006.

TOMASI, Antônio; SILVA, Ivone. Ofícios de ontem e ofícios de hoje: ruptura ou continuidade? **Anais do XII Congresso Brasileiro de Sociologia. Recife (PE): UFPE. 2007.**

THOMPSON, Edward Palmer. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras. p. 267-304. 1998.

UGHETTO, Pascal. Métier de l'entreprise et exercice du travail avec métier : un défi pour la gestion des compétences. In: CAVESTRO, William; DURIEX, Christine; MONCHATRE, Sylvie. (Coord.). **Travail et reconnaissance des compétences**, Paris, Economica, p. 81-89. 2007.

VASCONCELLOS, Marcele Agosta. À moda dos alfaiates: nuances de um ofício artesanal na cidade de Pelotas. In: **À beira da extinção: Memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer**. Pelotas (RS): UFPEL. p. 71-85. 2015.

VIEIRA, Gerusa de Silva Oliveira **Artesanato: Identidade e Trabalho**. Tese de Doutorado (UFG). 2014.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas, Campinas, 22**, (44): 203-220, ago/dez. 2014.

WEBER, Max. Methodologische Einleitung für die Erhebungen des Vereins für Sozialpolitik über Auslese na Anpassung (Berufswahl und Berufsschickcal) der Arbeiterschaft in der geschlossenen Grossindustrie (1908). In: **M. Weber. Gesammelte Aufsätze zur Soziologie und Soziapolitik**, Tübingen: Mohr. p. 1-60. 1924.

_____. **Economia e Sociedade. Fundamentos da sociologia compreensiva.** Editora UNB. 2004.

_____. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo.** Companhia das Letras. 2004.

ZAMPIERE, Zente Fábio. **Uma análise das mudanças recentes no mercado relojoeiro.** Trabalho de Conclusão de Curso (UFRJ). 2018.

6. APÊNDICE - ROTEIRO DE ENTREVISTA

6.1 Perfil sociodemográfico

- Nome completo:
- Sexo:
- Idade:
- Estado civil:
- Se casado, ocupação do cônjuge:
- Tem filhos? (Se sim, idade dos filhos):
- Cor/Raça:
- Naturalidade:
- Escolaridade:
- Escolaridade do pai:
- Escolaridade da mãe:
- Ocupação do pai:
- Ocupação da mãe:
- Jornada de trabalho semanal:
- Rendimento médio mensal:

6.2 Trajetória no ofício e transformações

- 1) Onde você atua? (Em oficina, relojoaria, relógios de torre, empresa de relógio ou assistência técnica, indústria?)
- 2) Qual é seu vínculo empregatício no ofício: É autônomo, contratado, PJ e/ou MEI, ME? Possui aprendiz ou funcionário?
- 3) Como você chegou ao ofício?
- 4) Se você já teve ou tem funcionário ou ajudante, como foi/é essa relação?
- 5) Você é filiado a algum sindicato de relojoeiro? Se sim, como é sua relação com o sindicato?
- 6) Quais são as transformações por quais o seu trabalho passou? Em algum momento o seu ganho foi mais satisfatório do que agora?
- 7) Você conhece gente que era relojoeiro e deixou a profissão?

6.3 A reconfiguração atual do ofício e as estratégias adotadas para o exercício da ocupação

- 8) Como é o seu trabalho hoje? Quais são as estratégias (comerciais (marketing), financeiras, técnicas) que você adota para exercer o ofício?
- 9) Fale um pouco sobre as relações que você tem com os seus clientes.
- 10) Você gostaria que alguém de sua família praticasse o ofício?
- 11) Como você entende as mudanças ocorridas no ofício de relojoeiro (via MEI, nas licitações para contratos com repartições públicas ou nas atuações dos relojoeiros trocadores de pilha)?

6.4 A relação entre o ofício do relojoeiro com os patrimônios culturais da cidade de São Paulo

- 12) Como você analisa as relações entre o trabalho de relojoeiro com os patrimônios culturais materiais da cidade de São Paulo?
- 12.1) Como o senhor avalia a conservação desses relógios atualmente?

6.5. As perspectivas do ofício para o futuro

- 13) Quais são as perspectivas de seu trabalho para o futuro?
- 14) O senhor tem algo a mais a comentar que não foi falado ainda?
- 15) O senhor conhece outros relojoeiros que atuam na cidade de São Paulo? Você possui o contato deles?

6.6. Comparação entre relojoeiros mecânicos e eletrônicos

- 16) Como você se vê em relação aos relojoeiros mecânicos? O que te diferencia e o que você é semelhante a eles?

6.7. Gênero e relojoaria (relojeira Ana)

- 17) Como você se vê em relação aos demais relojoeiros? O que te diferencia e o que é semelhante?
- 18) Você vê hierarquias? Dificuldades por ser mulher? Discriminações?